

HISTÓRIA



Primeira missa de Victor Meirelles e chegada de Pedro Álvares Cabral de Alfredo Roque Gameiro

História Integrada - Módulos

- 45 – Expansão e colonização francesa
- 46 – Expansão e colonização holandesa
- 47 – Consequências da expansão marítimo-comercial
- 48 – Antigo Sistema Colonial
- 49 – Colonização espanhola
- 50 – A origem do ameríndio
- 51 – Os maias
- 52 – Os astecas
- 53 – Os incas
- 54 – Os indígenas norte-americanos
- 55 – Indígenas brasileiros
- 56 – Política indigenista no Brasil

Módulo

45

Expansão e colonização francesa

Palavras-chave:

• Corsários • Companhias de comércio • Colbertismo

1. A colonização francesa

Antecedentes

A França iniciou tardiamente seu processo de expansão ultramarina. Envolvida na Guerra dos Cem Anos (1337-1453), somente na segunda metade do século XV iniciou as navegações, que proporcionaram a formação de seu Império Colonial na América, estabelecendo-se em áreas desprezadas pelos ibéricos.

As navegações francesas tinham por objetivo encontrar uma passagem a noroeste para a Ásia.

Assim como os ingleses, os franceses organizaram sua ação em termos de pirataria e concessão de **cartas de corso reais** contra as frotas dos países ibéricos, ou por meio de ataques a vilas e povoados da América luso-espanhola. Cabe lembrar que o rei Francisco I questionava o Tratado de Tordesilhas, exigindo para a sua aceitação o “testamento de Adão”.

As conquistas

Na primeira metade do século XVI, os franceses organizaram expedições para o Novo Mundo. Entre 1534

e 1535, Jacques Cartier explorou a foz do Rio São Lourenço, dando-lhe o nome de Nova França. Nesse mesmo período, tentaram fundar uma colônia de povoamento na Baía da Guanabara (atual Rio de Janeiro) que ficou conhecida como “França Antártica”.

Logo em seguida, na França, tiveram início as Guerras de Religião, que envolveriam toda a história francesa até o final do século XVI, atrasando assim os empreendimentos ultramarinos.

No reinado de Henrique IV, a questão religiosa foi apaziguada e retomou-se a ideia de exploração da América. Em 1603, Samuel de Champlain começou a ocupação das terras; em 1608, fundou a cidade de Québec, no Canadá.



Colbert, ministro das Finanças de Luís XIV.

Nessa região, apesar dos esforços para a implantação de atividades agrícolas, desenvolveu-se um lucrativo comércio de peles com os indígenas algonquinos.

Em 1627, o governo do cardeal Richelieu criou a **Companhia de Comércio Nova França**, que recebeu o monopólio do comércio de peles e comprometeu-se a povoar o Canadá.

Em 1642, missionários católicos fundaram a cidade de Montreal, expandindo a área conquistada pela França.

Entre 1673 e 1674, os jesuítas alcançaram a região dos Grandes Lagos, o que possibilitou a descoberta da foz do Rio Mississippi, pelo qual Robert de Cavalier de la Salle, de 1680 até 1682, navegou, anexando todo o território até a nascente do rio, em nome da França, sendo batizado de Louisiana.



O mercantilismo francês proporcionou um afluxo de riquezas para o erário. Sala dos Espelhos, Palácio de Versalhes.

Com Colbert, ministro de Luís XIV, extinguiu-se a **Companhia de Comércio Nova França** e a responsabilidade pela colonização passou para a Coroa Francesa. O Canadá seria transformado em região produtora de madeira e peles, tornando-se uma província do Império.

Nas Pequenas Antilhas, a ocupação francesa deu-se principalmente com a fundação da **Companhia das Índias Ocidentais**, por Colbert. As ilhas ocupadas pela França, a partir de 1635, foram Guadalupe, Martinica, São Cristóvão, São Bartolomeu, São Martinho, Santa Lúcia, Santa Cruz e Granada. Essas áreas improdutivas nas mãos da Companhia de Comércio passaram, em 1674, para o domínio do Estado, produzindo tabaco, algodão, açúcar, cacau, café e madeiras tintoriais.

2. O declínio do Império Francês na América

A ocupação da América do Norte por franceses e ingleses acabou conduzindo a choques inevitáveis entre esses grupos, motivados por interesses econômicos e territoriais.

Os franceses dominavam o comércio de peles com os indígenas, o que atraía a atenção dos ingleses, que já se sentiam limitados, pois a presença francesa na região da Louisiana impedia sua expansão para as áreas a oeste.

Nesses conflitos, era comum a busca de alianças com os grupos indígenas locais. Os franceses estabeleceram aliança com os algonquinos; e os ingleses, com os iroqueses, tribos rivais desde o período pré-colonizador.

A expansão de colonos ingleses para além dos Montes Allegheny resultou em conflito com os franceses que, somado aos conflitos europeus, como a **Guerra de Sucessão Espanhola** (1701 a 1713), retirou da França, de acordo com o **Tratado de Utrecht**, a região de Nova Acádia e Terra Nova, no Canadá.

COLONIZAÇÃO FRANCESA NA AMÉRICA



Mais tarde, novos conflitos envolveram franceses e ingleses. Entre 1756 e 1763, eclodiu a **Guerra dos Sete Anos**, travada em duas frentes: uma americana e outra europeia. A França foi a grande derrotada e, com a assinatura do **Tratado de Paris**, 1763, perdeu o Canadá, Pequenas Antilhas e leste do Rio Mississippi para a Inglaterra. A Espanha (aliada da Inglaterra) recebeu a Louisiana como recompensa pela perda da Flórida para os ingleses.



Richelieu, o responsável pela ampliação do mercantilismo e pela hegemonia da França na Europa.

Durante a Guerra de Independência norte-americana, a França retomou a Louisiana, que, em 1803, foi vendida por Napoleão Bonaparte aos Estados Unidos da América.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M401**

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – Em 1555, um dos mais importantes líderes do protestantismo francês, o Almirante Coligny, enviou uma expedição à América. Em novembro desse mesmo ano, sob o comando de Nicholas Durand de Villegaignon, a expedição chegou ao atual Estado do Rio de Janeiro, onde construiu o forte Coligny e fundou uma colônia denominada França Antártica.

Destaca-se, entre as razões que motivaram a fundação dessa colônia, a

- disputa pela posse das lavouras açucareiras implantadas no território brasileiro.
- luta pelo controle do porto de Paraty, por onde era exportada a produção de ouro.
- retaliação aos católicos pelo massacre de protestantes na “Noite de São Bartolomeu”.
- disputa pela hegemonia do comércio de pau-brasil para a manufatura têxtil.
- necessidade de ampliar o controle territorial francês até a foz do Rio da Prata.

Resolução

Desde os primórdios do século XVI, os franceses se interessavam pela extração do pau-brasil em nosso litoral. A fundação da França Antártica insere-se nessa disputa com os portugueses, bem como nos conflitos entre católicos e huguenotes (protestantes calvinistas) na França.

Obs.: A importância do pau-brasil relacionava-se com a produção de uma tintura vermelha para as manufaturas têxteis da Europa.

Resposta: D

2 (ENEM) – Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592) compara, nos trechos, as guerras das sociedades Tupinambá com as chamadas “Guerras de Religião” dos franceses que, na segunda metade do século XVI, opunham católicos e protestantes. “(...) não vejo nada de bárbaro ou selvagem no que dizem daqueles povos; e, na verdade, cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra. (...) Não me parece excessivo julgar bárbaros tais atos de crueldade [o canibalismo], mas que o fato de condenar tais defeitos não nos leve à cegueira acerca dos nossos. Estimo que é mais bárbaro comer um homem vivo do que o comer depois de morto; e é pior esquartejar um homem entre suplicios e tormentos e o queimar aos poucos, ou entregá-lo a cães e porcos, a pretexto de devoção e fé, como não somente o lemos mas vimos ocorrer entre vizinhos nossos conterrâneos; e isso em verdade é bem mais grave do que assar e comer um homem previamente executado. (...) Podemos portanto qualificar esses povos como bárbaros em dando apenas ouvidos à inteligência, mas nunca se compararmos a nós mesmos, que os excedemos em toda sorte de barbaridades”.

(MONTAIGNE, Michel Eyquem de, *Ensaíolos*, São Paulo: Nova Cultural, 1984.)

De acordo com o texto, pode-se afirmar que, para Montaigne,

- a ideia de relativismo cultural baseia-se na hipótese da origem única do gênero humano e da sua religião.

- a diferença de costumes não constitui um critério válido para julgar as diferentes sociedades.
- os indígenas são mais bárbaros do que os europeus, pois não conhecem a virtude cristã da piedade.
- a barbárie é um comportamento social que pressupõe a ausência de uma cultura civilizada e racional.
- a ingenuidade dos indígenas equivale à racionalidade dos europeus, o que explica que os seus costumes são similares.

Resolução

A resposta correta resulta da simples interpretação do texto apresentado. Podemos, porém, reforçá-la considerando o conceito antropológico de cultura: conjunto da produção coletiva de uma comunidade, independentemente de seu nível de adiantamento técnico. Assim sendo, não se podem estabelecer juízos de valor entre diferentes culturas, com base exclusivamente nas diferenças ou no aparente exotismo dos costumes de uma comunidade. Obs.: No texto transcrito, Montaigne comete uma contradição ao considerar as práticas adotadas pelos europeus, nas guerras entre católicos e protestantes, mais condenáveis que o canibalismo dos tupinambás. Para chegar a essa conclusão, o pensador francês estabeleceu juízos pessoais, sem considerar os valores predominantes na sociedade de seu tempo.

Resposta: B

Exercícios Propostos

1 Quais as razões do atraso da França nas Grandes Navegações?

RESOLUÇÃO:

Os motivos que levaram ao atraso foram: no século XV, o envolvimento na Guerra dos Cem Anos (1337-1453) e a necessidade de recuperação do país após o conflito; no século XVI, as Guerras de Religião (1562-98) entre católicos e huguenotes dividiram o País evitando a união dos esforços que deveriam ser direcionados aos empreendimentos marítimos.

2 Quais as mudanças promovidas na colonização do Canadá com o ministério de Colbert?

RESOLUÇÃO:

Colbert extinguiu a Cia. de Comércio Nova França, e o Canadá se transformou em província do Império. Como consequência a França passou a ocupar-se com a exploração comercial das Pequenas Antilhas.

3 Comente a colonização das Pequenas Antilhas.

RESOLUÇÃO:

Para colonizar as Pequenas Antilhas foi criada a Cia. das Índias Ocidentais que, por não conseguir tornar a região lucrativa, perdeu, em 1674, o domínio sobre ela. A Coroa assumiu o processo colonizador de caráter explorador iniciando a plantação de produtos tropicais.

4 Comente os efeitos da Guerra dos Sete Anos para o Império Colonial Francês.

RESOLUÇÃO:

A França, derrotada na Guerra, perde para a Inglaterra os territórios do Canadá, Pequenas Antilhas e o leste do Mississippi.

5 (ENEM) – Jean de Léry viveu na França na segunda metade do século XVI, época em que as chamadas Guerras de Religião opuseram católicos e protestantes. No texto abaixo, ele relata o cerco da cidade de Sancerre por tropas católicas.

“(…) desde que os canhões começaram a atirar sobre nós com maior frequência, tornou-se necessário que todos dormissem nas casernas. Eu logo providenciei para mim um leito feito de um lençol atado pelas suas duas pontas e assim fiquei suspenso no ar, à maneira dos selvagens americanos (entre os quais eu estive durante dez meses) o que foi imediatamente imitado por todos os nossos soldados, de tal maneira que a caserna logo ficou cheia deles. Aqueles que dormiram assim puderam confirmar o quanto esta maneira é apropriada tanto para evitar os vermes quanto para manter as roupas limpas (…).”

Neste texto, Jean de Léry

- a) despreza a cultura e rejeita o patrimônio dos indígenas americanos.
- b) revela-se constrangido por ter de recorrer a um invento de “selvagens”.
- c) reconhece a superioridade das sociedades indígenas americanas com relação aos europeus.

d) valoriza o patrimônio cultural dos indígenas americanos, adaptando-o às suas necessidades.

e) valoriza os costumes dos indígenas americanos porque eles também eram perseguidos pelos católicos.

RESOLUÇÃO:

O texto se explica por si mesmo, mostrando como um europeu que vivera entre os índios do Brasil assimilou algumas de suas práticas, adaptando uma delas (o uso da rede) às suas necessidades na Europa.

Resposta: D

6 (UFRRJ – MODELO ENEM) – O texto a seguir trata das incursões francesas na América; entretanto, essas ainda não representavam que a França tivesse dado início à sua expansão.

“Ao longo do século XVI, os franceses estiveram na América, mas isso não significava uma atitude sistemática e coerente desenvolvida pela Coroa. Era, no mais das vezes, atuação de corsários e de uns poucos indivíduos. Como exemplo, pode-se mencionar as invasões do litoral brasileiro, (...), e algumas visitas à América do Norte.”

(FARIA, R. de M.; BERUTTI, F. C.; MARQUES, A. M. *História para o Ensino Médio*. Belo Horizonte: Lê, 1998. p.182.)

Dentre os motivos que levaram a França a iniciar tardiamente sua expansão marítima e comercial, podemos destacar

- a) os problemas internos ligados à consolidação do Estado Nacional.
- b) a derrota da França na violenta guerra contra a Alemanha.
- c) a falta de associação entre a Coroa e a Burguesia francesa.
- d) a violenta disputa religiosa entre calvinistas e luteranos.
- e) a não inclusão das classes superiores no projeto expansionista.

RESOLUÇÃO:

As guerras de religião (católicos contra protestantes huguenotes) impediram a unificação do país em torno de uma família real, condição fundamental para a realização das navegações.

Resposta: A

1. Antecedentes

Até 1581, a Holanda, conhecida como províncias flamengas, era uma extensão do Império Espanhol na Europa. O território fora herdado pelo rei Felipe II, de seu pai, o imperador Carlos V. Porém, a opressiva política do rei espanhol levou ao início do movimento de independência, sob a liderança de Guilherme de Orange, que acabou sendo reconhecido pela Espanha somente em 1609. A partir de então, a região passou a ser chamada de Províncias Unidas do Norte.

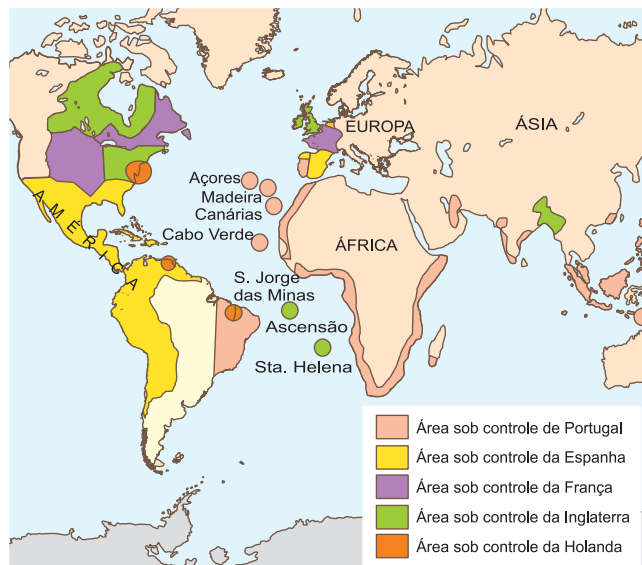
Mesmo durante o período em que esteve subordinada à Espanha, a Holanda desenvolveu-se como um Estado capitalista, inclusive com a burguesia professando uma religião protestante calvinista. Nesse tempo, os holandeses tornaram-se parceiros de Portugal na comercialização do açúcar brasileiro, realizando grandes investimentos nos engenhos de cana-de-açúcar.

O momento da independência da Holanda coincidiu com a formação da **União Ibérica** (1580 a 1640), e Felipe II decretou uma série de sanções contra os holandeses, entre as quais estava a proibição do comércio com as colônias espanholas e também com o Brasil.

Em 1599, os holandeses tentaram uma primeira penetração no Rio de Janeiro, mas não obtiveram sucesso.

Em 1602, fundaram a *Companhia das Índias Orientais* e iniciaram a penetração no Oriente (Índia, Ceilão, hoje Sri Lanka, e ilhas Molucas), além de realizarem o tráfico negreiro com a África.

De 1609 a 1621, foi firmada e vigorou a **Trégua dos Doze Anos**, período em que se intensificaram as compras de açúcar e Amsterdã tornou-se um dos grandes centros refinadores e distribuidores do produto. Com o término da trégua, em 1621, e o início de novos boicotes por parte do governo espanhol, os holandeses criaram a



O mundo dividido entre as potências europeias.

Companhia das Índias Ocidentais (em inglês, *West India Company – WIC*), cuja intenção era garantir investimentos holandeses no açúcar do Brasil, desencadeando as Guerras do Açúcar. Estas, levaram à invasão mal sucedida de Salvador, entre os últimos meses de 1624 e início de 1625; e à posterior ocupação de Pernambuco e parte do Nordeste brasileiro entre 1630 e 1654.

A decadência da ocupação do “Brasil holandês” começou quando os colonos brasileiros se insurgiram contra a Companhia e sua política de execução de dívidas. A **Guerra de Navegação** dos holandeses contra os ingleses de Oliver Cromwell (1651-54), devido à decretação do **Ato de Navegação** (1651) pela Inglaterra, contribuiu ainda mais para o enfraquecimento dos flamengos. Em 1654, os holandeses foram expulsos do Brasil e passaram a produzir açúcar nas Antilhas.



Em marcha lenta nas ilhas do Caribe

Formadas por Barbados, ilhas de Sotavento, Trinidad e Tobago, Guadalupe, Porto Rico e República Dominicana, as Antilhas eram as *Sugar Lands*, ilhas do açúcar, que foram sucessivamente incorporadas ao mercado mundial como produtoras de açúcar e ficaram condenadas até nossos dias. Prisioneiras da monocultura da cana nos latifúndios de vastas terras exaustas, as ilhas sofrem com o desemprego e a pobreza; o açúcar é cultivado em grande escala e em

grande escala irradia suas maldições. Também Cuba continua dependendo, em medida determinante, de suas vendas de açúcar, mas a partir da reforma agrária de 1959, iniciou-se um intenso processo de diversificação da economia da ilha, o que colocou um ponto final no desemprego. Os cubanos não trabalham apenas cinco meses no ano, durante as safras, mas sim doze, ao longo da interrompida e, decerto, difícil construção de uma nova sociedade.

“Pensareis talvez, senhores — dizia Karl Marx em 1848 —, que a produção de café e açúcar é o destino natural das Índias Ocidentais. Há dois séculos, a natureza, que pouco tem a ver com o comércio, não tinha plantado ali nem a árvore do café nem a cana-de-açúcar”. A divisão internacional do trabalho não se foi estruturando por obra e graça do Espírito Santo, senão por obra dos homens ou, mais precisamente, por causa do desenvolvimento internacional do capitalismo.

Na realidade, Barbados foi a primeira ilha do Caribe onde se produziu o açúcar para a exportação em grandes quantidades, desde 1641, embora anteriormente os espanhóis tenham plantado cana na Ilha Dominicana e em Cuba. Foram os holandeses, como vimos, que introduziram as plantações na minúscula ilha britânica. Em 1666, já havia em Barbados 800 plantações de cana e mais de 800 mil escravos. Vertical e horizontalmente ocupada pelo latifúndio nascente, Barbados não teve melhor sorte do que o Nordeste do Brasil. Antes, a ilha desfrutava da policultura; produzia, em pequenas propriedades, algodão, tabaco, laranjas, vacas e porcos. Os canaviais devoraram as culturas agrícolas e devastaram as densas matas em nome do efêmero auge. Rapidamente, a ilha descobriu que seus solos haviam-se esgotado, que não tinha como alimentar sua população e que estava produzindo açúcar a preços fora de concorrência.

O açúcar propagou-se a outras ilhas, em direção ao arquipélago de Sotavento, rumo à Jamaica e, em terras continentais, às Guianas. No começo do século XVIII, os escravos eram, na Jamaica, dez vezes mais numerosos do que os colonos brancos. Também seu solo cansou-se em pouco tempo. Na segunda metade do século, o melhor açúcar do mundo brotava do solo esponjoso das planuras da costa do Haiti, uma colônia francesa que nessa época se chamava Saint Domingue. Ao norte e a oeste, Haiti converteu-se em sorvedouro de escravos, pois o açúcar exigia cada vez mais

braços. Em 1786, chegaram à colônia 27 mil escravos e, no ano seguinte, 40 mil. No outono de 1791, explodiu a revolução. Num só mês, setembro, duzentas plantações de cana foram tomadas pelas chamas; os incêndios e os combates sucederam-se sem trégua à medida que os escravos insurretos iam empurrando os exércitos franceses até o oceano. Os barcos zarparam carregando cada vez mais franceses e cada vez menos açúcar. A longa guerra derramou rios de sangue e devastou as plantações. O país, em cinzas, ficou paralisado; em fins do século, a produção caiu verticalmente. "Em novembro de 1803 quase toda a colônia, antigamente florescente, era um grande cemitério de cinzas e escombros", diz Lepkowski. A Revolução Haitiana tinha coincidido, e não só no tempo, com a Revolução Francesa; o Haiti sofreu também, na própria carne, o bloqueio da coalizão internacional contra a França quando a Inglaterra dominava os mares. Porém, logo sofreu, à medida que sua independência ia-se fazendo inevitável, o bloqueio da França. Cedendo à pressão francesa, o Congresso dos Estados Unidos proibiu o comércio com Haiti, em 1806. Logo em 1825, a França reconheceu a independência de sua antiga colônia, mas em troca de uma gigantesca indenização em dinheiro. Em 1802, pouco depois de Toussaint-Louverture, caudilho dos exércitos escravos, ser preso, o general Leclerc escreveu a seu cunhado Napoleão: "Eis minha opinião sobre

o país: há que suprimir todos os negros das montanhas, homens e mulheres, conservando-se somente as crianças menores de doze anos, exterminar a metade dos negros nas planícies e não deixar na colônia nem um só negro que use jarreteiras". O trópico vingou-se de Leclerc, pois morreu "agarrado pelo vômito negro" apesar das esconjurações mágicas de Paulina Bonaparte, sem poder cumprir seu plano, porém a indenização em dinheiro tornou-se uma pedra esmagadora sobre as costas dos haitianos independentes que haviam sobrevivido aos banhos de sangue das sucessivas expedições militares enviadas contra eles. O país nasceu em ruínas e não se recuperou jamais, hoje é o mais pobre da América Latina.

A crise do Haiti provocou o auge açucareiro de Cuba, que rapidamente converteu-se na primeira supridora do mundo. Também a produção cubana de café, outro artigo de intensa demanda no ultramar, recebeu seu impulso da queda de produção haitiana, porém, o açúcar ganhou a corrida da monocultura e, em 1862, Cuba viu-se obrigada a importar café. Um membro dileto da "sacarcracia" cubana chegou a escrever sobre as "profundas vantagens que se podem tirar da desgraça alheia". À rebelião haitiana sucederam os preços mais fabulosos da história do açúcar no mercado europeu, e, em 1806, Cuba já tinha duplicado, ao mesmo tempo, os engenhos e a produtividade.

(GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*, Paz e Terra. Adaptado.)

Exercícios Resolvidos

1 (MACKENZIE – MODELO ENEM) – “E se a lição foi aprendida a vitória não será vã. Nesse Brasil holandês tem lugar para português e para o Banco de Amsterdam.”

(Calabar – Chico Buarque e Rui Guerra)

Indique a alternativa que justifica o texto relativo às Invasões Holandesas no séc. XVII.

- Após a vitória holandesa, os senhores de engenho continuaram a resistência, sem jamais aceitar o novo dominador.
- A administração de Nassau, marcada pela intolerância religiosa, desencadeou a violenta resistência dos colonos.
- Negros e índios não participaram das lutas contra os invasores holandeses.
- A Companhia das Índias ofereceu créditos, liberdade religiosa e proteção aos colonos, que aos poucos retornaram aos engenhos e à produção.
- Os holandeses não conseguiram dominar Pernambuco, nem conseguiram aliados entre os nativos, sofrendo duros revezes.

Resolução

A política adotada pela Companhia das Índias Ocidentais em relação ao Brasil holandês somente corresponde ao explicitado na alternativa *d* se

considerarmos o Período Nassoviano (1637-44). Antes e depois disso, o que houve foi uma postura de exploração e de arrocho econômico.

Resposta: D

2 (FATEC – MODELO ENEM) – “Guerreado por Madri e pela Holanda, posto em quarentena pela Santa Sé, Portugal busca o apoio de Londres, preferindo a aliança com os distantes hereges a associação com os vizinhos católicos. Dando seguimento vários tratados bilaterais, os portugueses facilitam o acesso dos mercadores e das mercadorias inglesas às zonas sob seu controle na Ásia, África e América.”

(ALENCASTRO, L.F. de, *A economia política dos descobrimentos*; NOVAES, A. (org.), *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p.193.)

O trecho do texto de Alencastro refere-se

- ao período inicial da expansão marítima portuguesa, no qual as rivalidades com a Espanha em torno da partilha da América levaram a uma aproximação diplomática entre Portugal e Inglaterra.
- à época da Restauração, que se seguiu à união dinástica entre as monarquias ibéricas

e que obrigou a Coroa Portuguesa a enfrentar tropas espanholas na Europa holandesa na África e na América.

- à época napoleônica, que acabou por definir o início da aproximação diplomática de Portugal com a Inglaterra, em virtude da articulação franco-espanhola que ameaçava as colônias portuguesas na América.
- ao período de Guerras de Religião, durante o qual a monarquia portuguesa, por aproximar-se dos calvinistas ingleses, passou a ser encarada com suspeitas pelo poder pontifício.
- à época das primeiras viagens portuguesas às Índias, quando muitas expedições foram organizadas em conjunto por Inglaterra e Portugal, o que alijou holandeses e espanhóis das atividades mercantis realizadas na Ásia.

Resolução

A União Ibérica (1580-1640) terminou quando da Restauração Portuguesa, com a ascensão da Dinastia de Bragança. Nessa ocasião, Portugal teve de lutar contra a Espanha (que não queria reconhecer a emancipação lusa) e contra a Holanda, que invadira diversas colônias portuguesas, entre elas o Brasil e Angola.

Resposta: B

1 Que foi a Guerra do Açúcar?

RESOLUÇÃO:

Com a união das coroas ibéricas, foram rompidas as relações luso-holandesas, pois a Espanha se encontrava em guerra com a Holanda. Privados do lucrativo comércio de açúcar brasileiro, os holandeses decidiram apoderar-se das regiões produtoras no Nordeste brasileiro.

2 Como se deu a atuação da Holanda na competição por áreas coloniais?

RESOLUÇÃO:

Deu-se dentro do que se convencionou chamar de “Guerra do Açúcar”, ou seja, da conquista de territórios do Novo Mundo, atacando justamente possessões habsburgas no contexto da União Ibérica.

3 Qual a principal consequência do Ato de Navegação de 1651 para a Holanda?

RESOLUÇÃO:

A não aceitação do “Ato” levou à guerra as duas nações e a Holanda foi retirada do lucrativo comércio colonial pelos ingleses.

4 Que foi a Guerra de Navegação (1652-54)?

RESOLUÇÃO:

Foi a guerra travada entre Holanda e Inglaterra, após a publicação do Ato de Navegação de 1651, na qual a Holanda, derrotada, perdeu a hegemonia marítima para os ingleses.

5 (UFV) – Durante a segunda metade do século XVII, os portugueses perderiam grande parte do controle do comércio do Oriente e das rotas do Oceano Índico para os holandeses, que, por sua vez, logo se veriam superados pelos ingleses. Holandeses e ingleses deviam seu sucesso à capacidade de organizar e financiar seus empreendimentos simultaneamente militares e comerciais.

a) Qual o principal instrumento de política colonial dos holandeses e ingleses?

RESOLUÇÃO:

As companhias de comércio.

b) Aponte um evento que indique os desdobramentos da concorrência entre as grandes potências na América Portuguesa.

RESOLUÇÃO:

A decretação dos Atos de Navegação pela Inglaterra retirava a Holanda do lucrativo comércio colonial, provocando a Guerra de Navegação entre os dois países. A derrota dos holandeses levou a Companhia das Índias Ocidentais a mudar a sua política com os produtores de açúcar do Nordeste brasileiro, cujas dívidas, ao serem executadas, desencadearam um movimento que levaria à expulsão dos batavos do Brasil.



6 (FUVEST – MODELO ENEM) – Este quadro, pintado por Franz Post por volta de 1660, pode ser corretamente relacionado

- a) à iniciativa pioneira dos holandeses de construção dos primeiros engenhos no Nordeste.
- b) à riqueza do açúcar, alvo principal do interesse dos holandeses no Nordeste.
- c) à condição especial dispensada pelos holandeses aos escravos africanos.
- d) ao início da exportação do açúcar para a Europa por determinação de Maurício de Nassau.
- e) ao incentivo à vinda de holandeses para a constituição de pequenas propriedades rurais.

RESOLUÇÃO:

A União Ibérica (1580-1640) fez com que Portugal rompesse relações com a Holanda, a qual até então comercializava o açúcar brasileiro, mas se encontrava em guerra com a Espanha. Em consequência, a Companhia das Índias Ocidentais, formada por capitais holandeses, atacou o Nordeste Brasileiro, principal região produtora de açúcar. Durante a dominação holandesa em Pernambuco, ocorreu a administração de Maurício de Nassau (1637-1644), quem trouxe para o Brasil o pintor Franz Post, autor da tela reproduzida na questão.

Resposta: B

- Sistema colonial tradicional
- Europeização • Tratados

1. Consequências da expansão marítima

Entre as principais consequências da expansão marítimo-comercial europeia, temos:

- **Deslocamento do eixo econômico europeu do Mar Mediterrâneo para o Atlântico-Índico**, em razão da valorização do comércio de produtos orientais africanos e da exploração econômica da América Ibérica. Em decorrência, temos a decadência italiana e a ascensão ibérica, no século XVI.

- Em face das conquistas empreendidas pelos europeus na África, na América e nas Índias, ocorreu a **formação do sistema colonial tradicional** fortemente vinculado à política econômica mercantilista.

- Nas áreas coloniais, os países europeus promoveram o **reaparecimento da escravidão**. Ressalta-se que, a partir de então, ocorreu necessariamente a adequação do novo escravismo às exigências e às bases do pré-capitalismo nascente. No sistema colonial tradicional, o elemento escravo é mercadoria importante na dinamização do sistema mercantil.

- Do ponto de vista cultural-ideológico, ocorreu, nas áreas dominadas pelos europeus, o **início do processo de europeização** do mundo, com a introdução **impositiva** dos valores cristãos ocidentais sobre os povos dominados.

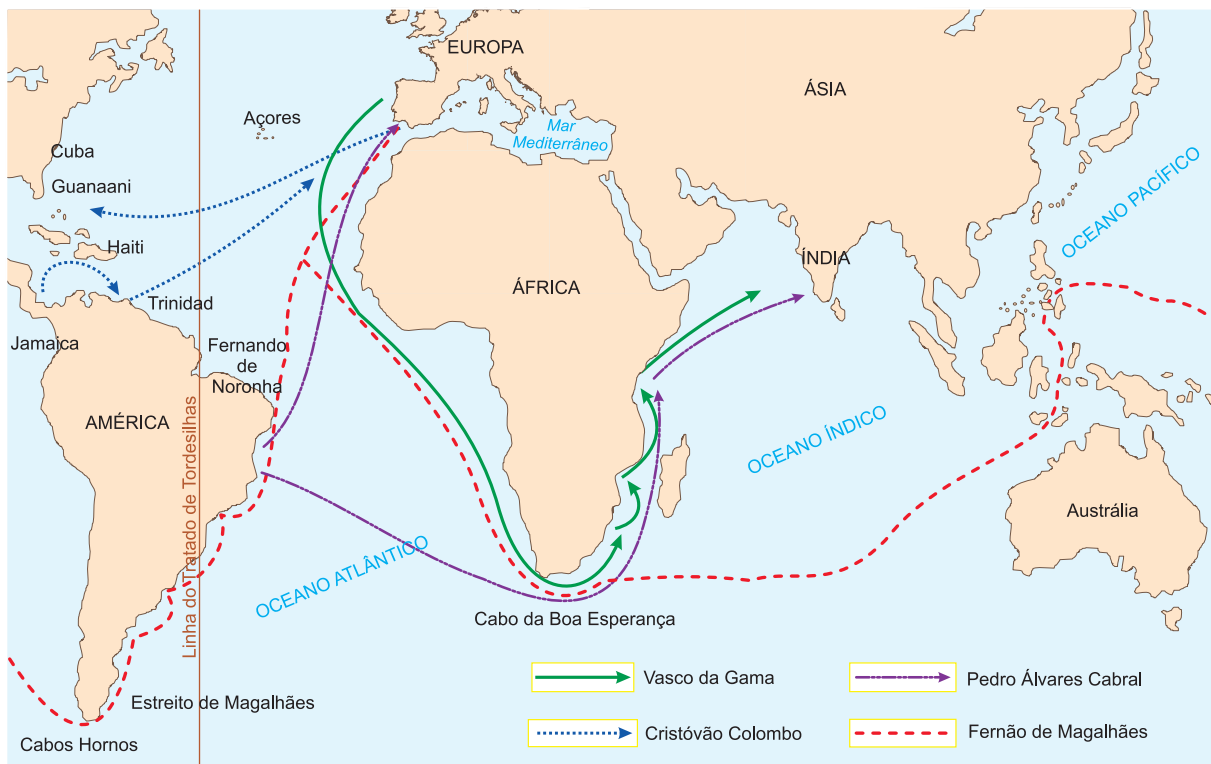
- A expansão marítimo-comercial e o seu consequente sucesso econômico constituíram um elemento de **contribuição para o processo de fortalecimento do Estado Moderno (absolutista)**.

- As grandes navegações e principalmente o sistema colonial contribuíram para a **aceleração da acumulação capitalista**, por meio da adoção da política econômica mercantilista, adotada pelos Estados europeus absolutistas.



Caravela de Colombo

AS PRINCIPAIS VIAGENS DA EXPANSÃO MARÍTIMO-COMERCIAL EUROPEIA



Impositiva: ato de se impor, obrigatória.

2. Portugal e Espanha dividem o novo mundo

Diante da rivalidade que invariavelmente surgia entre Portugal e Espanha, pela disputa das terras recém-descobertas, os dois reinos ibéricos firmaram uma série de tratados de partilha.

Tratado de Toledo (1480)

Anterior à fase mais intensa dos descobrimentos espanhóis e do aumento da rivalidade.

Segundo tal tratado, Portugal cedia à Espanha as Ilhas Canárias, no litoral africano, e recebia o monopólio do comércio e navegação no litoral africano ao sul da Linha do Equador.

Bula *Inter Coetera* (1493)

Em função do aumento da rivalidade diante do descobrimento da América, o **papa Alexandre VI**, de nacionalidade espanhola, mediu a questão.

Este pontífice estipulou um **meridiano divisório que passaria 100 léguas a oeste de Cabo Verde**, o que atendia a interesses hispânicos: a Espanha ficaria com as terras situadas a oeste do meridiano, recebendo, portanto, toda a América, e Portugal ficaria com as terras a leste, que na realidade eram uma vasta região do Oceano Atlântico.

Evidentemente, tal divisão provocou os mais veementes e enérgicos protestos do rei absolutista de Portugal, D. João II, que passou radicalmente a exigir a mudança de tal acordo. Este fato é que deu origem a um novo tratado.

DIVISÃO DO NOVO MUNDO



Tratado de Tordesilhas (junho de 1494)

Em função dos protestos portugueses, foi estipulada uma nova linha imaginária e divisória passando, agora, **370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde. Desta forma, parte das terras do Brasil já passavam a pertencer a Portugal.** Calcula-se que, provavelmente, a linha de Tordesilhas passaria por Laguna (Santa Catarina) e Belém (Pará), mas aquela nunca chegou a ser concretamente demarcada. Com tal tratado, os países ibéricos procediam à divisão das terras do Ocidente.

Tratado ou Capitulação de Saragoça (1529)

Mediante este acordo, os países ibéricos realizavam a partilha das terras orientais, criando também uma linha imaginária e divisória que passaria pelas proximidades da região das Ilhas Molucas.

Esse conjunto de tratados ibéricos de partilhas das terras ocidentais e orientais provocou uma forte reação dos países **marginalizados** em Tordesilhas, como Inglaterra, França e Holanda. Estes, a partir do século XVI, iniciaram uma série de represálias políticas aos ibéricos, como ataques, saques de corsários e invasões das possessões ibéricas na América, África e Ásia.

Marginalizados: aqueles que foram colocados à margem, deixados de lado.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M402**

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – “Segundo o historiador Paul Lovejoy, com o tráfico negreiro em grande escala a escravidão na África deixou de ser uma entre outras formas de dependência pessoal, como ocorria na sociedade ‘de linhagem’. A partir de então, o continente negro pôde ser integrado a uma rede internacional de escravidão controlada pela burguesia mercantil europeia.”

(José Jobson de A. Arruda e Nelson Piletti, *Toda a História*.)

Considerando o texto e os conhecimentos sobre a história africana, pode-se afirmar que

- as sociedades africanas, essencialmente o Congo, desconhecedor do Estado e do trabalho compulsório, desorganizaram-se completamente diante da chegada dos europeus.
- o contato das nações europeias com a África Subsaariana, a partir do século XV, trouxe importantes transformações para o continente e, em especial, deu novo significado à escravidão.
- com a chegada dos portugueses a Ceuta em 1415, os povos africanos iniciaram seus contatos comerciais a longa distância e iniciaram o uso do ouro como meio de troca.
- a ausência de Estados organizados na África Subsaariana permitiu que os colonizadores europeus construíssem impérios coloniais, como se estabeleceu na América.

e) antes da chegada europeia na África abaixo da Linha do Equador, a escravidão de negros nesse continente era uma experiência das poucas regiões islamizadas.

Resolução

De acordo com o texto, embora já presente na África Subsaariana, a escravidão adquiriu novos significados a partir do contato dos africanos com os europeus, no século XV. Se anteriormente era utilizada como uma forma de dependência pessoal, a partir de então, adquire, fundamentalmente, aspectos mercantis.

Resposta: B

2 (ENEM) – “A identidade negra não surge da tomada de consciência de uma diferença de pigmentação ou de uma diferença biológica entre populações negras e brancas e(ou) negras e amarelas. Ela resulta de um longo processo histórico que começa com o descobrimento, no século XV, do continente africano e de seus habitantes pelos navegadores portugueses, descobrimento esse que abriu o caminho às relações mercantilistas com a África, ao tráfico negreiro, à escravidão e, enfim, à colonização do continente africano e de seus povos.”

(K. Munanga. *Algumas considerações sobre a diversidade e a identidade negra no Brasil*. In: *Diversidade na educação: reflexões e experiências*. Brasília: SEMTEC/MEC, 2003, p. 37.)

Com relação ao assunto tratado no texto, é correto afirmar que

- a colonização da África pelos europeus foi simultânea ao descobrimento desse continente.
- a existência de lucrativo comércio na África levou os portugueses a desenvolverem esse continente.
- o surgimento do tráfico negreiro foi posterior ao início da escravidão no Brasil.
- a exploração da África decorreu do movimento de expansão europeia do início da Idade Moderna.
- a colonização da África antecedeu as relações comerciais entre esse continente e a Europa.

Resolução

O texto transcrito mostra que a África Negra foi “descoberta” pelos portugueses no século XV, ou seja, no início da Idade Moderna. E, na sequência, descreve a exploração daquele continente – primeiro com tráfico negreiro, depois com o neocolonialismo – como uma decorrência do processo de descobrimento.

Resposta: D

Exercícios Propostos

1 Quais as principais repercussões das grandes navegações?

RESOLUÇÃO:

Fortalecimento das monarquias nacionais; expansão do cristianismo; aceleração da acumulação primitiva de capitais; ascensão da burguesia ibérica; escravidão em bases mercantilistas; deslocamento do eixo econômico para o Atlântico-Índico.

2 Quais foram e que determinavam os tratados de limites assinados entre Portugal e Espanha?

RESOLUÇÃO:

Tratado de Toledo: a Espanha recebe as Ilhas Canárias e Portugal recebe o monopólio do comércio no litoral africano.

Bula Inter Coetera: Portugal teria direito a todas as terras que fossem encontradas numa área de 100 léguas, distante a oeste de Cabo Verde.

Tratado de Tordesilhas: anulava a Bula Inter Coetera e estabelecia o direito de Portugal às terras encontradas numa área afastada a 370 léguas a oeste de Cabo Verde.

Tratado de Saragoça: divisão das terras orientais entre Portugal e Espanha, estabelecendo um meridiano que passaria ao lado das Ilhas Molucas.

3 Analise as proposições I, II e III e assinale a opção correta.
I – Somente no fim do século XV, quando Portugal já percorreria grande parte do litoral africano, a Espanha iniciou suas primeiras viagens, procurando encontrar uma rota marítima para as Índias.

II – Portugal, temeroso de que seu domínio da costa africana e seu plano de alcançar diretamente as Índias fossem prejudicados pelos novos descobrimentos espanhóis, celebrou com a Espanha um tratado, a fim de garantir os interesses dos dois países.

III – A partilha do mundo ultramarino deixava Portugal na posse do Atlântico afro-brasileiro e ao mesmo tempo lhe assegurava o caminho marítimo para as Índias, que os portugueses procuravam alcançar contornando o continente africano.

- a) Se forem verdadeiras as proposições I, II e III.
- b) Se forem verdadeiras somente as proposições I e II.
- c) Se forem verdadeiras somente as proposições I e III.
- d) Se forem verdadeiras somente as proposições II e III.

Resposta: A

4 (UFC) – O Tratado de Tordesilhas, assinado em 7 de junho de 1494 e confirmado nos seus termos pelo papa Júlio II em 1506, representou para o século XVI um marco importante nas dinâmicas europeias de expansão marítima. O tratado visava

- a) demarcar os direitos de exploração dos países ibéricos, tendo como elemento propulsor o desenvolvimento da expansão comercial marítima.
- b) estimular a consolidação do reino português, por meio da exploração das especiarias africanas e da formação do exército nacional.
- c) impor a reserva de mercado metropolitano espanhol, por meio da criação de um sistema de monopólio que atingia todas as riquezas coloniais.
- d) reconhecer a transferência do eixo do comércio mundial do Mediterrâneo para o Atlântico, depois das expedições de Vasco da Gama às Índias.
- e) reconhecer a hegemonia anglo-francesa sobre a exploração colonial, após a destruição da Invencível Armada de Felipe II, da Espanha.

RESOLUÇÃO:

Tanto Portugal como a Espanha desejavam garantir as descobertas por eles obtidas na busca de um caminho para as Índias.

Resposta: A

5 (UFSCar – MODELO ENEM) – “Antes deste nosso descobrimento da Índia, recebiam os mouros de Meca muito grande proveito com o trato da especiaria. E assim, o grande sultão, por mor dos grandes direitos que lhe pagavam. E assim também ganhava muito Veneza com o mesmo trato, que mandava comprar a especiaria a Alexandria, e depois a mandava por toda a Europa.”

(Fernão Lopes de Castanheda, *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses* (1552-1561), citado por Inês da Conceição

Inácio e Tânia Regina de Luca, *Documentos do Brasil Colonial*. SP:

Ática, 1993. p. 19.)

O texto refere-se

- a) à união política e militar entre venezianos e mouros, contrários às navegações portuguesas.
- b) à chegada dos navegantes portugueses à Índia, comprovando empiricamente a esfericidade da Terra.
- c) ao enriquecimento do grande sultão muçulmano, às custas do empobrecimento das cidades italianas.
- d) ao deslocamento do comércio lucrativo de especiarias da região do Mar Mediterrâneo para o Oceano Atlântico.
- e) ao projeto de expansão marítima da coroa portuguesa, preocupada em difundir a fé cristã.

RESOLUÇÃO:

A questão refere-se ao processo de crise do monopólio italiano sobre o comércio oriental, provocado pela expansão ultramarina, liderada por Portugal, que, atingindo as Índias através do périplo africano, determinou o deslocamento do eixo comercial do Mediterrâneo para os oceanos Atlântico e Índico.

Resposta: D

- MetrÓpole, colônia
- Pacto colonial • Ciclo econômico

1. Conceito de Antigo Sistema Colonial

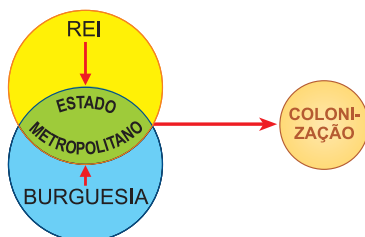
Sistema colonial deve ser conceituado como o conjunto de relações de dominação e subordinação mantido entre metrÓpoles e colônias a partir de meados do século XVI. O referido sistema perdurou até meados do século XVIII, quando passou a conhecer suas crises.

O sistema colonial originou-se como um **desdobramento ou consequência da expansão marítimo-comercial europeia**.

O referido sistema foi criado a partir das conquistas e descobertas efetuadas pelas metrÓpoles europeias, representadas por Portugal, Espanha, Inglaterra, França e Holanda, que estabeleceram e formaram seus impérios coloniais em áreas de três continentes: a América, a África e a Ásia.

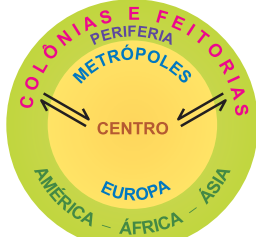
O estabelecimento do sistema colonial deu-se em torno de uma **acirrada competição** entre as metrÓpoles europeias, agravada principalmente em função dos aspectos decorrentes da política ibérica de partilha das terras recém-descobertas, como o **Tratado de Tordesilhas**, de 1494.

ORGANOGRAMA DA COLONIZAÇÃO



A colonização da Época Moderna correspondeu aos interesses do Estado Absolutista e da burguesia mercantil europeia, fortalecendo o primeiro e enriquecendo a segunda.

SISTEMA COLONIAL



As setas representam as relações de dominação e subordinação entre colônias e metrÓpoles, constituindo o chamado "Pacto Colonial".

O citado sistema denomina-se **sistema colonial tradicional**, relacionado à fase da Revolução Comercial, à adoção da política econômica mercantilista e ao Estado Absolutista europeu. A denominação "tradicional" é utilizada para diferenciá-lo do **sistema colonial industrial** (neocolonialismo) criado em função da Revolução Industrial, a partir do século XIX (partilha da África e da Ásia).

2. Elementos constitutivos

O sistema colonial tradicional é composto por dois polos ou áreas e pelas relações mantidas entre eles. Dessa forma, temos:

MetrÓpoles: o centro do sistema

Os países europeus já mencionados atravessam o momento de afirmação da Revolução Comercial, com o desenvolvimento das características de um **modo de produção** em transição: o Estado Moderno, caracterizado pelo absolutismo político; aplicação da política econômica mercantilista; e uma sociedade de classes em formação, concomitantemente à decomposição da sociedade estamental e à ascensão da burguesia mercantil.

As áreas metropolitanas atuavam como centro dinâmico e área de emanção das decisões políticas e econômicas básicas.

A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA E ESPANHOLA NO SÉCULO XVI



A América Espanhola dava à sua metrÓpole o ouro e, principalmente, a prata, desenvolvendo o metalismo. O Brasil entregava seus produtos a Portugal, primeiro o pau-brasil, depois o açúcar, que eram comercializados na Europa.

Colônias: a periferia do sistema

Estas áreas localizadas na América, África e Ásia eram formadas por **colônias e feitorias**. As primeiras operavam no **nível da produção de mercadorias**, implicando consequentemente a fixação de mão de obra. As feitorias operavam no **nível da transação de mercadorias**.

As relações entre metrÓpole e colônia

Entre os dois polos constituintes do sistema colonial, o centro e a periferia, existia um conjunto de **relações de dependência e dominação**, denominado **Pacto Colonial**.

Modo de produção: modo pelo qual se organiza a produção, combinando-a com certos tipos de relações sociais e uma certa forma de apropriação do excedente do trabalho.

Tal conjunto pode ser explicado pelo **monopólio régio do comércio e da navegação coloniais**, denominado "exclusivo", e pelo **monopólio régio da exploração de determinados produtos coloniais**, tais como a extração do pau-brasil, sal, diamantes etc., esses produtos eram monopólios reais, conhecidos como "**estanco**".

É a existência do Pacto Colonial que fornece as relações entre as partes constitutivas do sistema colonial, estabelecendo a ideia de um modelo global do sistema, caracterizando as áreas periféricas (colônias) como elementos integrados dentro do capitalismo comercial e destinados a uma função específica: fortalecer o desenvolvimento econômico das metrópoles.

3. A produção colonial

As áreas periféricas tropicais completavam a produção europeia, concentrando-se em alguns gêneros de alta lucratividade, como o açúcar e os minérios, ou em determinadas matérias-primas, como o algodão. Isso fazia da produção colonial uma produção especializada.

Para entendermos a produção colonial, temos de penetrar na própria **montagem de um sistema produtor na América**. Nessa montagem devem ser levados em conta os **fatores de produção: recursos naturais**, no caso a terra, eram abundantes na América e não constituíam problema para a montagem; **os capitais** nos países europeus, de um modo geral, eram extremamente escassos; **a mão de obra existia** em certos países, como a França e a Inglaterra, mas ante o problema dos capitais, não poderia ser remunerada. A solução para a falta de capitais estava na **utilização de formas de trabalho compulsório**, como a servidão temporária (*os indentured servants*), encontrada nas colônias inglesas da América do Norte, e a **mita**, uma forma de servidão indígena aplicada pela Espanha, na região do Peru. Para países como Portugal e Espanha, em que havia escassez de mão de obra, a solução, nas colônias, foi a utilização do trabalho escravo.

4. Tipos ou formas de colonização

No sistema colonial tradicional, encontramos diversas formas de colonização, mas, de um modo geral, elas podem ser agrupadas em dois grandes tipos ou formas: **as colônias de povoamento e as de exploração**.

Colônia de povoamento

Pode ser exemplificada pelas colônias inglesas na América do Norte, que tiveram as seguintes características:

Estanco: monopólio instituído pelo Estado.
Mita: instituição de origem incaica, baseado no trabalho compulsório e temporário, que foi também utilizado pelos espanhóis.

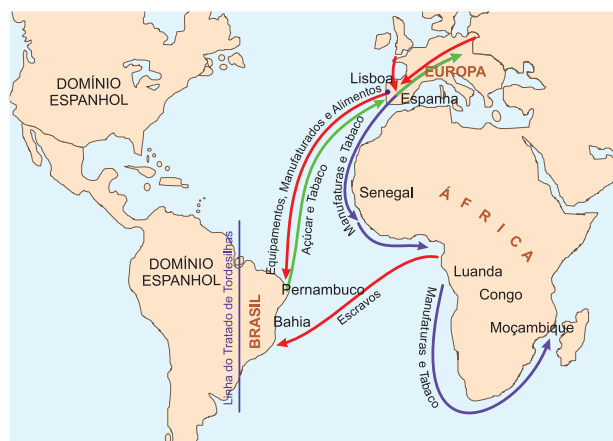
- O povoamento foi feito fundamentalmente por **grupos familiares**, extremamente relacionados aos **refugiados religiosos e puritanos ingleses**. Dessa forma, o povoamento era **permanente** e os colonos possuíam um grande **ideal de fixação**, associado a um desejo de **prosperidade e desenvolvimento**, tentando reproduzir na América, o máximo possível, a forma de vida que possuíam na Europa. Dessa reprodução, decorreu até o nome das colônias do Norte: Nova Inglaterra.

- Os colonos ingleses possuíam o **ideal de acumulação**, associado à noção de **valorização do trabalho, à poupança e à capitalização**.

- Os capitais gerados na produção colonial eram **investidos no próprio local**, convergindo para a metrópole apenas os tributos. Esta **aplicação local dos capitais** estava relacionada à ideia de reconstrução de uma nova vida na América.

É evidente que a aplicação local dos capitais colaborou sobremaneira para a **criação de um mercado interno**.

- A **produção colonial** atendia também às **necessidades internas**, com base em **pequenas propriedades agrícolas**, com grande utilização do trabalho familiar.



- ➔ Função importadora: os produtos que a colônia consumia, e não podia produzir internamente, ela comprava da metrópole. Muitos desses produtos a metrópole comprava na Europa.
- ➜ Função exportadora: produção colonial era exportada para a metrópole e, daí, para a Europa e para a África.
- ➡ Produtos coloniais e metropolitanos

- Todas as características anteriores consequentemente refletiram-se sobre a **valorização da educação e da instrução**.

- Ideal de emancipação (desenvolvido **precoce-mente**).

Colônia de exploração

Pode ser exemplificada pela colonização portuguesa no Brasil, com as seguintes características:

Refugiados religiosos: aqueles que buscavam esconder-se na América por serem perseguidos na Inglaterra por motivos religiosos.
Puritanos ingleses: protestantes adeptos da doutrina calvinista.
Precocemente: amadurecimento anterior à fase própria.

• A colonização foi desenvolvida basicamente com **grupos de indivíduos, de forma espontânea** e, conseqüentemente, temporária. Dessa forma, os colonos **não possuíam ideal de fixação**, apenas a ideia de **grande exploração econômica**, de forma imediata e sem grandes custos de investimentos.

Os colonos portugueses possuíam o **ideal de enriquecimento rápido na colônia** ("fazer a América") **para ser desfrutado na metrópole**. Esta intenção de rápido regresso a Portugal estava relacionada à denominada mentalidade transoceânica. Por isso mesmo é que não vinham (de um modo geral) com a família.

• **A acumulação de capitais conseguida na periferia do sistema convergia basicamente para o centro do sistema**, acarretando o esgotamento dos recursos coloniais e, conseqüentemente, o enriquecimento da metrópole.

• Em decorrência, **não existia um mercado interno**, e sim a constituição de uma **economia extrovertida e dependente**, atendendo fundamentalmente às necessidades metropolitanas.

• A produção colonial era desenvolvida **em grandes propriedades agrícolas**, com base na mão de obra escrava.

• **Em consequência de todas essas características, havia** a desvalorização do papel da mulher na **vida colonial**, bem como da educação e da instrução.

• O ideal ou sentimento de nacionalidade desenvolveu-se mais tardiamente.

Em decorrência da diferença de formas de colonização, ocorreram diferentes processos histórico-econômicos posteriores. Dessa forma, o **Brasil Colônia não prosperou** (no sentido do capitalismo europeu) **em razão da forma ou tipo de colonização**, e não por causa de fatores normalmente apontados, tais como clima, raça, problemas de **miscigenação** ou religião, que são carentes de base histórico-científica.

Uma exceção na tentativa de implantar colônias de povoamento no Brasil foi a realizada no **litoral de Santa Catarina e Rio Grande do Sul**, no século XVIII, quando as referidas áreas foram povoadas por **portugueses açorianos**, que para cá se deslocaram de forma permanente e familiar, desenvolvendo uma produção baseada na pequena propriedade. Tal foi o caso, por exemplo, de Florianópolis, Laguna, Torres e outras regiões.

Periferia do sistema: refere-se à colônia, cuja vida gravitava em torno dos interesses da metrópole.

Economia extrovertida e dependente: uma economia que produz

para o mercado externo e que depende das necessidades desse mercado para gerar a riqueza interna.

Miscigenação: cruzamento inter-racial, mestiçagem.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M403**

Exercícios Resolvidos

1 (FGV – MODELO ENEM) – "Desdobramento da expansão comercial e marítima dos tempos modernos, a colonização significava a produção de mercadorias para a Europa, naquelas áreas descobertas em que as atividades econômicas dos povos 'primitivos' não ofereciam a possibilidade de se engajarem em relações mercantis vantajosas aos caminhos do desenvolvimento capitalista europeu. Assim, passava-se da simples comercialização de produtos já encontrados em produção organizada, para a produção de mercadorias para o comércio."

(Fernando Novais – *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial*, p.73.)

Neste texto, o autor descreve:

- A integração de áreas do território americano ao mercado europeu, a partir do século XVI.
- As relações econômicas entre a Europa Ocidental e a Europa do Leste, no século XVI, quando prevaleceu o capitalismo comercial.

c) As diferenças entre a colonização da América e a da África.

d) A organização, na Ásia, do Antigo Sistema Colonial.

e) A incorporação dos povos indígenas ao capitalismo europeu.

Resolução

O texto do professor Novais demonstra que a colonização da América foi um "desdobramento da expansão comercial e marítima dos tempos modernos", isto é, pela colonização, o continente americano integrou-se ao comércio europeu.

Resposta: A

2 (FUVEST – MODELO ENEM) – Comparando as colônias da América portuguesa e da América espanhola, pode-se afirmar que

- as funções dos *encomenderos* foram idênticas às dos colonos que receberam sesmarias no Brasil.

b) a mão de obra escrava africana foi a base de sustentação das atividades mineradoras, em ambas as colônias.

c) a atuação da Espanha, diferente da de Portugal, foi contrária às diretrizes mercantilistas para suas colônias.

d) as manufaturas têxteis foram proibidas por ambas as Coroas, e perseguidas as tentativas de sua implantação.

e) as atividades agrárias e mineradoras se constituíram na base das exportações das colônias das duas Américas.

Resolução

A colonização espanhola e portuguesa na América caracterizou-se como de exploração, dentro da política mercantilista, voltada para o enriquecimento da metrópole. Nesse contexto, a mineração e a agricultura foram as atividades econômicas mais importantes – se bem que na América Espanhola a mineração era prioritária e, no Brasil, teve importância somente no século XVIII.

Resposta: E

1 Diferencie o tipo de mão de obra utilizada nas áreas de exploração portuguesa e espanhola.

RESOLUÇÃO:

Portugal: escrava

Espanha: mita e encomienda

2 Como podemos justificar o desenvolvimento das colônias da Nova Inglaterra em comparação com as demais áreas de colonização?

RESOLUÇÃO:

A Nova Inglaterra (colônias no Norte da América do Norte), ficavam numa região de clima temperado e por isso desenvolveu-se uma colonização de povoamento. A produção era voltada para o mercado interno, facilitando assim, o desenvolvimento econômico e a acumulação interna de capital.

3 Defina Pacto Colonial.

RESOLUÇÃO:

Relação de dominação da metrópole sobre a colônia, onde esta se subordina aos interesses da primeira.

4 Relacione mercantilismo e sistema colonial tradicional.

RESOLUÇÃO:

O mercantilismo foi a política econômica que serviu de base para a estruturação do sistema colonial tradicional.

5 No período colonial, o Brasil, exemplo típico de colônia de exploração, apresentava as seguintes características:

- a) grande propriedade, policultura, produção comercializada com outras colônias e mão de obra livre.
- b) pequena propriedade, cultura de subsistência, produção para o consumo interno e trabalho livre.
- c) colonato, produção manufatureira comercializada com a metrópole e mão de obra compulsória.
- d) latifúndio, cultura de subsistência, produção destinada ao mercado interno e mão de obra imigrante.
- e) grande propriedade, monocultura, produção para o mercado externo e mão de obra escrava.

RESOLUÇÃO:

Como área tropical, Portugal opta pela colonização tipicamente de exploração.

Resposta: E

6 **(MODELO ENEM)** – Durante a época Moderna, o sistema de **plantation**

- a) propagou-se pela Europa Ocidental e caracterizou-se pela pequena exploração agrícola, pelo trabalho assalariado e pela produção em pequena escala de gêneros alimentícios.
- b) disseminou-se pelo continente africano e caracterizava-se pela prática do escambo entre os conquistadores europeus e as tribos nativas.
- c) instalou-se no continente americano e tinha como características o latifúndio, a escravidão e a produção em larga escala de matérias-primas e gêneros tropicais.
- d) foi uma particularidade da América de colonização ibérica e caracterizava-se pela grande propriedade agrícola, escravidão e produção de manufaturados.
- e) foi uma especificidade da América anglo-saxã e tinha como características a pequena propriedade, o trabalho familiar e o desenvolvimento do mercado interno colonial.

RESOLUÇÃO:

O sistema de plantation é uma marca das colônias de exploração, dentro do sistema colonial tradicional, tendo como elementos o latifúndio e a produção em larga escala de matérias-primas e gêneros tropicais, utilizando a mão de obra escrava (na América Espanhola, também se empregou o trabalho compulsório indígena).

Resposta: C

- Vice-reinos • Casa de contratação
- Frotas anuais/porto único

1. As bases da colonização

A ocupação e exploração da América foi feita sob o comando do rei, mediante as necessidades do capitalismo comercial e orientada pela política econômica mercantilista. Coube ao rei a direção e montagem do processo de exploração econômica e comercial da América; à burguesia, o exercício do **monopólio** comercial; e à nobreza, as funções administrativas.

Criou-se o sistema colonial tradicional, mecanismo de exploração das riquezas da América. Nas áreas tropicais e subtropicais, foram fundadas colônias em função das riquezas materiais oferecidas para exploração e, nas áreas de clima temperado, colônias em razão das necessidades de povoamento.

Pode-se dizer que a grande propriedade agrícola no Novo Mundo, base das chamadas colônias de exploração, assentava-se sobre o tripé: **latifúndio**, monocultura e escravidão. A escravidão moderna praticada dentro das normas mercantilistas (fonte de acumulação de capital) foi predominante nas colonizações portuguesa, francesa e inglesa.

O trabalho compulsório do indígena predominou nas colônias espanholas de exploração. A riqueza gerada pela exploração de áreas tropicais foi enviada à Europa, convertendo-se em acumulação capitalista.

Diferentemente dos exploradores que vinham buscar o enriquecimento fácil na América, colonizadores com a intenção de se fixar e de fugir das perseguições religiosas na Europa fundaram colônias de povoamento, marcadas por pequena e média propriedades, policultura e trabalho livre, ou ainda pela servidão temporária. A produção de riquezas circulava dentro do próprio mercado da colônia.

As relações entre colônias e metrópoles eram determinadas pelo Pacto Colonial, que submetia as primeiras, mediante uma série de normas, aos interesses de fortalecimento dos Estados Modernos Absolutistas e do capitalismo comercial.

2. A administração espanhola na América

As terras americanas eram consideradas propriedade pessoal dos reis espanhóis. Assim, a administração seguiu um rígido esquema determinado pela Coroa.



Páginas do catecismo para índios, do frei Pedro de Gante.

Durante a fase de conquista europeia, grandes extensões de terras eram entregues aos chefes conquistadores, os quais eram denominados **adelantados** e possuíam autonomia de poder dentro do território.

Com a descoberta das minas de prata e ouro, a Coroa Espanhola, fortalecida, retirou a independência dos adelantados e redefiniu a administração da América.

A subdivisão do território da América Espanhola encontrou sua forma definitiva no século XVIII, como segue:

- **Vice-Reinos: Nova Espanha**, criado em 1535, compreendendo o oeste do atual território norte-americano, o México e parte da América Central; **Peru**, criado em 1543, formado pelos atuais Peru e parte da Bolívia; **Nova Granada**, criado em 1717, abrangendo os atuais Equador, Panamá e Colômbia; **Rio da Prata**, criado em 1776, composto pelos atuais territórios da Argentina, Paraguai, Uruguai e parte da Bolívia.
- **Capitanias Gerais**: Cuba, Guatemala, Venezuela e Chile.

Órgãos administrativos

No século XVI, a Espanha já organizava os órgãos que controlariam, a partir da Europa, as possessões americanas.

Em 1503, foi criada a **Casa de Contratação**, com a tarefa de fiscalizar a exploração colonial e impedir o contrabando, por meio da contagem e registro das riquezas coloniais. Originalmente, as funções reservadas à Casa de Contratação eram comerciais. Durante o reinado de Felipe II, ela passou a ter um papel meramente fiscalizador das áreas coloniais, ficando subordinada ao **Conselho das Índias**, criado em 1524 por Carlos V. Esse órgão passou a controlar os assuntos relativos à América,

tais como nomeação de vice-reis, capitães-gerais e Audiências, além de funcionar como tribunais de apelação para os colonos e fazer as leis para a América. Durante o reinado de Felipe II, o Conselho das Índias foi submetido ao próprio rei, esvaziando-se o seu poder.

Os responsáveis pela realização de sindicância sobre os funcionários espanhóis na América eram os **Juizes de Residência**, enquanto os **Visitadores** eram encarregados de fazer inspeções não previstas regularmente e que eram definidas em razão das necessidades da Coroa, como, por exemplo, verificar a ocorrência de abusos ou fazer reformas administrativas.

A maior autoridade executiva da América, escolhida dentro da nobreza, eram os vice-reis. Eram representantes diretos da Coroa Espanhola que monopolizavam as funções militares, judiciais (presidente da **Audiência** da capital do vice-reino), fiscais (membro do Tribunal de Contas), administrativas (distribuir **repartimientos**, doar terras), religiosas (autoridade da Igreja das Índias) e financeiras (presidente da Junta da Fazenda Colonial). Função semelhante à do vice-rei era exercida pelos capitães-gerais, que governavam as **capitanias gerais** e constituíam a autoridade executiva máxima nessas áreas.

Na América, os principais órgãos administrativos eram representados pelas **Audiências** e **Cabildos**.

A partir de 1526, as chamadas **Audiências**, que correspondiam aos tribunais de justiça criados na Espanha, foram transplantadas para a América, estas ficavam subordinadas ao **Conselho das Índias** e representavam a justiça real em todo o território colonial. Os critérios de implantação das audiências no continente americano foram baseados na concentração demográfica e na importância econômica das regiões. Eram representadas pelos **ouvidores** (nomeados pelo rei e com função vitalícia) e, embora consistissem em poder local, não se tratava de um poder limitado, na medida em que aos ouvidores cabia, entre outras tarefas, a de fiscalizar os



vice-reis. As **Audiências** mais importantes, na América, foram as do México, Lima, Guatemala, Bogotá, Quito, Santiago do Chile e Buenos Aires.

Os **Cabildos** ou **Ayuntamientos** correspondiam às Câmaras Municipais. Constituía o poder político local e gozavam de autonomia em relação à Espanha. Formados pela elite local, eram responsáveis pela política, pela administração e, também, pela eleição de uma autoridade política e judiciária, conhecida como **alcaide**.

Todo esse aparelho burocrático montado pela Coroa tinha por finalidade impedir o contrabando, garantir a manutenção do monopólio comercial e da cobrança de impostos, o que levaria, conseqüentemente, ao seu próprio fortalecimento.



A Igreja teve presença marcante no processo colonizador.



Colombo e os reis católicos.



Felipe II, que levou o Império Espanhol ao apogeu.

Entre os impostos cobrados pela Espanha na América, figuravam o taxado sobre o comércio externo e interno, por vias marítimas, denominado **almojarifazgo**; sobre a extração mineral, denominado **quinto**; sobre a circulação de mercadorias e sobre índios em idade adulta, aptos a trabalhar, chamado de **alcavala**; e o de proteção aos galeões que faziam o comércio entre Espanha e América, denominado de **avería**.

Além dos impostos, a Espanha adotou, como meio de manter um rígido fiscalismo sobre a América, o sistema de portos únicos. Na Espanha, o porto comercial ficava em Sevilha e, posteriormente, foi transferido para Cádiz. Na América, os portos autorizados a realizar importações e exportações foram fixados no Panamá (Porto Belo), México (Vera Cruz), Colômbia (Cartágena) e Cuba (Havana).

O poder eclesiástico completava a administração colonial. Para que se efetivasse o processo de colonização foram criadas as **missões** ou **reduções**, para a evangelização dos nativos. A partir de 1571, foram montados os **Tribunais do Santo Ofício da Inquisição**, para perseguir e punir os hereges.

3. A estrutura social e a mão de obra

Quanto à estrutura social, havia profundas diferenças entre as classes sociais, com relação aos nascidos na Espanha e aos nascidos na América. Podemos identificar, claramente, quatro grupos: **chapetones** ou **guachupines**, brancos nascidos na Espanha e que na América ocupavam os cargos burocráticos da administração; **criollos**, brancos nascidos na América que, apesar de constituírem a elite econômica local, estavam impedidos

de assumir cargos superiores dentro da administração; **mestiços**, resultado da miscigenação de brancos e indígenas, que desempenhavam funções como as de capatazes e artesãos; e **escravos negros**, que, trazidos da África, eram utilizados em várias atividades.

O **grupo indígena** era majoritário e constituía a base de sustentação da economia colonial. Eram considerados vassallos do rei e sobre eles recaía a tarefa mais árdua: trabalhar para fortalecer o Império Espanhol. Eram obrigados a pagar impostos, e o pagamento era feito com trabalho compulsório. Uma das formas de pagamento era a **encomienda**, segundo a qual era dado ao colonizador o direito de posse sobre um território e os indígenas que nele se encontravam; esses indígenas, para permanecerem no território, pagavam tributos sob a forma de trabalho e, em troca, recebiam a catequese. Outra forma de imposto era o **repartimiento**, instituído pela Coroa para a construção de grandes obras públicas ou para a exploração de regiões ricas, como, por exemplo, minas e grandes latifúndios; consistia no recrutamento de massas indígenas, que era feito, geralmente, por sorteios, e, em troca do trabalho, o indígena recebia um salário. Esse fato, porém, não significa dizer que se tratavam de relações capitalistas de trabalho, pois este era compulsório e assemelhava-se à **mita** e ao **cuatequil**, instituições, respectivamente, incaica e asteca, que foram formas de exploração de trabalho exercidas pelas elites dessas civilizações.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M404**

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – Sobre a implementação do sistema colonial espanhol na América temos as asserções:

I – A Casa de Contratação era a instituição responsável por todas as questões coloniais, fossem de natureza judicial, legislativa, militar ou eclesiástica.

II – O Conselho das Índias era uma importante instituição, pois estava incumbida de centralizar a administração das colônias; portanto, competia a essa a suprema autoridade sobre todas as questões coloniais, fossem de natureza judicial, legislativa, militar ou eclesiástica.

III – A Casa de Contratação tinha como função central a organização do comércio, o recolhimento de impostos e a fiscalização dessas áreas.

Dessas afirmações, está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) I e II somente.
- e) II e III somente.

Resolução

A afirmativa I está incorreta porque a Casa de Contratação era responsável pelo controle do comércio colonial para impedir o contrabando.

Resposta: E

2 (UNESP – MODELO ENEM) – "(...) desde o começo até hoje a hora presente os espanhóis nunca tiveram o mínimo cuidado em procurar fazer com que a essas gentes fosse pregada a fé de Jesus Cristo, como se os índios fossem cães ou outros animais: e o que é pior ainda é que o proibiram expressamente aos religiosos, causando-lhes inumeráveis aflições e perseguições, a fim de que não pregassem, porque acreditavam que isso os impediria de adquirir o ouro e riquezas que a avareza lhes prometia."

(Frei Bartolomeu de Las Casas.

Brevíssima relação da destruição das Índias, 1552.)

No contexto da colonização espanhola na América, é possível afirmar que

- a) existia concordância entre colonizadores e missionários sobre a legitimidade de sujeitar os povos indígenas pela força.
- b) os missionários influenciaram o processo de conquista para salvar os índios da cobiça espanhola.
- c) colonizadores, soldados e missionários respeitavam os costumes, o modo de vida e a religião dos povos nativos.
- d) os padres condenavam as atitudes dos soldados porque pretendiam ficar com as riquezas das terras descobertas.
- e) os missionários condenavam o uso da força e propunham a conversão religiosa dos povos indígenas.

Resolução

O texto reflete o choque – frequente na América Espanhola e também na América Portuguesa – entre os missionários católicos (notadamente jesuítas) e os conquistadores espanhóis, acerca da forma de tratar os indígenas para incorporá-los ao processo colonizador.

Resposta: E

- 1 Sobre a administração espanhola na América, responda:
a) Quais os principais órgãos criados e quais as suas funções?

RESOLUÇÃO:

Casa de Contratação, criada em 1503, para fiscalizar a exploração colonial; Conselho das Índias, criado formalmente em 1524, responsável por toda a administração colonial; Audiências, que eram tribunais de justiça.

- b) Que eram as reduções ou missões e qual sua importância no processo colonizador?

RESOLUÇÃO:

As missões eram os aldeamentos indígenas, responsáveis pela catequização e transplante do universo ideológico europeu para as áreas coloniais.

- 2 Que foi a *encomienda*?

RESOLUÇÃO:

Encomienda: direito de um colono exigir que um grupo de índios, vivendo dentro de suas posses, lhe pagassem tributos sob a forma de trabalho, sob pretexto de catequizá-los.

- 3 Defina *repartimiento*.

RESOLUÇÃO:

Repartimiento, inspirado na mita incaica, consistia no direito de requisitar de uma aldeia um grande número de indígenas para o trabalho em grandes obras ou em grandes áreas de exploração, como minas e latifúndios.

- 4 "A espada, a cruz e a fome dizimaram a família selvagem". A propósito dos versos do poeta chileno Pablo Neruda, comente os efeitos da colonização para os indígenas da América.

RESOLUÇÃO:

Conquista e subordinação dos povos ameríndios. Destruição da sua cultura e modo de vida, além da imposição de valores culturais europeus.

- 5 (MODELO ENEM) – "As aldeias de índios estão forçadas a entregar certa quantidade de seus membros aptos para realizar trabalhos (...), durante um prazo determinado. Esses índios são compensados com certa quantidade de dinheiro e destinados aos mais variados serviços."

Este trecho da obra de Sérgio Bagú, *Economia da sociedade colonial*, apresenta as condições de trabalho compulsório

- dos diversos grupos indígenas das áreas colonizadas por espanhóis e portugueses.
- dos grupos indígenas das áreas espanholas submetidos à instituição da "mita".
- dos grupos indígenas das áreas portuguesas submetidos às regras da "guerra justa".
- dos grupos indígenas das áreas agrícolas de colonização espanhola submetidos ao regime de "encomienda".
- dos grupos indígenas das áreas portuguesas e espanholas originários das "missões" dos jesuítas.

RESOLUÇÃO:

De origem incaica, a mita foi utilizada pelos espanhóis como sua principal mão de obra na América.

Resposta: B

- Estreito de Bering
- Heterogeneidade • Hipóteses

1. Qual América?

A América é um continente com uma área aproximada de 42 083 606 km², ou seja, possui 28,2% das terras emersas do globo terrestre. Localiza-se no Hemisfério Ocidental, dividindo-se, no sentido norte-sul, em América do Norte e América do Sul, ligadas por um verdadeiro istmo associado a um conjunto de ilhas, que constituem a América Central. Do lado leste existe o Oceano Atlântico e, a oeste, o Oceano Pacífico. Liga-se ao continente asiático pelo pequeno Estreito de Bering, situado no extremo noroeste do continente.

O processo migratório desencadeado pela colonização prolonga-se até a atualidade. Esse processo contribuiu para a formação das sociedades nacionais, distribuindo-se desigualmente pelo continente, a ponto de se poder falar em uma **América branca** (Anglo-Saxônica e países do Prata), uma **América índia** (países andinos), uma **América hispano-índia** (regiões centro-americanas e Paraguai) e **países de mestiçagem multirracial**, como o Brasil.

Convém lembrar que esse imenso continente teve um processo heterogêneo de conquista e dominação pelos colonizadores europeus e, portanto, não é possível tratar a História da América de forma homogênea na atualidade, desconsiderando as especificidades do processo colonizador.

Assim, nos dias de hoje, vemos com nitidez que, sob os aspectos econômico, social, político e cultural, a América também é dividida de forma desigual. No Norte, temos uma América industrial e imperialista, enquanto, no Sul, a chamada América Latina permanece presa a estruturas arcaicas e, juntamente com os países da África e da Ásia, compõe o Terceiro Mundo.

2. A origem do homem na América pré-colombiana

A primeira coisa que é necessário saber ao se iniciar o estudo da História da América é ter consciência de que esta não é uma tarefa fácil, principalmente no que diz respeito aos chamados povos pré-colombianos.

As dificuldades devem-se, principalmente, ao fato de os "conquistadores", ao chegarem ao continente, terem destruído grande parte dos monumentos, obras de arte e os chamados "códices" (manuscritos), os principais materiais de trabalho dos historiadores. Além disso, mas em menor proporção, antes da chegada dos espanhóis,

OS MAIS ANTIGOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA AMÉRICA



alguns povos americanos, como os astecas, por exemplo, também tinham o hábito de destruir os vestígios dos povos por eles dominados. Grande parte das informações que possuímos desse período foi dada pela visão dos europeus, a versão dos "vencedores".

Mas quem eram os povos americanos? Como chegaram ao continente? Esta é uma questão importante já que a tese do autoctonismo foi posta por terra.

Atualmente, trabalhamos basicamente com duas hipóteses para explicar o povoamento do continente antes da chegada dos europeus. Uma delas é a hipótese asiática, defendida pelo dinamarquês Ales Hrdlicka, que considera os ameríndios descendentes de populações da Ásia Oriental, que atravessaram o Estreito de Bering na última glaciação (cerca de 40 mil anos), quando uma violenta mudança climática no planeta transformou o Estreito numa "ponte de gelo", facilitando a locomoção entre os dois continentes. No entanto, essa explicação não é suficiente para justificar a **heterogeneidade** dos diversos povos pré-colombianos.

Heterogeneidade: qualidade de heterogêneo; de diferente natureza.

A hipótese polinésia, defendida por Paul Rivet, sustenta, com base nas semelhanças etnográficas, linguísticas e biológicas, ter existido também um povoamento da América realizado por povos vindos da Polinésia.

Segundo essas **hipóteses**, os primeiros habitantes da América, quando aqui chegaram, ainda não conheciam as técnicas da agricultura, vivendo basicamente da coleta, caça e pesca. Como não possuíam a noção de Estado (que só aparece nas sociedades mais complexas), viviam em pequenas comunidades caracterizadas pela propriedade coletiva dos meios de produção e distribuição das atividades, conforme os critérios de sexo e idade. Os laços de parentesco nessas sociedades eram seu elo, reforçados pela crença em antepassados míticos comuns, nos quais baseavam as suas crenças.

O panorama encontrado pelos primeiros habitantes da América iria modificar-se quando uma nova transformação climática e ecológica ocorreu por volta do ano 7 mil a.C. A temperatura da terra tornou a subir, numerosas espécies de animais que esses povos caçavam desapareceram, assim como a "ponte de gelo" do Estreito de Bering. Isolados do outro continente e com uma nova realidade, muitos povos começaram a buscar a sua sobrevivência em outras atividades, destacando-se entre elas a agricultura, que implicaria a sedentarização e, conseqüentemente, o primeiro passo para a urbanização das grandes civilizações, como a dos maias, astecas e incas. Estima-se que, quando da chegada do colonizador europeu, a América possuía entre 25 e 40 milhões de habitantes.



As populações indígenas da América.

Distribuindo-se pelo continente, esses povos tiveram processos diferenciados de estruturação de suas sociedades. Fato esse perceptível em razão de, no momento de chegada dos colonizadores, os grupos apresentarem variados graus de desenvolvimento cultural e material.

Podemos, entretanto, encaixá-los em três grandes grupos, que representam três estágios de desenvolvimento, segundo a classificação do **antropólogo** norte-americano Morgan:

Paleolítico (selvageria)

Grupos cuja subsistência dependia da caça, pesca, coleta vegetal e agricultura rudimentar, localizados principalmente no Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina.

Neolítico (barbárie)

Grupos já sedentarizados, com prática da agricultura e uma relativa organização social, política e econômica, localizados no norte da América do Sul, América Central e, praticamente, em toda a América do Norte.

Civilização

Sociedades complexas em alguns aspectos, como o seu modo de produção, localizadas no México, Guatemala, Nicarágua, Peru, Bolívia e Equador.

A Antropologia contemporânea considera o esquema evolutivo de Morgan extremamente rígido e, até certo ponto, preconceituoso, e defende que, na realidade, existem diversidades étnicas e não grupos humanos "superiores" ou "inferiores" como insinua a teoria de Morgan. Entretanto, esse esquema evolutivo será utilizado nas próximas aulas.



O estreito de Bering visto da Ilha Pequena Diomedes (EUA).

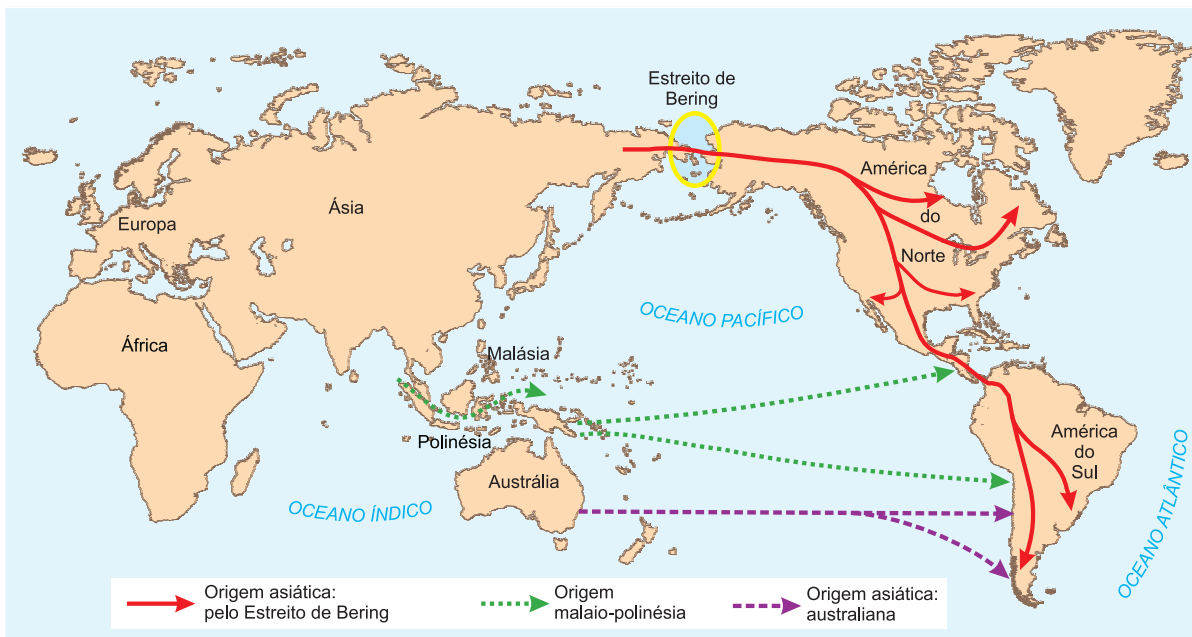


No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M405**

Hipótese: suposição, conjectura.

Antropólogo: especialista em Antropologia, ciência que estuda e classifica os caracteres físico-culturais de grupos humanos.

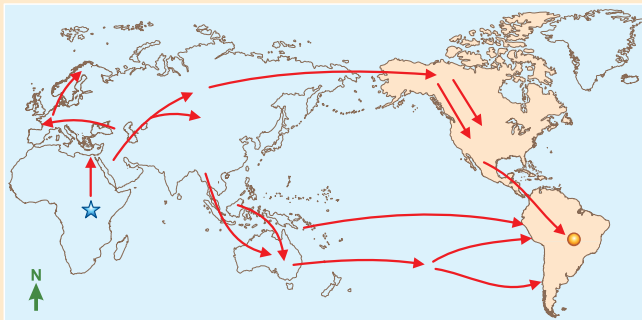


O Oriente Médio é considerado o "berço da civilização", pois foi ali que surgiram os primeiros homens. O mapa mostra as correntes migratórias em direção à América. O índio brasileiro, segundo as mais recentes pesquisas antropológicas, teria vindo da Ásia e da Polinésia.

Exercícios Resolvidos

1 (MODELO ENEM) – Observe o mapa.

MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS: O HOMEM CHEGA À AMÉRICA



- ★ Provável região do surgimento da espécie humana
- Fósseis humanos mais antigos do continente
- Prováveis rotas do ser humano para a América

Assinale a alternativa que se relaciona com as diversas hipóteses de origem do homem americano.

- a) O mapa justifica a hipótese de o homem americano apresentar características mongoloides ou pré-mongoloides, povos oriundos da Mongólia e Sibéria que penetraram no continente americano pelo Estreito de Bering.
- b) Segundo o que demonstra o mapa, o homem chegou à América em migrações esporádicas, navegando pelo Pacífico, vindo da Europa e África.
- c) Segundo o mapa, o homem americano é autóctone, ou seja, surgiu no próprio continente, embora não exista nenhum fóssil anterior ao *Homo sapiens sapiens*.
- d) Observando o mapa, fica evidente que o ser humano não chegou no continente americano pelo oceano Pacífico, apesar de esse ser o caminho mais "curto".
- e) No continente sul-americano, o fóssil mais antigo é de uma mulher conhecida por Maria, encontrada em 1975 próximo a Serra da Capivara/PI, datada de 11 500 anos.

Resolução

A hipótese mais aceita é a da origem asiática do homem americano. Durante uma glaciação, o estreito de Bering (que separa a Ásia da

América) congelou, formando uma ponte de gelo que permitiu, durante algum tempo, a passagem de algum contingente populacional.

Resposta: A

2 (UFPE – MODELO ENEM) – “O longo processo evolutivo, que se realizou na África, culminou com a aparição do homem na Terra (o chamado gênero *Homo*), a partir de um ancestral comum ao homem e aos macacos antropóides. O *Homo erectus* e o *Homo ergaster* migraram da África, há pelo menos um milhão de anos e povoaram a Ásia. O *Homo antecessor* iniciou o povoamento da Europa, há 800 000 anos, o homem de Neandertal ocupava também a Europa e a Ásia Menor. Todas essas espécies extinguíram-se, restando apenas o *Homo sapiens* moderno, única espécie sobrevivente, à qual todos pertencemos.”

Baseado nessas informações, analise as proposições a seguir:

- 1) A América estava completamente despovoada quando Colombo ali chegou, pela primeira vez, descobrindo o chamado Novo Mundo.
- 2) A América, antes dos descobrimentos dos espanhóis e portugueses, já estava povoada por numerosos grupos humanos de diferentes culturas, embora todos pertencessem à mesma espécie humana, a do *Homo sapiens* moderno.
- 3) Depois de povoar a Ásia, o *Homo erectus* conseguiu chegar também à América, faz meio milhão de anos.
- 4) Os primeiros homens que povoaram a América chegaram desde a Ásia através do Estreito de Bering.
- 5) Os primeiros habitantes da América pertenciam a uma espécie humana hoje extinta.

Estão corretas apenas

- a) 1 e 2. b) 2 e 3. c) 3 e 5. d) 2 e 4. e) 1 e 5.

Resolução

A afirmativa 1 está incorreta porque a América já era povoada, tanto que Colombo os chamou de “índios” por acreditar que havia chegado às Índias (expressão usada naquela época para designar o Oriente).

A afirmativa 3 está incorreta porque o homem da América não possui mais de 18 mil anos (oficial) ou no máximo 50 mil (Niede Guidon).

A afirmação 5 está incorreta, pois só existe um tipo de homínido, com a mesma origem ancestral.

Resposta: D

1 Segundo critérios étnicos, divida o continente americano.

RESOLUÇÃO:

América Branca (Anglo-Saxônica e países do Prata), América Índia (países andinos), América Hispano-Índia (áreas centro-americanas e o Paraguai), América Negra (parte das Antilhas) e países de mestiçagem multirracial (como o Brasil).

2 Explique as hipóteses para a origem do homem americano.

RESOLUÇÃO:

Hipótese asiática: o homem americano tem sua origem, provavelmente, na Ásia Oriental, e aqui chegou através do estreito de Bering.

Hipótese polinésia: o povoamento da América deu-se por povos da Polinésia, que deslocando-se pelas ilhas do Pacífico Sul chegaram até a costa andina.

3 Podemos considerar que, quando os conquistadores europeus chegaram à América, as sociedades estavam estruturadas de maneira homogênea? Comente.

RESOLUÇÃO:

Não, cada sociedade encontrava-se estruturada de forma diversa. Algumas já com Estado organizado e complexo, e outras ainda com uma organização tribal.

4 Comente, de forma crítica, o esquema de Morgan que classifica os grupos americanos.

RESOLUÇÃO:

Morgan utiliza um esquema rígido e, em grande parte, preconceituoso, pois avalia os grupos humanos comparando-os com o modo de vida do homem branco ocidental (europeu), afim de classificá-los como superiores ou inferiores.

5 **(MODELO ENEM)** – “Até meados dos anos 1990, predominava na literatura a ideia de que a ocupação da América pelo *Homo sapiens* teria se dado por três levas distintas. Uma primeira, conhecida como Ameríndia, teria dado origem à esmagadora maioria dos índios das três Américas; uma segunda, aos Na-Dene da costa pacífica do Canadá e dos Estados Unidos; e uma terceira, responsável pelos atuais esquimós e aleútes. Denominado ‘Modelo das Três Migrações’, foi sugerido no início dos anos 1980 por Cristy Turner II, Stephen Zegura e Joseph Greenberg, baseado em três pilares: a diversidade dentária, linguística e genética das populações nativas americanas. Quando da publicação original do modelo (Greenberg et al., 1986), os estudos sobre variabilidade genética baseavam-se em produtos gênicos, como as proteínas séricas, por exemplo, e não na diversidade do DNA propriamente dito. A partir de meados dos anos 1990, mas principalmente a partir do final da década, dois outros modelos passaram a desfrutar de grande interesse entre a comunidade especializada, sobretudo porque questionavam seriamente o modelo tripartite. O primeiro deles, originalmente batizado por Neves e Pucciarelli (1989, 1990, 1991) como ‘Modelo das Quatro Migrações’, foi mais tarde renomeado ‘Modelo dos Dois Componentes Biológicos Principais’ por duas razões: a dificuldade de se estabelecer, de fato, o número real de migrações que ocorreu no processo de colonização da América e o progresso das informações advindas da Biologia Molecular, baseadas agora no estudo dos polimorfismos da própria fita do DNA recombinante.”

(http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012007000100001&script=sci_arttext
acesso em 5/4/2010.)

A partir da leitura do texto, é possível afirmar que

- até hoje a explicação sobre a origem do homem americano continua a mesma.
- o homem americano tem uma origem asiática, uma malaio-polinésia e uma europeia.
- uma única leva de asiáticos foi responsável por todo o povoamento do continente americano.
- não existe comprovação científica da origem asiática do homem americano.
- é mais provável que a América tenha sido povoada por várias migrações de homens asiáticos.

RESOLUÇÃO:

A partir de análises da Biologia Molecular, constatou-se que o homem americano tem origem em várias migrações asiáticas para o continente americano.

Resposta: E

1. A cultura olmeca e teotihuacana

A sedentarização do homem e a prática da agricultura, na região do México e da América Central – conhecida como Mesoamérica –, ocorreram entre 5 000 e 4 000 anos antes de Cristo.

Por volta de 2000 a.C. surgiram os primeiros aglomerados humanos, as aldeias transformaram-se em centros cerimoniais e surgiu a classe sacerdotal, responsável pelos cultos, principalmente os vinculados à fertilidade.

Os sacerdotes, detentores do saber, passaram a controlar, também, o excedente agrícola, tornando-se uma classe mais poderosa ainda. Organizava-se um Estado teocrático dentro dessas sociedades.

Entre 1500 e 500 a.C. floresceu a **cultura olmeca**, na costa sul do Golfo do México. Essa civilização agrícola, que vivia principalmente da produção de milho, desenvolveu a construção de reservatórios de pedra para o armazenamento de água.

Os olmecas tinham como dirigente, em suas comunidades, a classe sacerdotal, a quem pagavam impostos, seja sobre a produção agrícola ou a artesanal.

Os principais centros dessa cultura foram La Venta, San Lorenzo e Três Zapotes. Por volta do século I a.C., chegava ao fim a cultura olmeca, que legou às posteriores uma avançada técnica agrícola, o artesanato têxtil e de barro, um sistema de escrita e numeração, um calendário – o religioso com 260 dias e o civil com 365 dias –, além de uma religião extremamente organizada.

O poder político era exercido pelos sacerdotes de origem olmeca e a sociedade já se organizava de forma mais complexa.

A religião era extremamente importante, a ponto de a principal manifestação artística desse povo, a arquitetura, voltar-se para a religiosidade. Foi durante seu apogeu que essa civilização construiu a Cidade dos Deuses – Teotihuacán –, totalmente planejada, e também pirâmides dedicadas ao Sol e à Lua, ricamente decoradas com esculturas e afrescos.

A cidade de Teotihuacán, localizada no nordeste do Vale do México, estendeu seus domínios por todo o México Central entre 300 e 600 d.C. A população de Teotihuacán, sucessora dos olmecas, aperfeiçoou as técnicas de cultivo, desenvolveu o sistema de irrigação e as **chinampas** (técnica de plantio feita sobre esteiras de varas flutuantes que eram colocadas no Lago Texcoco).

A cultura teotihuacana desapareceu durante o século VI, sendo difícil precisar quais fatores foram responsáveis por tal fato. Porém, presume-se que doenças, rebeliões ou invasões expliquem a destruição da Cidade dos Deuses e sua civilização.

2. Os maias

No momento em que Teotihuacán entrou em decadência, o sul da Mesoamérica conheceu o esplendor da civilização maia.

Durante o apogeu de sua civilização, os maias dominaram a Península de Yucatán no sudeste do México, quase toda a Guatemala, parte das Honduras e El Salvador, e Belize, ocupando o território da antiga cultura olmeca.

A denominação maia é utilizada em função da semelhança linguística entre os povos da região. Originários das regiões setentrionais, atual Estados Unidos, estabeleceram-se inicialmente ao norte da Guatemala e Honduras, constituindo a mais antiga das civilizações pré-colombianas.

Características gerais

Os maias não chegaram a constituir um império. Ao contrário do que se pensava, as cidades maias estiveram constantemente em conflito, sendo sua organização caracterizada pela formação de **cidades-Estado**.

O poder político era teocrático e hereditário. Cada cidade-Estado possuía um governante local que devia obediência ao poder central.

A sociedade era rigidamente dividida e a posição social era dada pelo nascimento. No topo da pirâmide social, estava a família governante, altos funcionários do Estado (sacerdotes e militares) e comerciantes; abaixo destes, vinham os cobradores de impostos, militares e responsáveis pelas cerimônias; na base da pirâmide, encontravam-se os trabalhadores braçais.



Guerreiro maia, baixo-relevo



Templo do Jaguar, em meio à floresta tropical em Tikal.

Na economia, o cultivo da terra era coletivo e as comunidades pagavam um imposto também coletivo, caracterizando-se pelo modo de produção asiático, pois ao Estado cabia a propriedade das terras e à comunidade, a posse útil. O principal produto cultivado era o milho, base da alimentação dos maias.

Além da produção agrícola, os maias davam significativa importância às atividades comerciais. Os mercadores eram os responsáveis pela realização de trocas de produtos agrícolas e artesanais.

A religião defendia que o destino dos homens era controlado pelos deuses, aos quais prestavam cultos, realizavam cerimônias e construíam templos em forma de pirâmides com escadarias, utilizando mão de obra camponesa recrutada de forma compulsória. Ainda em função da religião, desenvolveram a escultura em terracota, a pintura e o calendário cíclico, com 52 anos, a partir dos seus sofisticados estudos de Astronomia. Com a intenção de facilitar os cálculos, inventaram o zero. A escrita elaborada é denominada glífica, e consiste em um conjunto de caracteres que representam parcialmente um objeto ou algo relacionado a esse objeto.

O novo Império Maia

Por volta do ano 900, iniciou-se o declínio do Império Maia que, dois séculos mais tarde, passou a sofrer influência da cultura tolteca.

Os toltecas, originários do grupo linguístico nua, haviam ocupado o Planalto Central Mexicano e transformado Tula em sua capital. Formavam uma sociedade urbanizada e militarista, com forte presença da religião, que tinha como deus principal Quetzalcoatl (serpente emplumada).

A partir de então, ocorreu a fusão das culturas maia e tolteca, dando início ao chamado Novo Império Maia, que lentamente assistiu ao declínio dessa civilização.

Quando os espanhóis chegaram, os maias já estavam em decadência. Entretanto, deixaram a marca da sua cultura em muitos povos vizinhos na Mesoamérica. As hipóteses para explicar a sua decadência são muitas. Entre elas, podemos citar o esgotamento do solo em razão da prática da agricultura de coivara ou queimada, a deficiência alimentar (o consumo de carne e, portanto, de proteína era raríssimo) e ainda os acirrados conflitos internos entre os diversos líderes das cidades-Estado.

Entre 1517 e 1697, os espanhóis realizaram a conquista do Império Maia, marcada pela violência do branco contra o indígena, pela força das armas em busca do ouro.

Entre as culturas pré-colombianas, somente os maias resistiram à conquista europeia; não acreditavam, como os outros povos, que os europeus fossem deuses que chegavam à América.



Queimador de incenso feito em barro, proveniente do período clássico.



As três grandes civilizações pré-colombianas.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M406**



Saiba mais

MODO DE PRODUÇÃO TRIBUTÁRIO

Existiu um modo de produção que Marx começou a analisar na Índia, denominado Modo de Produção Asiático. O que Marx não tinha condições de saber é que esse modo de produção se localizava também no Egito Antigo, na Creta Micênica, na África Negra ou na América Pré-colombiana. Para evitar confusões geográficas, vamos denominar esse modo de produção como Modo de Produção Tributário.

Quais são as características desse modo de produção? As comunidades primitivas efetuaram ao longo dos anos um processo de unificação em torno de uma comunidade superior, o Estado, movidas pela necessidade de organizar e efetuar as grandes obras públicas que ultrapassavam os meios das comunidades individuais.

O Estado tem suas raízes no surgimento de uma minoria com poderes de "função", isto é, nasce quando uma minoria que efetua serviços de interesse comum para a comunidade se afasta da produção, apropriando-se do excedente econômico gerado pelos produtores diretos, transformando o poder de função em poder de exploração.

A característica fundamental do Modo de Produção Tributário é a existência das comunidades aldeãs, sociedades sem classes, provenientes de um modo de produção anterior, o Comunitário Primitivo; e, por outro lado, a existência do Estado (sociedade de classes), representado por uma classe de sacerdotes, funcionários e guerreiros, que extrai tributos das comunidades aldeãs. O Modo de Produção Tributário é uma forma de transição de uma sociedade sem classes para uma sociedade de classes.

A existência de um Modo de Produção Tributário na América não significa a negação das especificidades do desenvolvimento asteca, maia ou inca. O modo de produção é uma abstração teórica que não existe na realidade em sua forma pura. Ele explica como uma sociedade cria e recria suas condições materiais de existência, assegurando a própria reprodução, e se explica pela articulação das instâncias econômica, política e ideológica.

É possível afirmar que o Modo de Produção Tributário se constitui em regiões onde a produção de excedente econômico agrícola requer importantes transformações no meio ambiente (canais de irrigação, drenagens, terraços etc.) por meio de uma aglutinação das comunidades aldeãs ao redor de um núcleo central. Neste caso, o Estado intervém diretamente na produção, como acontece no Império Inca. Aliás, os incas foram os únicos a formar um verdadeiro império.

Quanto aos maias, não passaram de cidades-Estado que ocasionalmente se associavam, mas que na maioria da vezes lutavam entre si pelo controle da terra. Não encontraremos aqui grandes obras incaicas, nem grandes trabalhos hidráulicos. O que veremos na península de Yucatán é uma minoria que domina e explora as comunidades, interferindo na produção de uma forma limitada, conforme apresentaremos no capítulo seguinte.

No Modo de Produção Tributário se estabelece um equilíbrio, uma correspondência pela mediação do Estado entre forças produtivas e relações de produção. Mas o Modo de Produção Tributário também se caracteriza por uma inadequação entre forças produtivas e meios de produção. Existe uma maior utilização de força produtiva de trabalho humano que meios de produção. Encontraremos uma superexploração da força de trabalho que compensa a subutilização das possibilidades tecnológicas.

A superexploração da força de trabalho, sem um desenvolvimento tecnológico avançado, somente pode acontecer porque as comunidades aldeãs permanecem em suas terras, sob o regime de comunidade primitiva ainda não dissolvida, enquanto o Estado assume as tarefas de defesa, controle social, organização da produção e distribuição. O sistema de exploração montado pelo Estado permite a manutenção da força de trabalho, quando ela é deslocada no período de entressafra para grandes construções públicas.

(PEREGALLI, Enrique. *América que os europeus encontraram*. Editora Atual. p.9-11.)

Exercícios Resolvidos



1 (UFPEI – MODELO ENEM) – De acordo com o mapa acima, os povos que viviam nas regiões identificadas pelas letras "A", "B" e "C", são, respectivamente,

- a) astecas, incas e maias.
- b) incas, maias e astecas.
- c) astecas, maias e incas.
- d) maias, astecas e incas.
- e) maias, incas e astecas.

Resolução

Os astecas viveram no sul do atual Estados Unidos e noroeste do México. Os maias habitaram a Península do Yucatán, Guatemala, Honduras, El Salvador e Belize. Os incas habitaram o altiplano andino, desde o Peru até o norte da Argentina.

Resposta: C

2 (MODELO ENEM) – Quando da chegada do colonizador europeu, as civilizações ameríndias apresentavam as seguintes características:

- I. Os maias são chamados de "os gregos da América" por possuírem cidades-Estado.
- II. Entre os maias, o trabalho dominante baseava-se na escravidão dos agricultores.
- III. Na civilização maia, o comércio era uma atividade econômica importante.
- IV. Entre os maias, a monarquia teocrática e militar predominava na organização política.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente I e II são verdadeiras.
- b) Somente I e III são verdadeiras.
- c) Somente II e III são verdadeiras.
- d) Somente I e IV são verdadeiras.
- e) Somente III e IV são verdadeiras.

Resolução

A afirmativa II está incorreta porque a mão de obra era a servidão coletiva.

A afirmativa IV está incorreta porque os maias possuíam uma política dividida em cidades-Estado.

Resposta: B

1 Caracterize a cultura olmeca quanto a sua economia e política.

RESOLUÇÃO:

Economia: agrícola, com base no cultivo do milho.

Política: seus governantes vinham do estamento sacerdotal.

2 Que eram as chinampas?

RESOLUÇÃO:

Técnica de plantio sobre as águas, que utilizavam uma espécie de jangada, coberta de terra, sobre as quais se cultivavam alimentos.

3 Caracterize a economia da civilização maia.

RESOLUÇÃO:

O Estado era o proprietário das terras, que cedia à comunidade a posse útil daquele espaço para ser cultivado de forma coletiva e sobre o qual deveria pagar tributo.

Desenvolveram, também, o comércio de produtos agrícolas e artesanais.

4 Sobre a economia da civilização maia, é correto afirmar que

- a) teve como base o comércio, desenvolvido com os povos da América do Sul.
- b) foi uma economia voltada exclusivamente para a subsistência do grupo, não produzindo excedente econômico.
- c) as terras pertenciam ao Estado e a comunidade detinha a posse útil da terra, pagando impostos pelo seu uso.
- d) era completamente dependente do mercado externo, comprando os produtos necessários à sobrevivência do grupo.
- e) encontrava-se ainda no estágio de selvageria, desenvolvendo, portanto, uma atividade agrícola itinerante.

Resposta: C

5 Com relação à civilização maia, podemos considerar como corretas, **exceto**:

- a) Estruturou-se em cidades-Estado teocráticas.
- b) Sua sociedade era igualitária, não havendo diferenças entre os membros da comunidade.
- c) Organizou-se em cidades-Estado, independentes umas em relação às outras.
- d) Em sua fase de declínio integrou-se à cultura tolteca.
- e) Apesar de toda resistência, foi conquistada pelos espanhóis.

RESOLUÇÃO:

A sociedade era estamental e rigidamente dividida.

Resposta: B

6 (UFPb – MODELO ENEM) – As principais sociedades ameríndias (maias, astecas e incas) tinham como característica:

- a) Homogeneidade étnica e diferenciação linguística, localizando-se na chamada Mesoamérica (México e América Central).
- b) Organização econômica com predominância da agricultura de subsistência, baseada em um sistema de propriedade privada, mas sem hierarquia social.
- c) Organização política que evoluiu de teocracias centralizadas para impérios descentralizados, constituídos de cidades-Estado bastante autônomas.
- d) Cidades comparáveis a cidades europeias, com calçamento, ajardinamento, sistema de esgoto e canalização de água.
- e) Religião monoteísta, naturalista, em que se praticava a astrolatria e sacrifícios humanos.

RESOLUÇÃO:

Os espanhóis ficaram admirados com o desenvolvimento urbanístico dos astecas, maias e incas. Os antropólogos classificaram esses povos como civilizações, mediante o grau de desenvolvimento tecnológico comparado com os povos europeus.

Resposta: D

1. Primórdios

A localização geográfica originária dos astecas é a região noroeste do México, denominada Aztlán, daí se denominaram astecas.

Essa região foi ocupada por volta dos séculos I e II a.C., período em que os astecas eram considerados "bárbaros" (chichimecas ou ainda mexicas) por pertencerem ao grupo linguístico nahuatl.

Como todos os grupos, os astecas primitivamente viviam da caça, pesca e coleta vegetal. Possuíam uma sociedade simples, em que prevalecia a igualdade entre os membros do grupo, que era liderado por um chefe guerreiro. Aliás, a guerra sempre foi um elemento característico dos agrupamentos humanos durante o período do Paleolítico.

Ao se estabelecerem no Vale do México, durante o século XII d.C., após o saque à cidade de Tula, dos toltecas, os astecas sedentarizaram-se, passando à fase Neolítica.

Em 1325, fundaram a capital do Império, às margens do Lago Texcoco, que recebeu o nome de Tenochtitlán (que significa *Rocha de Cactos* e corresponde à atual Cidade do México).

Estabeleceram aliança com as cidades-Estado de Tlacopan e Texcoco, que juntas submeteram os povos do Vale e deram origem ao Império Asteca.

No início, as três cidades dividiam o poder entre si, mas a supremacia militar de Tenochtitlán acabou transferindo o poder para o controle dos astecas.

Em 1440, Montezuma I inicia a construção de grandes aquedutos e obras para a irrigação do solo e, principalmente, a organização do Império.

No momento em que os espanhóis chegaram à região do Império Asteca, em 1521, Montezuma II era reconhecido como o único imperador na região, e os astecas viviam seu momento de apogeu.



Montezuma, em uma ilustração do século XVI.

2. Economia

Na economia, os astecas tinham a agricultura como principal atividade; produziam milho, feijão, cacau e algodão, entre outros produtos. O Estado era o proprietário das terras, e a comunidade detinha a posse útil e pagava impostos sobre a produção. Utilizavam as chinampas e aperfeiçoaram o sistema de regadio em suas plantações.

O comércio, apesar de não ser a principal atividade econômica, também possuía importância na sociedade. Realizavam-se trocas dentro das cidades, como, por exemplo, no mercado de Tlatelolco, de legumes, frutas, plumas, joias e escravos, além de produtos importados, como tabaco, peles e cristal. Esse comércio levou ao aprimoramento do sistema de troca, que transformou a semente de cacau em "moeda corrente".

3. Organização social

Primitivamente, os astecas organizavam-se em clãs, denominados **calpulli**, que tinham por base os laços de parentesco.

O imperador e sua família ocupavam o topo da pirâmide social.

A expansão sobre o Vale do México e a conquista de terras, realizada por meio da guerra, conferiram aos militares um grande poder dentro do império, e esses constituíram a nobreza juntamente com os sacerdotes, compondo a classe dominante dentro da sociedade. Tinham como privilégios a isenção de impostos e o domínio sobre extensões de terras, das quais não eram proprietários particulares, uma vez que, nesse período, a posse da terra era coletiva, inexistindo a noção de propriedade privada.

Os comerciantes (denominados pochtecas) e os artesãos compunham a camada social intermediária. Os comerciantes organizavam-se em corporações e detinham o monopólio sobre a atividade mercantil, que era transmitida de pai para filho. Os artesãos trabalhavam com a ourivesaria e a confecção de peças em plumas;



Manuscrito espanhol do século XVI mostrando a exploração no México.



Figura de Atlantes, com 4,6 metros de altura, que fica no alto da pirâmide B, em Tula, representa o foco militar que predominou nessa civilização.



Código mexicano.

também organizavam-se em corporações e pagavam impostos ao Estado. A profissão era hereditária dentro das famílias.

Na base da pirâmide social estavam os camponeses e os escravos. Os primeiros, de origem asteca, deviam obrigações ao Estado, como trabalhar em obras públicas e na agricultura; pagar impostos; prestar serviço militar; na época do casamento, recebiam um lote de terra

para cultivar; e, nos combates militares, tinham a possibilidade de ascensão social. Os escravos, adquiridos em guerras como pagamento de dívidas ou condenados por crimes, trabalhavam a terra e podiam ser libertados.

A **poligamia** era admitida no grupo em razão de a população masculina diminuir em períodos de guerra, mas predominava a monogamia.

4. Política

A sociedade asteca, fortemente fundada no militarismo e influenciada pela religião, fez nascer um poder político militarizado e teocrático.

O imperador, inicialmente, era eleito por uma Assembleia de Guerreiros. Em razão das conquistas, essa Assembleia foi perdendo cada vez mais sua importância e acabou sendo substituída por um Conselho que passou a escolher os imperadores dentro de uma mesma família, o que tornou a sucessão hereditária.

O imperador era o comandante supremo do Exército e dividia o poder com a Mulher-Serpente, função exercida por um homem, responsável pela chefia de governo.

5. Religião e cultura

A religião era politeísta. Entre os deuses adorados pelos astecas estavam o Colibri-Azul ou Uitzilpochtli (o deus do Sol do Meio-Dia), Tezcatlipoca (deus protetor dos guerreiros e escravos, simbolizado pela Noite); o contato com outras civilizações os fez adorar outros deuses, como Quetzalcoatl (a Serpente de Plumas).

Os astecas acreditavam que eram o povo incumbido de zelar pela manutenção da harmonia no universo, o que só poderia ser feito por meio da alimentação dos deuses; assim, o seu código religioso admitia o sacrifício humano. Os deuses que regiam o universo e asseguravam as boas colheitas e vitórias militares também regiam o destino dos homens.

Em termos culturais, podemos considerar que os astecas promoveram uma fusão de elementos das culturas anteriormente estabelecidas no Vale do México, porém, superando-as.

A arquitetura foi extremamente desenvolvida, destacando-se a construção de pirâmides, palácios e sistemas de irrigação, além de aquedutos.

Estudavam astronomia e criaram um calendário dividindo o ano em dezoito meses (cada mês com vinte dias), mais cinco dias complementares; a cada 52 anos completava-se um ciclo. Utilizando esse conhecimento, previam eclipses lunares e os solstícios.

Possuíam escolas: a Calmecac, destinada à formação da nobreza sacerdotal, e a Telpochcalli, destinada ao ensino comum. A escrita era pictórica e hieroglífica.



O mundo mágico dos astecas

A cosmovisão dos astecas

Na crença asteca, o ser humano foi criado pelo sacrifício dos deuses e por sua vez foi reciprocamente obrigado a mantê-los com alimento mágico da própria vida — o sangue do sacrifício humano.

A responsabilidade dos astecas

Daí o orgulho dos astecas, que se consideravam colaboradores dos deuses porque sabiam que sua vida era dedicada a manter a ordem cósmica e lutar contra os poderes das trevas. Em certo sentido, o universo dependia deles para sua existência continuada; deles dependia o

alimento para os deuses, deles dependia a doação dos dons que eram outorgados à humanidade. Igualmente a luz do sol, a chuva que se formava nas montanhas e regava o trigo, o vento que soprava através dos juncos, trazendo as nuvens ou transformando-as em furacão, tudo dependia deles (...).

Além desse ideal cosmológico, os astecas também acreditavam que eles tinham um ideal ético a atingir. A luta do Sol contra os poderes da terra era também, acima de tudo, a luta do bem contra o mal (...).

Oposto a este ideal imperialista e religioso, havia também um sentimento de pessimismo na profundidade da alma asteca. Os astecas sabiam que, no fim, o seu líder, o Sol, seria derrotado (...) e então os poderes do mal prevaleceriam e destruiriam a humanidade.

Por isso, esta vida, para os astecas, era meramente transitória, e o sentimento de pessimismo e angústia aparecia nas suas esculturas vigorosas e terríveis, e mostravam também uma coloração de tristeza profunda em sua poesia.

(HOEBEL, E. A. et al., op. cit., p. 342.)

Poligamia: casamento no qual um dos cônjuges possui vários outros cônjuges ao mesmo tempo.

Exercícios Resolvidos

1 (UFSM – MODELO ENEM) – "Os guerreiros constituíam um dos grupos mais importantes na sociedade asteca. No início, eram escolhidos entre os indivíduos mais corajosos e valentes do povo. Com o tempo, entretanto, a função de guerreiro começou a ser passada de pai para filho, e apenas algumas famílias, privilegiadas, mantiveram o direito de ter guerreiros entre os seus membros."

(KARNAL, Leandro. *A Conquista do México*. São Paulo: FTD, 1996. p. 13.)

O texto faz referência à sociedade asteca, no século XV, a qual era

- a) guerreira e sacerdotal, formada de uma elite política que governava com tirania a massa de trabalhadores escravos negros.
- b) igualitária e guerreira, não reconhecendo outra autoridade senão a sacerdotal, que também era guerreira.

- c) comunal, com estruturas complexas, sendo dirigida por um Estado que contava com um aparelho administrativo, judiciário e militar.
- d) hierarquizada e guerreira, visto que o Imperador era, ao mesmo tempo, o general do exército asteca e o sumo pontífice sacerdotal.
- e) igualitária, guerreira e sacerdotal: todo guerreiro era um sacerdote e todo sacerdote era um guerreiro.

Resolução

Mera interpretação de texto. Os astecas possuíam um governo teocrático e militarizado.

Resposta: D

2 (FGV – MODELO ENEM) – "(...) a religião desempenhava papel central nas relações entre o Estado e a sociedade. A guerra era sagrada, pois através dela se obtinham escravos para o sacrifício humano, elemento central na ligação entre a comunidade e o Estado.

(...) reinavam sobre um império aberto a dois oceanos.

(...) Em 1519 (...), com cerca de 5 milhões de habitantes, era a maior concentração urbana do mundo".

(Flavio de Campos e Renan Garcia Miranda, *Oficina de História – História integrada*)

O texto apresenta características dos

- a) tupis.
- b) incas.
- c) maias.
- d) *mexicas*.
- e) araucanos.

Resolução

Mexicas era um dos nomes pelo qual eram conhecidos os astecas, que adquiriram a fama de serem os mais sanguinários das civilizações pré-colombianas no sacrifício de seres humanos.

Resposta: D

Exercícios Propostos

1 Que eram os *calpulli*, na sociedade asteca?

RESOLUÇÃO:

Correspondiam à organização clânica dos astecas à época primitiva, que tinha por base os laços de parentesco.

2 Justifique a implantação de um Estado militarista e teocrático entre os astecas.

RESOLUÇÃO:

A fundação do Império Asteca deu-se mediante guerras de conquistas sobre os demais povos da região; daí o poder político estar fundamentado no militarismo. A forte influência da religião na vida desse povo levou à formação de um poder político-teocrático.

3 Caracterize a sociedade asteca.

RESOLUÇÃO:

Era uma sociedade estamental, constituída pelo Imperador e sua família, a nobreza e sacerdotes, comerciantes e artesãos, e camponeses e escravos.

4 Os astecas não foram os únicos a admitir os sacrifícios humanos dentro de seu código religioso. Comente essa prática.

RESOLUÇÃO:

Desde os tempos mais remotos, acreditava-se que a imolação de seres humanos poderia trazer boas colheitas e acalmar a ira da divindade.

5 A arquitetura foi altamente desenvolvida entre os astecas. Justifique a frase.

RESOLUÇÃO:

A exemplo dos egípcios, os astecas construíram pirâmides, palácios e sistema de irrigação.

6 (UEL – MODELO ENEM) – Os astecas sacrificavam prisioneiros de guerra para alimentar seus deuses. O capturado tinha seu coração arrancado, era decapitado e tinha seu sangue bebido pelo captor que, depois, levava o corpo para casa, esfolava-o, comia-o com milho e vestia sua pele.

É correto afirmar que estes rituais no mundo dos astecas eram de ordem simbólica, uma vez que

- a) os vencidos deveriam pagar um tributo de sangue aos astecas, que viam a si próprios como deuses.
- b) os sacerdotes astecas exigiam oferendas de sangue para que não faltasse alimento em seus templos.
- c) um grande número de sacrifícios representava um reforço do abastecimento alimentar, evitando a carestia.
- d) o captor do prisioneiro se vingava do inimigo, comendo suas carnes e vestindo sua pele.
- e) os deuses exigiam oferendas do bem mais precioso que os homens possuíam, a vida, para que o mundo fosse preservado.

RESOLUÇÃO:

Os deuses eram responsáveis pela sustentação do universo, além de garantir bons resultados na guerra e boas colheitas, o que explica a necessidade constante de sacrifícios humanos.

Resposta: E

Módulo

53

Os incas

Palavras-chave:

- Quíchua
- Ayllu/terraços • Mita quipu

1. Primórdios

O território ocupado pelos incas corresponde atualmente ao Peru, Bolívia, Equador, parte do Chile e norte da Argentina, na região do Altiplano Andino.

A ocupação da região pela civilização inca iniciou-se a partir do ano 1200 e não constituiu o primeiro agrupamento humano da região.

Antes da presença inca, o Altiplano Andino foi palco de culturas que são denominadas pré-incas. Entre essas culturas, encontramos a *Chavin*, séculos IX a II a.C., no norte do Peru.

Com a decadência dessa cultura, o Altiplano Andino assistiu a um longo período em que predominaram grupos fragmentados e, a partir do século VI da Era Cristã, três grandes culturas floresceram nessa região. São elas: **Império Tiahuanaco**, no Altiplano Boliviano, próximo ao Lago Titicaca; a **civilização huari**, bacia do Rio do Aiacucho, estendendo-se da região de Cuzco até a costa norte do Peru; e o **Império Chimú**, costa norte do Peru.

Os incas, originariamente, constituíam um povo nômade, parte integrante do grupo *quíchua*, da região da Amazônia.

Após sucessivas conquistas, os incas estenderam o seu poder sobre uma área de quase 5 200 000 km², com uma população estimada entre 3,5 milhões e 7 milhões de habitantes.

Quando os espanhóis chegaram, no ano de 1532, o Império Inca vivia seu auge, impressionando os espanhóis pela sua organização e suas imponentes obras arquitetônicas.

O IMPÉRIO DOS INCAS (1532)



Apesar da dominação espanhola, a influência dos incas faz-se presente até hoje. No Peru, o *quíchua*, antiga língua dos incas, é hoje uma das línguas oficiais do país.

Os incas eram também conhecidos como os "Filhos do Sol" por acreditarem que o Sol (o deus *Inti*) era o ancestral de seus governantes.

2. Economia

A base da economia inca era a agricultura, na qual a batata e o milho ocupavam lugar de destaque. Para ampliar a área cultivável, faziam terraços nas regiões do Altiplano Andino, o que além de favorecer a agricultura evitava a erosão da terra. O solo era fertilizado com o *guano*, fertilizante natural de excremento de aves.

Primitivamente, a terra, no Altiplano Andino, era propriedade coletiva da comunidade *ayllu*, que trabalhava em conjunto nas plantações. Uma parte da produção era recolhida aos depósitos públicos para ser distribuída aos habitantes, em tempo de crise, pelo curaca, líder local.

Com a chegada dos incas e seu processo de expansão e submissão das comunidades, as terras passaram a pertencer ao Estado e a estrutura fundiária original foi alterada. As terras passaram a ser divididas em terras da comunidade e terras do Estado, cultivadas pelos membros do *ayllu*.

O tributo em espécie não era pago diretamente ao Estado, mas este detinha o direito de requisitar a *mita*, que era paga sob a forma de trabalho compulsório nas minas, construção de estradas e obras públicas, como canais de irrigação. Na época em que a *mita* era requisitada, o Estado devia prover os trabalhadores com víveres.

O comércio também se desenvolveu com base na produção de cerâmica, tecidos e artesanato em ouro, bronze e prata.

3. Organização política e social

Antes da dominação inca, a organização social básica era a comunidade denominada *ayllu*, liderada pelo curaca, fundador ou descendente do ancestral do grupo.

Com a conquista incaica sobre a região do Altiplano, no século XIII, as comunidades foram subordinadas e o poder político passou para as mãos de um imperador – Inca ou Sapa Inca –, cuja força se fundamentava na religião e no Exército, do qual era o comandante supremo, caracterizando, assim, um governo teocrático-militarista.

Abaixo do imperador estava a nobreza, composta por seus parentes, altos funcionários do Estado, clero e pelos curacas, que mantiveram seu prestígio em razão da tradição de sua família; em seguida, vinham os artesãos, médicos, artistas, militares e contabilistas; finalmente, na base da pirâmide social, estavam os camponeses e os escravos.

Dentro do Império, o *ayllu* continuou a ser a base da organização social e administrativa. Era formado a partir de laços de parentesco e chefiado pelo curaca, cujo poder era transmitido hereditariamente.

Para tentar evitar os conflitos internos devido às muitas conquistas sobre outros povos, os incas tomavam os filhos dos curacas dominados como "reféns" e os enviavam à capital do império para estudar, forçando a submissão dos líderes derrotados.

Administrativamente, o império foi dividido em quatro partes (províncias), que eram interligadas por numerosas estradas, permitindo tanto o serviço dos correios quanto a ação do Exército em caso de revolta. Ironicamente, mais tarde, essas vias acabaram facilitando o trabalho dos invasores espanhóis.



Machu Picchu.

4. Religião e cultura

Os incas dedicaram-se à astronomia, elaborando um calendário que, além de marcar o tempo, servia para fazer previsões astrológicas. Na religião, além do Sol, da Lua, do Trovão e da Terra, cultuavam *Viracocha*, o "Criador do Universo". Completando as suas cerimônias, que incluíam danças e uso da chicha (espécie de cerveja feita de cereais), faziam sacrifícios humanos e de lhamas.



Árvore candelabro esculpida na rocha numa colina perto da entrada da Bacia de Paiaças, cultura chavin.



As pirâmides da lua, entre os campos irrigados do vale Moche.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M407**



A engenharia dos incas

Joseph de Acosta, sacerdote jesuíta, viveu em meados do século XVI. Quando recebeu o cargo de Visitador de Colégios, fez inúmeras viagens cruzando os Andes, conhecendo Arequipa, La Paz, Chuquisaca, Lima, Potosí e, posteriormente, o Novo México. Foi reitor do Colégio de Lima. Grande estudioso, escreveu várias obras sobre as Índias Ocidentais, onde descreve, com minúcias, as riquezas da terra e os usos e costumes dos indígenas. Tentando suprir as fontes necessárias para um melhor conhecimento das civilizações pré-colombianas, a historiografia tem-se valido de testemunhos deixados por viajantes e sacerdotes, que, embora limitados por uma visão europeia, permitem conhecer um pouco mais tais civilizações.



As construções dos incas

"Os incas construíram fortalezas, templos, caminhos, casas de campo e outros edifícios, com excessivo e cansativo trabalho, como podemos constatar nos dias de hoje, pelas ruínas e vestígios que vemos em Cuzco, Tiahuanaco, Tambo e em outras regiões, onde há pedras imensas, difíceis de imaginar como foram cortadas, transplantadas e colocadas onde estão. Para todos estes edifícios e fortalezas que o inca mandava construir em Cuzco e em outras regiões de seu reino, vinham inúmeras pessoas de todas as províncias, porque o trabalho era admirável e espantoso; não usavam nenhum tipo de liga, não conheciam instrumentos de ferro para cortar e trabalhar as pedras, nem máquinas para movimentá-las. Apesar disso, eram de tal maneira polidas que em muitas partes apenas se vê o sinal de junção de umas às outras; algumas pedras são tão grandes que não se acreditaria se não as tivesse visto.

(...) O que mais se admira é que as pedras da muralha não sendo cortadas são muito desiguais em tamanho e formato, mas se encaixam umas nas outras, com

perfeição e sem liga. Tudo isso se fazia à custa de muita gente e de muito sofrimento no trabalho, porque, para encaixar uma pedra noutra, da maneira como estão ajustadas, era necessário removê-las várias vezes, porque não são iguais nem lisas.

O número necessário de pessoas para trabalhar nas pedras e nas construções era fixado todo o ano pelo inca. (...) Embora os edifícios fossem grandes, comumente eram mal divididos e aproveitados, parecidos com as mesquitas e outras construções dos bárbaros. Não conseguiram fazer arcos, nem a liga necessária para isso.

Suas pontes eram feitas de junco, tecido, e presas com cordas nas margens, porque não faziam pontes nem de pedra, nem madeira. (...) O talento e a habilidade dos índios os levaram a fazer pontes firmes e seguras somente com palha, o que parece fábula, mas é verdade. (...) Como estão bem amarradas nas margens dos rios, suportam com segurança homens e bestas com cargas".

(ACOSTA, Joseph de. *Historia Natural y Moral de las Indias*, 1590. pp. 477-8.)

Exercícios Resolvidos

1 (UFPEL – MODELO ENEM) – “Um dos mistérios que envolvem a cidade de Machu Picchu é como os incas conseguiram carregar tantas pedras enormes para construí-la (...). Mestres no assunto, os incas utilizavam recursos curiosos, como encher com água fissuras naturais nas pedras para que, à noite, com a queda da temperatura, o líquido congelasse, facilitando a extração dos blocos.”

(José Jobson Arruda; Nelson Piletti.

Toda a História: História Geral e História do Brasil. São Paulo: Ática, 2003. [adapt.])

Com base no texto e em seus conhecimentos, analise as afirmativas a seguir.

I – A construção de estradas, pontes e túneis atesta o notável desenvolvimento dos incas – cujo império se localizava no sul do México e na Península do Yucatán.

II – Além de possuírem profundos conhecimentos matemáticos, evidenciados em sua arquitetura e organização urbanística, os incas utilizavam também conhecimentos de Física, como o aumento do volume da água durante o congelamento.

III – O Império Inca – que chegou a ter uma população de milhões de habitantes, governados por um imperador divinizado, construiu palácios, templos, estradas pavimentadas, aquedutos e canais de irrigação.

Assinale a alternativa correta.

- a) Apenas as afirmações I e II são verdadeiras.
- b) Apenas as afirmações I e III são verdadeiras.
- c) Apenas as afirmações II e III são verdadeiras.
- d) Todas as afirmações são verdadeiras.
- e) Todas as afirmações são falsas.

Resolução

A afirmação I é falsa porque o Império Inca se localizava na costa ocidental da América do Sul.

Resposta: C

2 (UFMG – MODELO ENEM) – No final do século XV e início do XVI, quando os europeus conquistaram o continente americano, este era habitado por inúmeros grupos étnicos, com diferentes formas de organização econômica e político-social. Considerando-se o Império Inca, é correto afirmar que

- a) a agricultura, base de sua economia, era praticada nas encostas andinas em grande escala, cujo excedente era comercializado com os maias.
- b) o Estado era descentralizado, com o poder político concentrado nas mãos do Inca (imperador), intitulado “Filho do Sol”.
- c) seu domínio se estendia ao longo da Cordilheira dos Andes, ocupando parte dos atuais territórios da Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile e Argentina.
- d) cultuava um Deus único, criador e protetor da vida e da Natureza, para o qual foram construídos numerosos templos.
- e) a sociedade incaica permitia grande mobilidade, tendo como base as comunidades clânicas denominadas *calpulli*.

Resolução

Os incas constituíam um vasto império, integrado por povos de diferentes culturas, localizados no altiplano andino.

Resposta: C

1 Que era *ayllu*?

RESOLUÇÃO:

Era a comunidade primitiva incaica, na qual prevaleciam as relações de igualdade e a propriedade coletiva, administrada por um líder local, chamado curaca.

2 Comente a sociedade incaica.

RESOLUÇÃO:

Sociedade estamental da qual faziam parte nobres, funcionários do Estado, clero, curacas no estamento superior; artesãos, médicos, artistas, militares, contabilistas no estamento intermediário; e os camponeses e escravos no estamento inferior.

3 Qual o recurso utilizado no Altiplano Andino, para melhor aproveitamento das terras?

RESOLUÇÃO:

Os incas faziam terraços para conter a erosão e aumentar a área de plantio, que, fertilizada com o guano, garantia alta produtividade.

4 Descreva o regime de propriedade da terra no Altiplano Andino após a dominação inca.

RESOLUÇÃO:

As terras pertenciam ao Estado e estavam divididas em “terras da comunidade” e “terras do Estado”. Estas eram cultivadas pelos membros da comunidade no sistema de mita.

5 Quanto às relações de trabalho, havia entre os incas a instituição da mita, sobre a qual é válida a seguinte afirmação:

- Foi introduzida no império após a chegada dos espanhóis.
- Tratava-se do trabalho escravo imposto apenas aos povos vencidos em guerra.
- Era o trabalho realizado nas minas pela nobreza.
- Tratava-se da exploração da mão de obra camponesa, pelo Estado, de forma obrigatória, em obras públicas e nas minas.
- Era o trabalho realizado pela nobreza, em troca dos benefícios recebidos pelo Estado, como, por exemplo, a isenção de impostos.

RESOLUÇÃO:

A mita era uma forma de trabalho compulsório que além de obrigatório, consistia numa forma de tributo.

Resposta: D

6 (MODELO ENEM) – “O ouro e a prata que os reis incas tiveram em grande quantidade não eram avaliados [por eles] como tesouro porque, como se sabe, não vendiam nem compravam coisa alguma por prata nem por ouro, nem por eles pagavam os soldados, nem os gastavam com alguma necessidade que lhes aparecesse; tinham-nos como supérfluos, porque não eram de comer. Somente os estimavam por sua formosura e esplendor e para ornamento [das casas reais e ofícios religiosos]”.

(Garcilaso de la Vega, *Comentários Reais*, 1609.)

De acordo com o texto, é possível afirmar:

- Os metais preciosos eram igualmente valorizados pelos incas e espanhóis.
- Os incas possuíam uma economia monetária, que proporcionava um grande acúmulo de capitais na sociedade.
- Se os espanhóis tinham os metais preciosos como sua base monetária, os incas davam ao ouro e prata um valor meramente honorífico e decorativo.
- Uma construção notável dos incas foi a cidade fortificada de Machu Picchu, eregida como a capital do Império.
- Somente os soldados incas eram remunerados com ouro e prata.

RESOLUÇÃO:

O texto demonstra a diferença entre incas e espanhóis quanto ao valor atribuído aos metais preciosos.

Resposta: C

- Totem, animismo
- Pueblos

1. Grupos indígenas norte-americanos

Introdução

Está claro, hoje, que há diferenças sensíveis entre os grupos indígenas da América. Podemos afirmar que as sociedades indígenas pré-colombianas (maias, astecas e incas) encontravam-se em um grau de desenvolvimento material diferente e muito mais complexo do que as sociedades indígenas da América do Norte e a maioria dos grupos da América do Sul.

Sem dúvida, um estudo profundo revelaria muitas diferenças culturais entre os diversos povos indígenas da América. Mas, com certeza, encontraríamos muitas semelhanças, principalmente no que diz respeito à sua produção econômica para a sobrevivência, sua organização social e política.

Os grupos americanos, tratados neste módulo, caracterizam-se por terem se organizado dentro de um modo de produção primitivo, ou comunismo primitivo, possuindo uma economia em princípio coletora e depois produtora. Segundo a clássica divisão antropológica de Morgan, os grupos indígenas estariam, alguns, na fase evolutiva de *selvageria* e, outros, na de *barbárie*.

2. Características gerais dos povos

Dentro dos grupos indígenas norte-americanos, encontramos as características apresentadas a seguir.

Economia

A propriedade dos meios de produção era coletiva, o que significa dizer que a terra, os instrumentos de trabalho, as sementes e as floresceras pertenciam à comunidade. Para o indivíduo usufruir desses meios de produção, era necessário estar integrado ao grupo.

O regime de trabalho era coletivo, todos os homens e mulheres trabalha-



Artesanato indígena.



Cachimbo de pedra, da região de Monte Esmeralda, sul dos EUA, representa um prisioneiro ajoelhado.



Artesanato da tribo naja.

vam em conjunto visando à sobrevivência do grupo, com uma divisão de tarefas, segundo o sexo e a idade. Cabia aos homens a coleta, a caça, a pesca, o preparo da terra para o plantio, a construção de habitações, a domesticação de animais e a defesa do grupo em caso de guerra. Às mulheres estavam reservadas as tarefas de arar o solo, plantar, preparar os alimentos, confeccionar o vestuário e os utensílios de cerâmica e de fibras.

A produção do grupo era autossuficiente, produzindo tudo o que era necessário com os materiais encontrados na própria região da aldeia; as trocas, quando ocorriam, eram realizadas *in natura*, ou seja, produto por produto.

Entre os produtos agrícolas, os indígenas plantavam milho, algodão, batata, pimenta, abóbora, amendoim e feijão.

O predomínio das atividades agrícolas levou parte dos grupos à sedentarização. Porém outros grupos que se mantiveram parcialmente presos às atividades coletora e caçadora permaneceram com caráter seminômade.

Sociedade

Nas comunidades indígenas, predominavam as relações de parentesco como indicadoras da organização social.

A unidade social era representada pelo **clã**, quer fosse matrilinear (linhagem feminina) ou patrilinear (linhagem masculina). Constituíam o núcleo básico da descendência e unia seus membros por instituições sociais e religiosas.

A origem da formação dos clãs residia no fato de os indígenas considerarem-se descendentes de um antepassado comum. Daí, em muitos casos, verificava-se a existência de grupos **totêmicos**, pois, nesse caso, os indígenas consideravam-se descendentes de um animal ou de uma planta.

Clã: grupo de pessoas unidas por parentesco e linhagem e que é definido pela descendência de um ancestral comum.

Totem: qualquer objeto, animal ou planta que seja cultuado como deus ou equivalente por uma sociedade organizada.

Na maioria dessas comunidades indígenas, havia o tabu do incesto, proibindo-se, assim, o casamento entre os indivíduos de um mesmo grupo. Dessa forma, os clãs integravam-se pela necessidade de buscar casamentos, formando as tribos. As tribos, por sua vez, reuniam-se em federações.

As diferenças pessoais na sociedade eram praticamente inexistentes e, quando ocorriam, eram caracterizadas pelo grau de parentesco com o líder do grupo e não em termos econômicos. Era comum a prática da poligamia, seja masculina (poliginia), seja feminina (poliandria).

Política

As tribos indígenas tiveram uma organização compatível com seu nível de desenvolvimento socioeconômico. Mas, via de regra, o poder político não era complexo e possuía uma função mais social do que coercitiva sobre o grupo.

A ascensão de um líder político ocorria por meio da hereditariedade ou era eletiva. O primeiro caso é mais marcante nos grupos patrilineares e o segundo caso, nos grupos matrilineares.



Religião e cultura

A religião era politeísta e **animista**.

A primitiva organização econômica desses grupos estava vinculada às forças da natureza, o que possibilitou uma visão de mundo mágico-religiosa, pois disso dependia a sobrevivência material do grupo. Na maioria das vezes, os atos mágico-religiosos estavam vinculados a garantir o abastecimento de alimentos.

Estatueta de um felino ajoelhado, na região do Mississippi; EUA, do período final da pré-história.

Outra prática era a realização de ritos funerários. Os mortos possuíam lugar reservado em cemitérios, cujas construções variavam de tribo a tribo.

A produção de cerâmica foi uma constante nesses grupos. Estava muito mais vinculada às necessidades de preservar e guardar os alimentos do que a uma preocupação de produzir um legado cultural.

3. Principais grupos indígenas norte-americanos

Esquimós

Os esquimós habitavam a região do litoral do Oceano Ártico (Groenlândia, costa do Labrador e Alasca).

A economia desse grupo estava diretamente ligada ao que a natureza da região proporcionava, ou seja, a caça da foca e de aves, pesca da baleia e outros animais de grande porte. Desses animais, os esquimós retiravam o alimento necessário à sobrevivência, e a divisão dos produtos era igual entre os membros do grupo. Além dos produtos para a alimentação, extraíam desses animais a pele para o vestuário; com o marfim e com os ossos, confeccionavam instrumentos de caça (pontas de lanças e flechas) e esculturas.

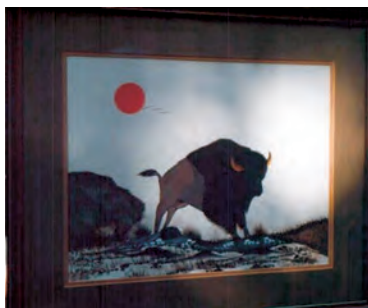
A domesticação do cachorro possibilitou aos esquimós o seu uso nos trenós.



Ruína de povoação em D, do povo Pueblo, na região do desfiladeiro do Chaco, EUA.



Aldeia típica dos indígenas norte-americanos.



O búfalo é um dos animais mais comuns da cultura indígena.



Cerâmica indígena, com motivos geométricos.

Animista: atribuir vida a objetos e coisas que não possuam vida biológica.

Os algonquinos

Os algonquinos localizavam-se entre a região sul do Ártico e a região de tundras, denominada Área do Caribu.

Sua economia baseava-se na caça (rena, alce etc.) e na pesca de animais marinhos, principalmente. As áreas de exploração eram hereditárias para cada grupo.

Em termos sociais, os algonquinos viviam em hordas e bandos.

As tribos da costa do Pacífico

Vários grupos coletores ocuparam essa região de norte a sul.

A economia era fundamentada na caça, pesca e coleta, sendo a organização social dividida em clãs. A religião era politeísta, ocorrendo a prática de enterrar os mortos.

As tribos do deserto

Entre as tribos do deserto, têm destaque os chamados pueblos (cultura anasazi), ou índios de aldeias.

Sua localização geográfica corresponde à região dos rios Colorado e Grande.

Em relação aos demais povos indígenas, notabilizaram-se pela prática de uma agricultura intensiva com o desenvolvimento da irrigação, pelo conhecimento da tecelagem e da cerâmica e pela arquitetura feita em pedra.

A organização social era um pouco mais complexa que a dos demais povos indígenas. Vinculados por laços de parentesco, os clãs eram totêmicos e apresentavam um grau de estratificação social, visto, principalmente, pelo fato de que o governo era exercido por um Conselho de Anciãos.

Os iroqueses

Esse grupo indígena ocupava originariamente a região oeste inferior do Rio Mississippi; posteriormente, passou

a ocupar a região dos Montes Apalaches, na região de florestas.

Apesar da descendência ser matrilinear, a mulher pouco destaque possuía na organização. A escolha do líder político dava-se por meio de eleição. As tribos formavam uma confederação, que funcionava em épocas de guerra.

Em termos econômicos, a propriedade da terra era coletiva; além da prática da agricultura, sobreviviam da caça e da pesca.

Ainda na região oriental da floresta, cabe destacar a existência de sítios arqueológicos pré-históricos, onde encontramos os chamados *mounds* (montes de terra que serviam de túmulos).

Demais grupos

Na região da Grande Planície, encontramos os grupos que se dedicavam principalmente à caça do búfalo, os quais acabaram por constituir sociedades nômades, lideradas por um chefe, cujo prestígio era dado pelo contingente numérico de guerreiros no grupo.

No Caribe, destacaram-se grupos vinculados ao cultivo da terra de forma intensiva, e, também, ao conhecimento de técnicas para o trabalho do metal e da cerâmica, como foi o caso dos chibchas.

4. O contato com o colonizador

Não resta dúvidas de que o contato com o colonizador branco europeu levou à dizimação desses grupos indígenas. Quando esta não ocorreu, o branco impôs, pela força, a expulsão dos grupos indígenas de suas áreas originais de ocupação, em nome dos interesses econômicos europeus. Tal fato alterou significativamente o modo de vida dos grupos indígenas, o que indiretamente contribuiu para seu extermínio.



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em "localizar", digite **HIST1M408**

Exercício Resolvido

- 1 (MODELO ENEM) – Considere as afirmações sobre os indígenas norte-americanos:
- I – A unidade social era representada pelo clã, quer fosse matrilinear (linhagem feminina) ou patrilinear (linhagem masculina).
 - II – A propriedade dos meios de produção e o trabalho eram coletivos.
 - III – A religião era politeísta e animista, possibilitando a existência de grupos totêmicos.
 - IV – Uma construção notável dos índios norte-americanos foi a cidade fortificada de Machu Picchu, a cerca de 600km de Cuzco.

Sobre as asserções anteriores deve-se afirmar que estão corretas apenas

- a) I, II e III. b) I, III e IV. c) II, III e IV. d) I, III e IV. e) todas estão corretas.

Resolução

A afirmativa IV está incorreta porque Machu Picchu é uma construção Inca e está localizada no Peru, portanto na América Andina.

Resposta: A

Exercícios Propostos

1 Comente as características econômicas dos grupos indígenas norte-americanos.

RESOLUÇÃO:

A propriedade da terra e dos demais meios de produção era coletiva, assim como o regime de trabalho. Prevalcia entre os grupos a divisão do trabalho pelo critério do sexo. Viviam da caça, pesca, coleta de plantas e agricultura rudimentar (milho, algodão, batata, pimenta, amendoim e feijão).

2 Justifique a existência do totemismo entre os grupos indígenas.

RESOLUÇÃO:

Muitos grupos indígenas consideravam-se descendentes de um antepassado comum (animal ou planta), daí a existência de grupos cultuadores de totens.

3 Quais as formas e qual o papel das relações de parentesco nas tribos indígenas?

RESOLUÇÃO:

O clã constituía a base da organização social entre os indígenas, cuja unidade fundamentava-se nas relações de parentesco.

4 Caracterize o grupo esquimó.

RESOLUÇÃO:

Localizavam-se na região ártica (Groenlândia e Alasca). Viviam da caça e pesca; domesticaram o cão e utilizavam instrumentos de pedra, marfim e osso.

5 Relacione as atividades desenvolvidas pelos grupos com as áreas geográficas por eles ocupadas.

RESOLUÇÃO:

Nos grupos indígenas, o fato de desconhecerem ou não desenvolverem técnicas para o domínio da natureza fez com que a região (clima e solo), por eles ocupada, acabasse por determinar o tipo de organização e produção econômicas desses povos.

6 (MODELO ENEM) – “Não vejo nada de bárbaro ou selvagem no que dizem daqueles povos [da América]; e, na verdade, cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra”.

(Michel de Montaigne, *Ensaíos*, 1580-1588.)

O trecho apresentado permite concluir que

- a) a opinião do autor expressa a interpretação elaborada pelo Concílio de Trento, responsável pela contrarreforma.
- b) pensadores europeus deram-se conta da relatividade dos valores, hábitos e costumes vigentes em diferentes sociedades.
- c) a expansão marítima propiciou fecundo contato entre povos e culturas, com benefícios iguais para todos os envolvidos.
- d) o conhecimento de outras regiões do globo colaborou para reafirmar a versão bíblica da criação.
- e) os primeiros europeus que chegaram à América, sob influência do iluminismo, respeitaram a diversidade cultural.

RESOLUÇÃO:

As primeiras impressões dos europeus sobre o Novo Mundo recém-descoberto geralmente demonstravam assombro e incompreensão em relação aos povos americanos. Montaigne, porém, como pensador renascentista dotado de espírito crítico, relativiza a apreciação dos costumes dos povos ditos “selvagens”, quando comparados com os dos europeus.

Resposta: B

1. Primórdios e classificação

No Brasil, estima-se que o povoamento data de aproximadamente dez mil anos. Recentemente, estudos feitos pela equipe de Niède Guidon, em São Raimundo Nonato (Piauí), de Schmitz, na Bahia, e de André Prous, em Minas Gerais, apontam 40 mil anos de presença humana no Brasil. Mas, como são pesquisas arqueológicas ainda em curso, é necessário cautela para se fazer tais afirmações. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, a população aproximada era de cerca de três milhões de pessoas distribuídas pelo território.

De um modo geral, o indígena brasileiro – se considerarmos a clássica tipologia do antropólogo Morgan – encontrava-se no estágio intermediário entre o Paleolítico Superior e o Neolítico. Portanto, ainda vivia da caça, da pesca, da coleta vegetal, da prática de uma agricultura rudimentar e do início da cerâmica, e as tarefas dentro do grupo respeitavam a divisão sexual do trabalho. A maioria dos grupos desconhecia a tecelagem, o pastoreio, a agricultura intensiva e o uso dos metais, daí seu seminomadismo.

A primeira classificação do indígena brasileiro foi feita pelos jesuítas, que não utilizaram um critério técnico-científico, baseando-se nas línguas e regiões ocupadas. Assim, os jesuítas criaram uma distinção entre os “tupis” (grupos do litoral, chamados de “índios de língua geral”) e os “tapuias” (grupos do interior, chamados de “índios de língua travada”).

Devemos ao alemão Karl von Den Steinen (1884) a primeira classificação científica dos indígenas brasileiros sob a forma de “nações”. Os indígenas brasileiros, no momento da colonização, encontravam-se divididos em vários grupos étnicos, formados a partir de quatro troncos linguísticos: tupi, nuaruaque, jê e caraíba.

2. Principais grupos indígenas

Tupis-guaranis ou tupinambás

Entre as tribos que compõem esse tronco linguístico, estão os tupis, guaranis, tupinambás, oiampis, chiapas, guaiaquis, omáguas, parintintins, caingás, caiguás, cocamas, tamoios, tupiniquins, goitacás, apapocuvás, maués, camaiurás, auetés e mundurucus.

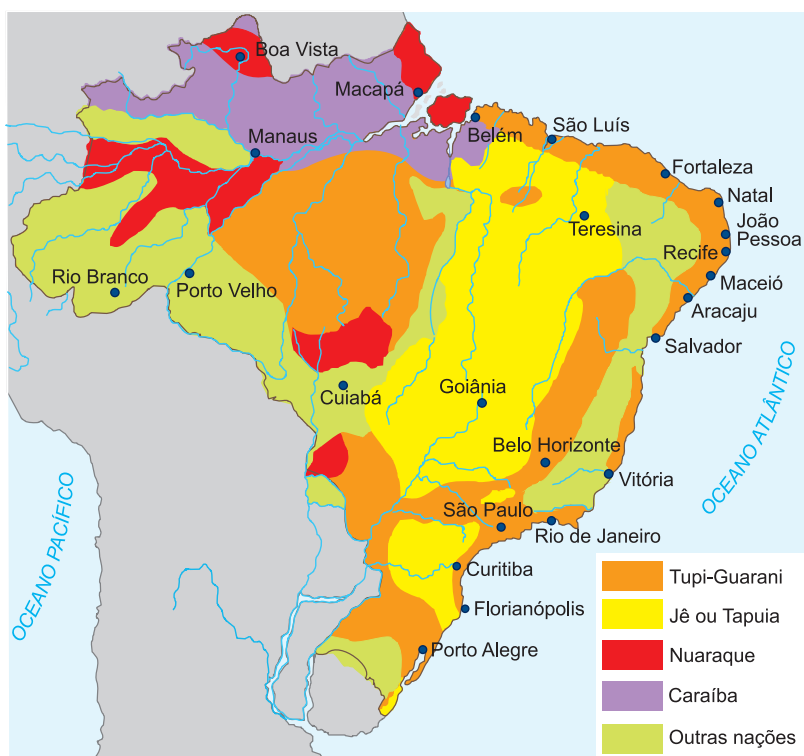
A região ocupada, no momento da colonização portuguesa, pelos tupis-guaranis é difícil de ser determinada, pois esse grupo promoveu frequentes migrações internas e, também, pelo fato de que vários outros grupos indígenas abandonaram a própria língua e assimilaram a língua guarani. Porém é certo que o território ocupado por esse grupo era vasto. Consta de relatos de cronistas, viajantes e **naturalistas** a sua presença na Guiana Francesa, Brasil, Paraguai, Argentina, Uruguai, Bolívia, Peru e Equador.

No Brasil, especificamente, esse grupo encontrava-se distribuído em quase todo o território. Havia grupos no Alto Amazonas, Rio Urubu, desembocadura do Tocantins, Alto Xingu, Rio Tapajós, Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro, predominando a ocupação do litoral brasileiro, tanto que foi este o primeiro grupo a entrar em contato com os colonizadores.

A economia desses grupos baseava-se na caça, pesca, coleta vegetal e na prática de uma agricultura rudimentar. Cultivavam mandioca, milho, batata, feijão e pimentão.

A organização social respeitava uma hierarquia composta da seguinte forma: tribo, aldeia, taba, e, ocasionalmente, confederação – em casos de guerra ou aliança com outros grupos, migrações e justiça.

Nos momentos em que não era necessária a formação da confederação, o elo entre as tabas era feito por um chefe comum, que exercia uma autoridade de



Principais grupos indígenas brasileiros

Naturalistas: viajantes que pesquisavam e retratavam a fauna e flora brasileiras.

caráter militar. A liderança de cada taba cabia ao cacique ou ao chefe, cujo poder era transmitido hereditariamente.

As relações de parentesco eram patrilineares, ou seja, prevalecia a descendência pela origem paterna no grupo.

A cultura desse grupo é vasta, mas podemos considerar como elementos comuns a prática da antropofagia ritual – que consiste na consunção dos restos dos inimigos em festas –, a poligamia e a saudação lacrimosa – a recepção aos brancos expressando sua alegria por meio de prantos.

A religião era politeísta. Tupã era o deus mais poderoso, que se manifestava no relâmpago, no Sol e no fogo. Abaixo de Tupã, outras divindades asseguravam a vida dos homens, como Jaci (Lua), Rudá (amor), Cairé (Lua cheia) e Mboia (serpente guardadora das donzelas).

Comum, também, era a prática de ritos funerários, utilizando como túmulos a própria habitação do morto.

A decoração, a dança e a música compuseram a vida desse grupo que decorava o próprio corpo, as cerâmicas e além disso conhecia a arte plumária. Confeccionavam instrumentos musicais, como flautas – feitas de bambus ou restos de ossos –, apitos, maracas, buzinas e cornetas.

Jês ou tapuias

As principais nações desse tronco linguístico são timbiras, aimorés, botocudos, piocobjês, auges, granges, capiscrás, tremembés, manajós, guajajaras, caiapós, acuéns, guaianás, caingangues, caracás, miramomis, bororos e xavantes.

Sua presença na Amazônia é anterior à dos tupis e nuaruaques. Provavelmente desalojados por esses grupos, passaram a ocupar o Xingu, região a partir da qual emigraram, atingindo vários dos atuais Estados brasileiros, como Pará, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e outros.

Na economia desse grupo, encontramos características semelhantes às dos tupis: caça, pesca, coleta vegetal e prática rudimentar da agricultura. Porém possuíam uma forma mais elaborada de preparar os alimentos, utilizando o fogo para assar a carne, e transformando cereais, como o milho, em farinha. Cultivavam batata, mandioca, algodão, feijão, banana e laranja.

A organização social era fundamentada no grupo, liderado por um chefe ou capitão, que possuía obrigações para com os membros e representava a coletividade nas relações com os demais grupos. A família era poligâmica. Aos homens cabia o sustento de suas esposas, geralmente duas ou três. A religião era politeísta, havendo a crença em um deus principal, criador dos homens, que recebeu nomes diversos nos grupos, como Maret-khmakniam (Velho Maret) ou Pataéma (o Celeste).

A pajelança era constante entre os jês, principalmente nos ritos funerários, em que os mortos eram sepultados em covas, sendo a terra sobre o corpo fortemente batida para impedir a volta do espírito, e ao seu lado se acendiam fogueiras para afastar os espíritos maus.

A produção de instrumentos musicais, como flauta e apitos, revela a prática da música e da dança que, para esse grupo, estavam presentes em vários momentos da vida tribal, como, por exemplo, nas colheitas.

Nuaruaques ou maipures

Os passés, aluagues, aruas, guaianás, banibas, iamamadis, macheiengas, atoraís, uiapichanas, guarás, goajiros, e os extintos manaus, tucunas, caquetios, achaguas e cabres compõem esse terceiro tronco linguístico.

Esse grupo é o mais extenso da América. Está presente na Flórida, Antilhas, Orenoco, Amazonas, Alto Paraguai, parte oriental da Bolívia, Golfo de Maracaibo e Guianas.

No Brasil, esse grupo fez-se presente na Amazônia, Roraima, Amapá, Ilha de Marajó e Mato Grosso. Eram coletores, caçadores e pescadores, além de praticarem a agricultura.

Sua organização social tinha por base a tribo, liderada por um chefe, com prerrogativas militares sobre o grupo.

A poligamia e os casamentos exogâmicos eram frequentes.

Na religião, como nos demais grupos, prevalecia o politeísmo e a divinização das forças da natureza, além de ritos funerários.



Exemplo de cerâmica indígena brasileira.



Estatueta antropomorfa de cerâmica, de Santarém, PA.



Coroa radial da tribo Kaxinawa.



Bonecas dos índios Karajá.



Lâminas de machado polidas.

A cerâmica pode ser considerada como a mais perfeita de todos os grupos.

Caraíbas ou caribas

A exemplo dos nuaruaques, os caraíbas espalharam-se pela América, ocupando regiões afastadas entre si. Sua presença ocorre nas Antilhas, Venezuela, Guianas, Peru e Brasil.

No Brasil, a região original dos caraíbas foi, provavelmente, as cabeceiras dos rios Tapajós e Xingu. A partir daí expandiram-se pela margem esquerda dos rios Amazonas, Piauí, Pernambuco e Mato Grosso.

Entre os grupos que pertencem a esse tronco, podemos citar os cumanagotos, nepoios, acavaques, uaicas, arecunas, calinas, tairas, recuiens, pauxis, voiavas, apiacás, palmelas, bacairis e os extintos tamanagues.

O tronco caraíba, por ter ocupado uma vasta região e pelo fato de as tribos manterem-se afastadas entre si, é subdividido em dois ramos, por razões linguísticas: os setentrionais e os meridionais.

Sua economia baseava-se na caça, coleta vegetal, pesca e agricultura rudimentar de milho, mandioca e feijão.

A tribo era a base da organização social e a coletividade era liderada por um chefe.

Praticavam a antropofagia ritual, a poligamia e o politeísmo. Provavelmente, foram os primeiros indígenas a entrar em contato com Cristóvão Colombo e, também, os primeiros a se rivalizarem com os brancos, quando do seu estabelecimento no continente.

População indígena por área cultural - 1982		
Áreas culturais	População	%
Norte-Amazônico	49 485	27
Solimões-Juruá-Purus	32 095	17
Guaporé	6 111	3
Tapajós-Madeira	9 564	5
Alto Xingu	2 533	1
Tocantins-Xingu	12 898	7
Pindaré-Gurupi	6 616	4
Leste-Nordeste	30 953	17
Paraguai-Paraná	19 974	11
Tietê-Uruguai	15 256	8
Total	185 485	100

O DESAPARECIMENTO DOS ÍNDIOS NA BAHIA

“A gente que vinte anos a esta parte é gastada nesta Bahia, parece coisa que não que pode crer; porque nunca ninguém cuidou em tão pouco tempo. Porque nas 14 Igrejas que os Padres tiveram, se juntaram 40 mil almas estas por conta, e ainda passaram delas com a gente que depois se forneceram, das quais se agora as três Igrejas que há tiverem 3 500 almas será muito... Veja-se o que isto podia somar, se chegam ou passam de 80 mil almas... E se perguntarem agora por tanta gente, dirão que morreu.”

(Padre José de Anchieta, *Informação dos Primeiros Aldeamentos, Bahia, 1583.*)



1. As origens do homem americano 2. A América que os europeus encontraram

Leitura 1

O que teria levado os primeiros grupos de povoadores a atravessar o Estreito de Bering e a fixar-se na América via Alasca?

Em um passado longínquo, que corresponde ao final do período que os arqueólogos e historiadores denominam Idade Paleolítica (Idade da Pedra Lascada), e os geólogos chamam de Plistoceno, a Ásia e a América encontravam-se unidas por uma faixa de terra

que, desaparecida, deu lugar ao Estreito de Bering. É tarefa ainda impraticável precisar rigorosamente uma data para a chegada dos povoadores asiáticos à América. Os recentes conhecimentos arqueológicos situam as primeiras migrações entre 40000 e 10000 a.C. – muito provavelmente em cerca de 15000 a.C. Existem provas de que, por volta de 9000 a.C., já havia homens na América. Fica, portanto, superada a tese

do autoctonismo, isto é, de que o homem americano seria originário do próprio continente. Na realidade, como sustenta o aloctonismo, os primitivos habitantes da América eram originários da Ásia Oriental (Sibéria).

A busca da sobrevivência

Assim, em um dos últimos períodos glaciais, bandos de caçadores primitivos, perseguindo manadas de grandes animais selvagens (bisões), deslocaram-se da

Sibéria para o Alasca, constituindo uma corrente migratória e iniciando o povoamento da América.

“Conquanto haja discordância com referência à data da entrada do homem, é unânime a crença de que os primeiros imigrantes viviam em pequenos bandos, compostos por famílias aparentadas. Os homens eram principalmente caçadores, e as mulheres coletavam provavelmente plantas selvagens comestíveis e executavam várias tarefas domésticas, tais como a preparação de peles para usar como proteção contra o vento, a chuva e o frio, e o trançado de cestos. Os instrumentos de pedra não eram especializados e o mesmo implemento servia muitas vezes para cortar, raspar e bater”.

(MEGGERS, B.J. *América Pré-Histórica*. Editora Paz e Terra. p. 27.)

Leitura 2

(...) Havia nas escolas grande número de jovens, levados voluntariamente por seus pais, os quais tinham preceptores e professores que os ensinavam e orientavam em louváveis exercícios, oferecendo-lhes conhecimentos para serem bem educados, para terem respeito aos mais velhos e para servir e obedecer. Para

que fossem agradáveis aos senhores, ensinavam-lhes a cantar e a dançar.

Aprendiam exercícios de guerra: atirar com boa pontaria uma flecha, um arpão, uma vara, manejar o escudo e lutar com espada. Dormiam mal e comiam pior, para que desde pequenos se preparassem para o trabalho e não fossem pessoas acomodadas.

Excepcionalmente havia, nos mesmos estabelecimentos, filhos de senhores e nobres que recebiam um tratamento particular: traziam comida de suas casas; ficavam sob o cuidado de velhos e anciãos que continuamente os admoestavam para serem virtuosos e viver castamente, para jejuar, para moderar o passo e andar devagar e com reverência. Costumavam prová-los em alguns trabalhos e exercícios pesados. Consideravam muito as inclinações dos jovens de mais idade. Aqueles que se achavam aptos para a guerra, tendo idade suficiente, esperavam a ocasião certa para prová-lo. Com o pretexto de levar comida e mantimentos aos soldados, enviavam-nos à guerra, para que observassem o medo. Muitas vezes levavam carregamentos pesados para que demonstrassem seu valor, e com maior facilidade fossem admitidos na companhia dos

soldados. Assim, acontecia irem levando carregamento ao campo de batalha e voltarem capitães condecorados; outros queriam se sobressair tanto que caíam prisioneiros, ou até mesmo morriam; os que não queriam ser presos esforçavam-se ao máximo para não se tornarem cativos dos seus inimigos. Os que assim se aplicavam eram comumente os filhos de gente nobre e valorosa e conseguiam o seu desejo.

Outros que se inclinavam às atividades do templo, às quais nós chamamos eclesiásticas, estando na idade adequada, saíam da escola e eram conduzidos aos aposentos do templo reservados aos religiosos. Recebiam as insígnias eclesiásticas, e ali tinham seus prelados e professores que os ensinavam tudo o que dizia respeito à religião e ao culto. Aquele que se tornava eclesiástico fazia-o por toda sua vida.

Os mexicanos criavam seus filhos com ordem e harmonia. Se agora houvesse essa mesma ordem e se construíssemos seminários para educar os jovens, sem dúvida floresceria a religião cristã entre os índios”.

(ACOSTA, Joseph de. *Historia Natural y Moral de las Indias*, 1590, pp. 505-6.)

Exercícios Resolvidos

1 (ENEM) – “Os Yanomami constituem uma sociedade indígena do norte da Amazônia e formam um amplo conjunto linguístico e cultural. Para os Yanomami, *urihi*, a ‘terra-floresta’, não é um mero cenário inerte, objeto de exploração econômica, e sim uma entidade viva, animada por uma dinâmica de trocas entre os diversos seres que a povoam. A floresta possui um sopro vital, *wixia*, que é muito longo. Se não a desmatarmos, ela não morrerá. Ela não se decompõe, isto é, não se desfaz. É graças ao seu sopro úmido que as plantas crescem. A floresta não está morta pois, se fosse assim, as florestas não teriam folhas. Tampouco se veria água. Segundo os Yanomami, se os brancos os fizerem desaparecer para desmatá-la e morar no seu lugar, ficarão pobres e acabarão tendo fome e sede.”

(ALBERT, B. “Yanomami, o espírito da floresta”. *Almanaque Brasil Socioambiental*. São Paulo: ISA, 2007. Adaptado.)

De acordo com o texto, os Yanomami acreditam que

a) a floresta não possui organismos decompositores.

- b) o potencial econômico da floresta deve ser explorado.
c) o homem branco convive harmonicamente com *urihi*.
d) as folhas e a água são menos importantes para a floresta que seu sopro vital.
e) *wixia* é a capacidade que tem a floresta de se sustentar por meio de processos vitais.

Resolução

Mera interpretação de texto, já que no enunciado consta o seguinte trecho: “a floresta possui um sopro vital *wixia* que é muito longo”.

Resposta: E

2 (ENEM) – “O índio do Xingu, que ainda acredita em Tupã, assiste pela televisão a uma partida de futebol que acontece em Barcelona ou a um *show* dos Rolling Stones na praia de Copacabana. Não obstante, não há que se iludir: o índio não vive na mesma realidade em que um morador do Harlem ou de Hong Kong, uma vez que são distintas as relações dessas diferentes pessoas com a realidade do mundo moderno; isso porque o homem é um ser cultural, que se apoia nos valores da sua comunidade, que, de fato, são os seus.”

(GULLAR, F. *Folha de S. Paulo*. São Paulo. 19 out. 2008. Adaptado.)

Ao comparar essas diferentes sociedades em seu contexto histórico, verifica-se que

- a) pessoas de diferentes lugares, por fazerem uso de tecnologias de vanguarda, desfrutam da mesma realidade cultural.
b) o índio assiste ao futebol e ao *show*, mas não é capaz de entendê-los, porque não pertencem à sua cultura.
c) pessoas com culturas, valores e relações diversas têm, hoje em dia, acesso às mesmas informações.
d) os moradores do Harlem e de Hong Kong, devido à riqueza de sua História, têm uma visão mais aprimorada da realidade.
e) a crença em Tupã revela um povo atrasado, enquanto os moradores do Harlem e de Hong Kong, mais ricos, vivem de acordo com o presente.

Resolução

Ao comparar o índio do Xingu com um morador do Harlem (Nova York) ou de Hong Kong, assistindo a uma partida de futebol ou a um *show*, pode-se concluir que pessoas com culturas, valores e relações diversas têm, hoje em dia, acesso às mesmas informações.

Resposta: C

Exercícios Propostos

1 Qual é o significado da expressão “eurocentrismo” e qual é sua influência na visão que o português teve em relação às populações indígenas do Brasil?

RESOLUÇÃO:

Eurocentrismo significa o predomínio da visão político-cultural da civilização europeia. Esta levou os portugueses a considerarem-se, pretensamente, superiores em relação aos povos indígenas.

2 Faça uma caracterização geral dos grupos indígenas brasileiros.

RESOLUÇÃO:

Viviam da caça, pesca, coleta vegetal, agricultura rudimentar. Desconheciam a tecelagem, o pastoreio, a agricultura intensiva, o uso de metais e eram seminômades. O trabalho era dividido de acordo com o sexo dos seus indivíduos.

3 Qual é a divisão das nações indígenas, segundo seus troncos linguísticos?

RESOLUÇÃO:

Tupi-guaranis ou tupinambás, jês ou tapuias, nuaruaques ou maipures e caraíbas ou caribas.

4 A História do Brasil inicia-se com a chegada dos portugueses porque

- a) antes disso não havia a História do Brasil.
- b) até essa época o Brasil era totalmente despovoado.
- c) passou a ser contada do ponto de vista de Portugal.
- d) os índios não possuem história nem sabem escrevê-la.
- e) o ponto de vista dos índios é inferior e não deve ser levado a sério.

RESOLUÇÃO:

Esta é uma visão eurocêntrica da História do Brasil.

Resposta: C

5 **(MODELO ENEM)** – As primeiras notícias sobre a Amazônia datam do século XVI. Em carta endereçada ao rei de Portugal, em 1538, Diogo Nunes de Quesada afirmava: “Esta terra está sobre o rio da Prata e o Brasil pela terra adentro, e por esta terra vem o grande rio das Amazonas. É bem povoado da mesma gente bem lúcida. E, da outra banda do rio, há muita povoação da mesma gente de maneira que de uma banda e da outra está bem povoada”.

Infere-se da missiva que

- a) as riquezas minerais, que tanto atraíam os europeus, estavam à vista, esperando para ser exploradas.
- b) a Amazônia brasileira apresentava considerável população, formada por nações e tribos indígenas.
- c) era urgente envolver a Igreja Católica no processo de ocupação e de colonização da área.
- d) se antevia a utilização de mão de obra escrava africana na região amazônica.
- e) estimular o extrativismo vegetal era a garantia da ocupação e posse da Amazônia.

RESOLUÇÃO:

Mera interpretação de texto. A carta de Diogo Nunes de Quesada (não se sabe ao certo quem seria este personagem) nos leva a confirmar o povoamento da Amazônia tendo como base a expressão “está bem povoada”. Contudo, não é possível afirmar – porém é possível deduzir – que essa população era formada por muitas nações e tribos, pois a expressão “povoação da mesma gente” não identifica variedade étnica.

Resposta: B

1. As relações com o branco: as políticas indigenistas

Os primeiros 30 anos da colonização brasileira, o chamado período pré-colonizador, marcaram-se por um profundo desinteresse de Portugal pelas terras conquistadas, pois essas não ofereciam riqueza aparente.

Pero Vaz de Caminha, ao descrever os habitantes da terra, escreveu que se tratava de gente “boa e de boa simplicidade”, que viviam em pleno estado de pureza e inocência, mas – dentro da sua visão eurocêntrica – afirmava que eram “gente bestial e de pouco saber”.

Porém, com o declínio do Império no Oriente, Portugal volta seus olhos para o Brasil, buscando suprir a falência comercial com as Índias. Nesse momento, os indígenas passam a sentir o peso da conquista e do contato com o branco.

A ocupação das terras brasileiras para a produção da cana-de-açúcar e a escolha pela escravidão do negro africano – comércio altamente lucrativo de mão de obra – implicaram na tomada dos territórios indígenas. Esse fato marca os primeiros conflitos, datados de 1547, quando os tupinambás massacraram o donatário da Bahia, Francisco Pereira Coutinho.

Somando-se a esse fato, o sistema de capitânicas hereditárias redundava em fracasso e, em 1548, D. João III decide pela criação e implantação imediata do Governo Geral.

Tomé de Souza chegou ao Brasil em 1549 e junto às ordens dadas por D. João III vinha a de varrer os tupinambás, “destruindo-lhes suas aldeias e povoações e matando e cativando aquela parte deles que vos parecer que basta para seu castigo e exemplo de todos”.

Os jesuítas vieram acompanhando Tomé de Souza e, contrariamente aos portugueses, acreditavam na possibilidade de converter os índios por meio da pregação e exemplo de vida. Assim, criaram as reduções e missões para catequizar os **gentios**, convertendo-os ao catolicismo.

Porém, não podemos colocar os jesuítas como defensores intransigentes dos grupos indígenas, pois ao considerarem a organização tribal e a prática da pajelança como empecilhos à catequese, nada faziam para deter o processo de destribalização feito pelos portugueses e que, na maioria das vezes, vitimava centenas de gentios.

Colônia

Durante a fase de colônia, a Igreja Católica foi sustentáculo ideológico da submissão do índio ao branco europeu.

A Bula *Romanus Pontifex*, do Papa Nicolau V, de 1454, garantia aos portugueses o direito de conquistar terras novas e submeter as populações bárbaras nelas existentes.

Em 1529, a Bula *Inter Arcana*, do Papa Clemente VII, reafirma esse direito, justificando que esses povos precisavam “participar do reino dos céus”, se necessário pela força.

As leis portuguesas do século XVI são dúbias com relação aos indígenas. Proíbem a escravização do indígena, mas ao mesmo tempo abrem essa possibilidade em caso de “**guerra justa**” e com permissão do rei – a guerra justa é aquela em que o indígena toma a iniciativa de agressão contra o branco.

No século seguinte, em 1605, é declarada a total liberdade dos gentios. Mas, nesse século, essa determinação foi anulada e restabelecida várias vezes. No final do século XVII, os jesuítas recebem os poderes temporal e espiritual sobre as populações indígenas. Tais poderes foram revogados pelo Marquês de Pombal, em 1757, que determinou também a proibição do ensino da língua nativa e tornou obrigatório o ensino de português aos gentios, estimulou os casamentos mistos e reafirmou a liberdade indígena.

Ao final do século XVIII, as leis de Pombal são revogadas e o princípio de “guerra justa” volta a imperar, além de ser estabelecido o livre acesso de brancos às áreas indígenas.

Império

Nos primeiros anos da independência, José Bonifácio recebeu apoio ao defender a tese de que todos deveriam participar da nova nação. A integração do indígena, segundo essa tese, deveria ser feita com a retomada da catequese, que foi oferecida aos padres capuchinhos italianos.

Em termos legais, é aprovada, no ano de 1831, a lei que estabelece a condição de “órfão” para os índios, a serem tutelados por juizes de paz. O Ato Adicional de 1834 determina que as Assembleias Legislativas Provinciais são as responsáveis pelo processo de civilização do indígena. No ano seguinte, aprova-se o regimento das missões, que estabelece a criação de diretorias gerais dos índios em cada província do Império, sendo os diretores nomeados pelo regente ou imperador, torna obrigatório o serviço militar e proíbe a escravidão do indígena.

Com a aprovação da Lei de Terras, 1850, que não permitia o direito de posse, mas apenas o de propriedade, o índio foi colocado em uma situação real de “invasor da terra”, pois não possuía o título da propriedade que ocupava, sendo em muitos locais expulso e desalojado, o que resultou em maiores conflitos e dizimação.

Em 1854, o decreto 1 318 regulamenta a Lei de Terras e estabelece a demarcação de terras indígenas por autoridades locais, o que, em diversas regiões, como São Paulo e Pernambuco, não foi feito.

Gentios: indígenas. **Guerra justa:** conceito criado pelo governo português, segundo o qual a guerra contra os indígenas seria permitida se estes atacassem os portugueses.

República

Da mesma forma que a primeira Constituição Brasileira (1824), a de 1891 não definiu nada sobre a questão indígena, apenas transferiu para os Estados a responsabilidade, que se orientaram por um sentimento paternalista em relação aos gentios, considerados como “órfãos” desde a Lei de 1831. No início do século XX, com a grande imigração europeia do final do século XIX, os conflitos entre brancos e indígenas se ampliam com o processo de ocupação de terras pelos europeus no sul do País. O Brasil passa a ser acusado, internacionalmente, de estar promovendo uma **política** de extermínio dos índios.

É nesse contexto que surge, em 1910, a ideia de criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), cuja direção coube ao marechal Cândido Rondon.

A política do SPI para a questão indígena limitava-se ao trabalho de demarcação de reservas, pacificação das tribos e integração do índio à sociedade brasileira sem a utilização do recurso da força.

A Rondon uniram-se oficiais do Exército, engenheiros, cientistas, médicos, antropólogos e cineastas. Somente com esse esforço é que a figura do índio passa a ter o reconhecimento de sua dignidade e uma política

para os povos que habitam o território brasileiro. É a partir do SPI que o elemento indígena passa a compor artigos das Constituições Nacionais.

Em 1967, foi criada a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), em substituição ao SPI. Em 1969 foi aprovado o “Estatuto do Índio” que se transformou na Lei 6 001, de 19 de dezembro de 1973.

Pela nova legislação, fica definido que os indígenas são tutelados pelo Estado por meio da FUNAI e considerados “relativamente capazes”, o que significa atribuir ao indígena os mesmos foros de um adolescente de 16 a 17 anos segundo essa lei.

Cabe à FUNAI demarcar as reservas indígenas, protegê-las e desenvolver programas para a integração gradual do índio à sociedade brasileira.

Porém, os indígenas, hoje em dia, não se colocam mais em uma atitude passiva de aceitar as políticas determinadas pelos brancos e padecer suas consequências. Atualmente, reúnem-se em nações que discutem e deliberam sobre questões de seu interesse, pretendendo ter soberania em suas decisões, apesar de a Constituição de 1988 determinar no seu artigo 22, inciso XIV, que “compete privativamente à União legislar sobre populações indígenas”.

Política: ciência que estuda os sistemas de governo e as relações de poder do Estado.

Exercícios Resolvidos

1 (ENEM) – Em muitos jornais, encontramos charges, quadrinhos, ilustrações, inspirados nos fatos noticiados. Veja um exemplo:

Miguel



(Jornal do Commercio, 22/8/9)

O texto que se refere a uma situação semelhante à que inspirou a charge é:

a) “Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela
– Foi poeta – sonhou – e amou na vida.”
(AZEVEDO, Álvares de. *Poesias escolhidas*.
Rio de Janeiro/Brasília: José Aguilar/INL, 1971.)

b) “Essa cova em que estás
Com palmos medida,
é a conta menor
que tiraste em vida.
É de bom tamanho,
Nem largo nem fundo,
É a parte que te cabe
deste latifúndio.”

(MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967)

c) “Medir é a medida
mede
A terra, medo do homem, a lavra;
lavra
duro campo, muito cerco, vária várzea.”
(CHAMIE, Mário. *Sábado na hora da escutas*.
São Paulo: Summums, 1978.)

d) “Vou contar para vocês
um caso que sucedeu
na Paraíba do Norte
com um homem que se chamava
Pedro João Boa-Morte,
lavrador de Chapadinha:
talvez tenha morte boa
porque vida ele não tinha.”
(GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira, 1983.)

e) “Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar
E ora mortos nos deixa e separados.”
(ASSIS, Machado de. *Obra completa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1986.)

Resolução A charge reproduzida nesta questão refere-se ao genocídio dos índios, sugerindo que as terras que lhes são destinadas são as de suas covas. O mesmo se diz, a respeito dos agricultores “sem-terra”, nos versos transcritos de João Cabral de Melo Neto.

Resposta: B

2 (FGV – MODELO ENEM) – “O primeiro testemunho sobre a antropofagia na América foi registrado por Álvarez Chanca (...) em 1493. (...) Registrada a abominação antropofágica, os monarcas espanhóis autorizam em 1503 a escravidão de todos os caraiabas pelos colonos. No litoral brasileiro, os tupinambás, do grupo tupi, tinham o hábito do canibalismo ritual (...).

Prova de barbárie e, para alguns, da natureza não humana do ameríndio, a antropofagia condenava as tribos que a praticavam a sofrer pelas armas portuguesas a ‘guerra justa’ e do cativo perpétuo em 1557, por terem devorado no ano anterior vários náufragos portugueses, entre os quais se encontrava o primeiro bispo do Brasil”.

(Luís Felipe de Alencastro,
Folha de S.Paulo, 12/10/1991)

A partir do fragmento é correto concluir que
a) as tribos tupiniquins, aliadas aos franceses, acreditavam na justiça e na importância da guerra justa como capaz de permitir a supremacia contra tribos inimigas.

b) conforme determinava a legislação de Portugal e da Espanha até o início do século XIX, apenas os nativos da América que praticavam o canibalismo foram escravizados.

c) a escravização dos ameríndios foi legal e efetiva apenas até a entrada dos primeiros homens escravos africanos na América, a partir da segunda metade do século XVII.

d) o estranhamento do colonizador europeu com a prática da antropofagia por parte dos nativos da América serviu de pretexto para a escravização desses nativos.

e) portugueses e espanhóis, assim como a Igreja Católica, associavam a desumanidade dos índios ao fato de esses nativos insistirem na prática da guerra justa.

Resolução Interpretação de texto. Deve-se porém observar que a escravização de índios pelos portugueses ultrapassou largamente o pretexto da antropofagia praticada por determinadas tribos.

Resposta: D

1 Em linhas gerais, defina a política indigenista portuguesa do período colonizador.

RESOLUÇÃO:

Portugal nunca teve uma política clara em relação aos povos indígenas, ao contrário, durante o período colonizador, os portugueses marcaram-se pela dubiedade de posições, ora optando pela escravização dos gentios, ora concedendo-lhes a liberdade – e esta com o direito português à “guerra justa”. Essas políticas eram estabelecidas, via de regra, conforme as necessidades de mão de obra.

2 Qual a posição da Igreja Católica em relação aos índios nos primórdios da colonização portuguesa?

RESOLUÇÃO:

A Igreja foi o sustentáculo ideológico para submeter as populações indígenas. Nessa medida, considerava direito dos portugueses submeter os povos aqui existentes.

3 Esclareça a atual condição do indígena prevista pela Constituição de 1988.

RESOLUÇÃO:

Pelo texto constitucional, os indígenas ainda são considerados tutelados pelo Estado.

4 Analise as afirmativas a seguir:

I – A primeira classificação científica dos nossos indígenas foi feita pelo alemão Karl von Den Stein, em 1884.

II – Os jesuítas classificaram cientificamente os indígenas em dois grupos: tapuias e tupis.

III – Os tapuias foram chamados índios de língua travada e os tupis, de língua geral.

Está(ão) correta(s):

- a) I, II e III. b) nenhuma alternativa. c) I e II.
d) I e III. e) II e III.

RESOLUÇÃO:

A classificação jesuíta não era científica, baseava-se na língua e na região que ocupavam.

Resposta: D

5 I – “O número de índios no Brasil vem diminuindo desde a época do descobrimento. As estimativas calculam entre 2 e 5 milhões o número de indígenas na época do descobrimento. Hoje essa população está reduzida a mais ou menos 200 mil, sendo que a maioria se desenraizou de seu lugar de origem.”

II – “Distribuída no Brasil em mais de 150 povos e falando mais de 100 línguas, essa população não pode ser tratada como um todo homogêneo. Apesar de haver semelhanças, cada povo possui costumes próprios.”

Como consequência das informações contidas nos textos I e II, com relação à população indígena brasileira, podemos afirmar:

- a) A colonização significou, para a população indígena, extermínio em massa e escravidão.
b) Levando-se em consideração a história do contato entre brancos e índios, não houve total dizimação dos indígenas e nenhuma grande modificação espacial na sua distribuição.
c) A relação que essa população manteve com a sociedade implantada desde 1500 foi sempre heterogênea, dada a diversidade tribal.
d) A heterogeneidade tribal não tem sido um empecilho à política indigenista.
e) Deve ter havido uma interiorização da população indígena, devido à expansão colonizadora, no sentido norte-sul.

RESOLUÇÃO: O texto demonstra que o contato com o homem foi destruidor para a sua civilização.

Resposta: A

6 (FUVEST – MODELO ENEM) – “O isolamento não pode ter características permanentes, visando à manutenção do índio em seu estado primitivo. Com o avanço das frentes pioneiras, esse contato é inevitável e o índio deve ser preparado para esse contato sem choques bruscos que possam trazer desequilíbrios à comunidade.”

Este depoimento do General Bandeira de Mello, presidente da FUNAI nos anos 70, defende

- a) a integração por intermédio de projetos econômicos comuns entre os grupos privados e as comunidades indígenas, sem interferência estatal.
b) o direito de as empresas extrativas e pastoris adquirirem a posse das reservas de importância estratégica, utilizando mão de obra indígena.
c) a tese de que não se pode resolver os problemas dos índios às custas dos trabalhadores rurais, propondo que os novos assentamentos sejam feitos com base em cooperativas.
d) a integração lenta, gradativa e progressiva dos índios à sociedade brasileira, como condição de se evitar sua marginalização.
e) a integração como decisão autônoma das comunidades indígenas, garantindo-lhes, enquanto isso, a posse de suas terras por meio da criação de “reservas”.

RESOLUÇÃO:

Uma grande discussão entre os antropólogos gira em torno da preservação da cultura indígena, por meio do isolamento total ou da sua integração à sociedade brasileira. O primeiro grupo acredita que os indígenas devem viver isolados para que sua cultura possa sobreviver. O segundo, por acreditar que o contato cultural é inevitável, busca integrá-lo da melhor maneira possível.

Resposta: D



No Portal Objetivo

Para saber mais sobre o assunto, acesse o **PORTAL OBJETIVO** (www.portal.objetivo.br) e, em “localizar”, digite **HIST1M409**

ARTES

Educação Artística - Módulos

23 – Pós-Impressionismo e Simbolismo

24 – Expressionismo

25 – Cubismo

26 – Dadaísmo e Surrealismo

27 – Arte no Brasil: dos primórdios até o academicismo

28 – Arte no Brasil: Modernismo



A persistência da memória
– Dalí e autorretrato – Picasso

Módulo

23

Pós-Impressionismo e Simbolismo

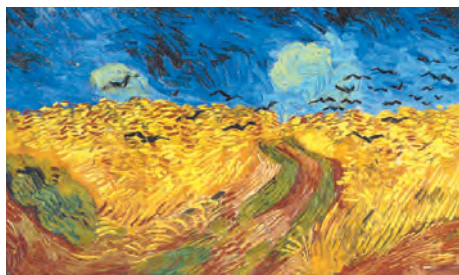
Palavras-chave:

- Natureza morta
- Nabis • Primitivismo

1. Introdução

Como o nome já menciona, o Pós-Impressionismo foi a expressão utilizada para definir a pintura e, posteriormente, a escultura no final do Impressionismo, por volta de 1885, marcando também o início do Cubismo, já no início do século XX. A maioria de seus artistas iniciou-se como Impressionista, partindo daí para diversas tendências distintas.

Sentindo-se limitados e insatisfeitos pelo estilo impressionista, alguns jovens artistas queriam ir mais além, ultrapassar a *Revolução de Manet*. Aí se encontra a gênese do novo movimento, que não buscava destruir os valores do grande mestre, e sim aprimorá-los.



Van Gogh (1853-90), "Trigal com Corvos" foi pintada durante sua fase mais produtiva.

2. Pintura

Na pintura, o mais velho dos pós-impressionistas foi Paul Cézanne (1839-1906), com obras fortemente estruturadas, utilizando formas geométricas bastante simples, desrespeitando a natureza e a realidade.

Especializando-se em fazer "naturezas-mortas", Cézanne buscou trazer à vista o que é permanente, estando aquém do que pode ser accidental. Entre suas obras destacam-se *Fruteira, Copo e Maças*, nas quais a preocupação com o "sólido e durável" era sua temática.



Paul Cézanne (1839-1906). *As Grandes Banhistas*.

Um dos "pós-impressionistas" mais famosos é sem dúvida Vincent Willem van Gogh (1853-1890) que, dentro do Impressionismo, não tinha liberdade artística suficiente para melhor exprimir suas emoções. Durante sua juventude foi pregador religioso, tornando-se pintor por

volta dos trinta anos. Sua vida com a pintura foi dividida em 4 fases: iniciando na Holanda, seus quadros possuíam os contrastes de claro-escuro; em Paris, como impressionista, suas angústias manifestavam-se em suas obras; em Arles, ao sul da França, conseguiu libertar-se do Naturalismo, transformando o estilo em um colorido abstrato; e, após várias crises nervosas, transferiu-se para Anvers, uma cidade tranquila ao norte da França, onde em três meses conseguiu pintar cerca de oitenta quadros, destacando-se entre eles *Trigal com Corvos*.

O Simbolismo e os Nabis

Insatisfeito por considerar que o pensamento da civilização ocidental estava “fora dos eixos” e que a sociedade moderna transportava os homens a uma vida incompleta, dedicada ao materialismo, Paul Gauguin trocou a Europa por uma ensolarada ilha do Pacífico Sul, o Taiti. Aí está sua fase mais criativa, em que pintou seus mais célebres quadros, como *Jovens Taitianas com Flores de Manga*, *Fatata te Miti*, entre outros. Gauguin queria uma renovação na arte ocidental e conclamava seus amigos simbolistas a abandonar a tradição clássica para uma volta ao “Primitivismo”.

Suas ideias juntam-se às dos pré-rafaelistas, realistas e simbolistas dando origem a um grupo “**amorfo**”, cujos artífices eram conhecidos como Nabis, que em hebraico significa profeta. Era a verdadeira continuação de Gauguin, pois colocava a visão interior acima da Natureza, valorizando a descoberta de um motivo em si, por si, como sendo a essência da arte. Nesse movimento, destacou-se um artista estranho e solitário chamado Gustave Moreau (1826-1898), que possuía como tema preferido a história de Salomé e João Batista.

São também importantes nomes entre os Nabis, Odilon Redon, Aubrey Beardsley e Henri de Toulouse-Lautrec (1864-1901), que é considerado um Nabi transfigurado, como também o primeiro dos fauvistas e, para alguns autores, um dos precursores do Expressionismo.

3. Escultura

Os escultores ainda estavam sob a influência de Rodin, mas alguns já podiam seguir os próprios passos, como Aristide Mailiol (1861-1944), que começou como pintor simbolista e, embora não compartilhasse da atitude anticlássica de Gauguin, para muitos autores pode ser chamado de um “primitivista clássico”. Uma de suas obras, *Mulher Sentada*, representa a antítese de *O Pensador*, de Rodin. Outros nomes que se destacam na escultura pós-impressionista são George Minne e Ernest Barlach, que foi considerado como “primitivista gótico”.

4. Arquitetura

A arquitetura não foi uma manifestação artística muito desenvolvida no Pós-Impressionismo. Podemos dizer que somente após o término da Primeira Guerra Mundial a influência do Expressionismo manifestou-se na arquitetura, antes de os edifícios e construções se tornarem simples e com um grau de funcionalidade de acordo com o novo estilo moderno da época. Dentre as realizações, destaca-se a *Torre Einstein*, em Potsdam, obra de Erich Mendelsohn.

Amorfo: sem forma definida; informe.



Van Gogh (1853-90).
A Noite Estrelada.



Paul Gauguin (1848-1903).
Jovens Taitianas com Flores de Manga.



Henri de Toulouse-Lautrec (1864-1901).
Troupe de Mademoiselle Églantine.



1. Pós-Impressionismo 2. Simbolismo e Misticismo

Leitura 1

Os fracassos de Rodin como artista são bastante informativos. Do ponto de vista do temperamento, ele se aproxima de Delacroix e tinha uma necessidade wagneriana de expressar a energia, o dinamismo do século XIX que perturbou Henry Adams e o obrigou a refugiar-se em Chartres. A fim de encontrar um idioma

para o titânico, Rodin fez uma experiência com o movimento das ondas em sua escultura, o movimento romântico que conduzia a enorme vaga na *Jangada do Medusa* de Géricault. Os grupos de figuras de Rodin se curvam para dentro e depois se atiram para fora na horizontal, num salto para fora do bloco semelhante à cabeça de La Tempête que grita em ataque emotivo.

Rodin também se especializou no fragmento anatômico – a mão, a cabeça, o corpo musculoso emergindo do mármore não terminado. Este é um tipo de simbolismo, pois só alguns detalhes são afirmados. A *Última Visão* provém dos gigantes não terminados de Michelangelo bem como das técnicas simbolistas: só uma cabeça, a sugestão de mãos cruzadas, a tradução

de volumes esculturais para termos pictóricos obscuros. É significativo que no Museu Rodin estejam penduradas as enevoadas pinturas cinzentas de Carrière, pois este borra tudo o que toca. Rodin troca o vago pela realização escultural, exceto em umas poucas obras como *La Femme Accroupie*, uma simplificação massiva, quase egípcia. Esta técnica poética evasiva está em agudo contraste com o valor escultural dos planos protocubistas de Cézanne. Na verdade, Rodin nunca encontrou seu estilo e existe um terrível conflito entre suas implicações nebulosas e a sensualidade que lhe é inerente, conflito que Wagner também experimentou. A falta de precisão nos lembra Maeter linck; a massa nos faz recordar Michelangelo e o Barroco. Rodin não conseguiu chegar à conciliação da abundância escultural atingida por Renoir; em certos momentos, ele se torna uma espécie de John Singer Sargent da pedra. A busca do mito, em Rodin, esclarece parte do wagnerismo que o levou a assuntos como *Eva*, *Orfeu*, *As Metamorfoses de Ovídio*, o enorme arquétipo do *Homem Andando* e o pomposo clichê de *O Pensador*. Grande parte deste titanismo é luxo emocional, como *The Gates of Hell*. Parte, como *O Beijo*, é simplesmente vulgar.

(SYPHER, Wylie. *Do Rococó ao Cubismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980. pp. 193-194.)

Leitura 2

Quando o Naturalismo descambou para o Simbolismo e o Misticismo, isso ocorreu em virtude de causas sociais, porém ocorreu de acordo com um método particular a tais desenvolvimentos. Nas manifestações intelectuais e artísticas de revolta, dentro do mundo burguês, chega sempre um momento de decisão, quando um movimento revolucionário (não mais

meramente um movimento de protesto) empolga as massas, isto é, quando as classes entram em ação. A Revolução Francesa, a Revolução de 1848 e a Comuna de Paris foram pontos decisivos na evolução da literatura e da arte, tanto como na política. Em cada uma dessas ocasiões, os artistas foram obrigados a tomar partido, a alinhar-se com tendências progressistas ou reacionárias. A primeira revolução proletária, a primeira tomada do poder pela classe operária, sob a Comuna de Paris, teve um efeito profundo e duradouro. O pânico que se apoderou da burguesia afetou o velho Taine, de um lado, e o moço Nietzsche (para quem a Comuna foi um choque inesquecível), de outro. Quanto mais decisivamente aparece em cena a classe operária, tanto mais difícil vai-se tornando satisfazer-se com revoltas no *interior* da burguesia, tanto mais difícil vai-se tornando satisfazer-se com aquelas revoltas sempre limitadas por suas contradições internas e tanto mais agudamente a luta de classes vai forçando os intelectuais rebeldes a fazerem uma escolha: ou se aliam à classe operária ou se põem a serviço da reação. A terceira escolha revela-se ilusória: optando pela aparente independência do niilismo social, os intelectuais passam, de fato, a apoiar o *status quo* contra as forças do futuro.

O naturalismo acreditou pintar as condições sociais com “objetividade científica”; mas esta “objetividade” era enganosa. Tal como o Impressionismo, o naturalismo não pôde ver essas condições como uma luta entre o passado e o futuro: viu-as como um presente não sujeito a mudança. Não as enxergou em seu contexto dialético, mas num momento fixo, não temporal. Quando Taine ainda era progressista, escreveu ao jovem Zola:

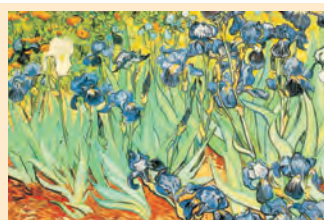
“Se você se fecha no vazio e pinta para o leitor a história sem esperança de um monstro, de um louco ou de um desgraçado doente, só conseguirá retardar-lhe a compreensão... O verdadeiro artista precisa possuir amplo conhecimento e atitude superior, o que lhe possibilitará envergar o modelo superior. Os escritores de hoje especializam-se em demasia, isolam-se do mundo e põem-se a fazer exames microscópicos das partes individuais ao invés de fixar a vista no todo”.

O artista perdeu de vista “o todo”, tal como Cézanne também já o percebera e indicara. Para o Naturalismo, não há ordem de prioridades no real; o pormenor incidental e o característico merecem a mesma atenção. Uma conversa ou um acontecimento decisivos e o zumbido de uma abelha ou o pregão de uma vendedora de ovos interrompendo a conversa passam a ser considerados igualmente reais e, por conseguinte, igualmente importantes. Esse registro fotográfico de condições estaticamente (e não dialeticamente) enfocadas origina uma sensação de absurdo, uma atmosfera opressiva e desencorajadora, que leva à passividade. Em certo sentido, o naturalismo antecipou a desumanização, o ambiente monótono e desesperador de coisas que se tornaram onipotentes em decorrência das leis inumanas do sistema capitalista de produção, ambiente que mais tarde ainda viria a encontrar uma expressão mais gritante nas artes. O Naturalismo revelou a fragmentação, a hediondez, a imunda superfície do mundo capitalista burguês, mas não pôde ir adiante, não pôde ir mais fundo e reconhecer aquelas forças que se estavam preparando para destruir tal mundo e estabelecer o socialismo.

(FISCHER, Ernest.

A Necessidade da Arte. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1983. pp. 92-93.)

Exercícios Resolvidos



- 1 (MODELO ENEM) – Os quadros acima são da autoria de
a) Van Gogh. b) Matisse. c) Gauguin.
d) Toulouse-Lautrec. e) Goya.

Resolução

Os quadros *O quarto* e *Os lírios* são de autoria de Vincent Willem Van Gogh e apresentam o estilo do pintor, cujas pinceladas eram nervosas, carregadas de tinta e muito pronunciadas.

Resposta: A



- 2 (MODELO ENEM) – Este pintor mudou da Europa para uma ilha da Polinésia francesa chamada Taiti onde viveu sua fase mais criativa. Estamos nos referindo a

a) Van Gogh. b) Matisse. c) Goya. d) Toulouse-Lautrec. e) Gauguin.

Resolução:

Gauguin, descontente com a sociedade moderna que conduzia os homens a uma vida incompleta, dedicada ao materialismo, propunha uma volta ao primitivismo. **Resposta: E**

Exercícios Propostos

1 Por que aconteceu o movimento chamado Pós-Impressionismo?

RESOLUÇÃO:

Porque a maioria dos artistas era impressionista e sentiam-se limitados com o estilo, procurando ultrapassar as fronteiras dessa forma de arte.

2 Qual pintor é considerado como iniciador do Pós-Impressionismo?

RESOLUÇÃO:

Paul Cézanne (também impressionista) foi o criador de obras estruturadas, reconstruindo a estrutura, densidade e peso dos objetos.

3 Que foram os Nabis e qual o significado de “Nabi”?

RESOLUÇÃO:

Grupo de artistas que julgava ser a visão interior mais importante do que a pura observação da natureza; a palavra “nabi” em hebraico significa “profeta”.

4 Qual a ligação do pintor Toulouse-Lautrec com os Nabis e o Fauvismo?

RESOLUÇÃO:

Para muitos críticos de arte, Toulouse-Lautrec era um “nabi” transfigurado e o iniciador do chamado Fauvismo.

5 Comente sobre a arquitetura pós-impressionista.

RESOLUÇÃO:

Não era muito relevante. A arquitetura pós-impressionista só terá relevância após a Primeira Guerra Mundial, quando será retomada com influências do Expressionismo.

6 São escultores do Pós-Impressionismo

- a) Minne e Bernini.
- b) Rodin e Houdin.
- c) Mailiol e Barlach.
- d) Canova e Mailiol.
- e) Minne e Houdin.

RESOLUÇÃO:

Mailiol é chamado de primitivista clássico e Barlach, primitivista gótico.

Resposta: C



Salomé e João Batista – Gustave Moreau

7 (MODELO ENEM) – Gustave Moreau foi um dos pintores franceses que pertenceu a um grupo conhecido como “nabis”, ou seja, defendia

- a) um retorno ao passado medieval, como uma expressão do sentimento nacionalista.
- b) a visão interior como superior à natureza.
- c) a utilização de formas geométricas bastante simples.
- d) a pintura hebraica como referência artística moderna.
- e) a simplificação de temas tomando como base as histórias bíblicas.

RESOLUÇÃO:

Os “profetas” (*nabi* em hebraico) defendiam a arte como um valor intrínseco, em si e por si.

Resposta: B

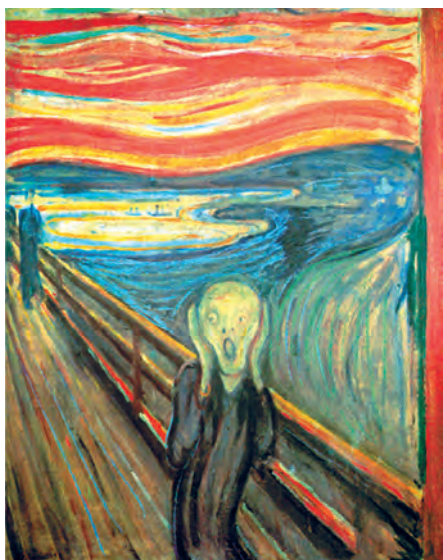
- Angustiante
- Dramático • Feras

1. Introdução

Em reação ao Impressionismo, surgiu na Alemanha um movimento de um grupo denominado “Die Brücke”, que significa “A Ponte”, mais conhecido como *Expressionismo*, que tinha por finalidade desenvolver uma pintura dramática, patética, angustiante e com sensações.

São características da pintura expressionista o uso da deformação visual, chegando até mesmo à caricatura; o pintor recusa o aprendizado técnico, pintando conforme as exigências de sua sensibilidade. O artista não vive apenas o drama humano, mas também o da sociedade, criticando a exploração do homem pelo homem, tendo sua origem em raízes geográficas e raciais.

O movimento expressionista teve em Van Gogh seu grande inspirador, seguindo-se o belga James Ensor (1860-1949) e Edward Munch, que possuía uma visão pessimista da figura humana, chegando a uma obsessividade, como mostra sua obra *O Grito*. Essa linha da pintura teve também extraordinários expoentes, tais como Christian Krog e Ernest L. Kirchner (1880-1938), sendo este último participante do original “Die Brücke”.



Edward Munch
(1863-1944).
O Grito.

2. A Secessão

As obras de Munch causaram tamanha controvérsia quando foram expostas em Berlim, que alguns jovens artistas austríacos e alemães se afastaram das instituições e exposições acadêmicas, a fim de criar movimentos modernos, que acabaram por se relacionar com o *Art Nouveau* alemão. Gustave Klimt (1862-1918) foi seu maior expoente.



Gustave Klimt
(1862-1918).
As Três Etapas da Vida.

3. O Fauvismo

Sob a liderança de Henri Matisse, foi formado em 1905, durante o Salão de Outono em Paris, um grupo de jovens e independentes pintores, em oposição às obras de Gauguin, Cézanne, Renoir, Manet e Toulouse-Lautrec. Em virtude do fato de suas obras terem sido comparadas com as pinturas selvagens, por um crítico de arte, foram chamados de “feras” (*fauves*, em francês).

Sua pintura é caracterizada pelo uso de cor intensa, distorcida e de padrões bastante planos.



Henri Matisse (1869-1954),
Figura decorativa sobre fundo ornamental.

O principal expoente do Fauvismo, para a maioria dos historiadores de arte, é Henri Matisse (1869-1954). Sem nenhuma preocupação com o realismo, suas obras possuem figuras que são importantes enquanto formas, montando uma composição, destacando-se o quadro *A Alegria de Viver*. Henri Rousseau (1844-1910), que foi descoberto por Picasso, também pode ser incluído como fauvista, tendo começado a pintar já na meia idade; sua grande obra é *O Sonho*, mostrando um mundo encantado e inocente. Mais tarde, Picasso e seus amigos consideraram-no como o padrinho da pintura do século XX.

As pinturas do Fauvismo inspiravam-se nas artes antigas, selvagens, populares e até infantis. O artista deveria expressar os seus impulsos e sensações vitais, negando com isso os recursos intelectuais consagrados pela pintura. Destacam-se como pintores desse estilo Othon Frensz e André Derain.



Expressionismo

Os Fauves

No que concerne à pintura, pode-se dizer que o século XX começou cinco anos mais tarde. Entre 1901 e 1906, foram realizadas em Paris várias exposições abrangentes da obra de Van Gogh, Gauguin e Cézanne. Os jovens pintores que haviam crescido na atmosfera mórbida e “deca-dente” da década de 1890 ficaram profundamente impressionados, e alguns deles desenvolveram um estilo novo e radical, cheio de cores violentas e distorções ousadas. Sua primeira aparição pública, em 1905, chocou tanto os críticos que eles lhes deram o nome de *Fauves* (“selvagens”), um rótulo que adotaram com orgulho. Na realidade, não era um programa comum que os unia, mas sim o sentido de liberação e de experimento que compartilhavam. Assim, o Fauvismo abrangia muitos estilos individuais vagamente relacionados, e o grupo se dissolveu depois de alguns anos.

Matisse

Seu principal líder era Henri Matisse, o mais velho dos fundadores da pintura do século XX. A *Alegria da Vida*, provavelmente o quadro mais importante de sua longa carreira, resume o espírito do Fauvismo melhor do que qualquer outra obra. Obviamente, o cromatismo uniforme de sua superfície, seus contornos pesados e cheios de ondulações, e o caráter “primitivo” de suas obras foram inspirados em Gauguin; até mesmo o tema sugere a visão do Homem num estado de Natureza que Gauguin tentara encontrar no Taiti. Mas logo percebemos que essas figuras não são

Bons Selvagens sob o encanto de um deus nativo; o tema é uma cena pagã no sentido clássico – uma bacanal, como a de Ticiano. Até mesmo poses das figuras têm uma origem predominantemente clássica, e a habilidade aparentemente descuidada mostra um profundo conhecimento do corpo humano (Matisse fora treinado na tradição acadêmica). O que torna a pintura tão revolucionária é sua radical simplicidade, sua “capacidade de omissão”: cada coisa que talvez possa existir foi omitida ou sua existência apenas insinuada; e, no entanto, a cena preserva os aspectos essenciais da forma plástica e da profundidade espacial. A pintura Matisse, parece dizer, é a ordenação rítmica da linha e da cor numa superfície plana, mas não é apenas isso. Até que ponto a imagem da natureza pode ser condensada sem que perca suas propriedades básicas, reduzindo-a, dessa forma, a um mero ornamento da superfície? “O que procuro, acima de tudo”, explicou certa vez, “é a expressão... (Mas)... a expressão não consiste na paixão refletida num rosto humano... Toda a organização de meu quadro é expressiva. A posição das figuras ou objetos, os espaços vazios ao seu redor, as proporções; tudo tem uma função”. Mas nós nos perguntamos o que expressa *A Alegria da Vida*. Exatamente o que o título diz. Qualquer que seja a sua dívida para com Gauguin, Matisse nunca foi afetado pelo mesmo descontentamento atormentado em relação à “decadência” de nossa civilização. Seus sentimentos intensos voltavam-se para uma direção

única – o ato de pintar: para ele, essa experiência era tão feliz e profunda que queria transmiti-la ao observador em todo seu vigor e imediatismo. O objetivo de seus quadros, conforme ele sempre declarava, era dar prazer.

O equilíbrio novo e radical que Matisse alcançou entre os aspectos “bidimensionais” e “tridimensionais” da pintura está particularmente evidente em seu quadro *Harmonia em Vermelho*; ele pinta a toalha de mesa e a parede com a mesma combinação de azul sobre vermelho, e, no entanto, distingue os planos horizontais dos verticais com total segurança. Cézanne foi o pioneiro nessa integração do ornamento de superfície na concepção de um quadro, mas aqui Matisse a transforma no elemento principal de sua composição. Igualmente ousada – mas perfeitamente inteligível – é a vista de um jardim com árvores floridas, mostrada através da janela: a casa ao longe está pintada no mesmo tom rosa forte que o interior, e, desse modo, relaciona-se com o resto do quadro. Da mesma forma, o azul do céu, o verde da folhagem e os pontos amarelos-vivos (em lugar de flores) repetem-se todos no primeiro plano. A “capacidade de omissão” de Matisse entra em ação novamente: ao reduzir o número de tons ao mínimo, faz da cor um elemento estrutural independente. Essa é tão importante que *Harmonia em Vermelho* perderia todo o significado numa reprodução em preto e branco.

(JANSON, H. W. e JANSON, Anthony F. *Iniciação à História da Arte*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda. pp. 357-360.)

Exercícios Resolvidos



1 (MODELO ENEM) – O quadro ao lado é uma caricatura de uma importante obra do expressionista Edward Munch.

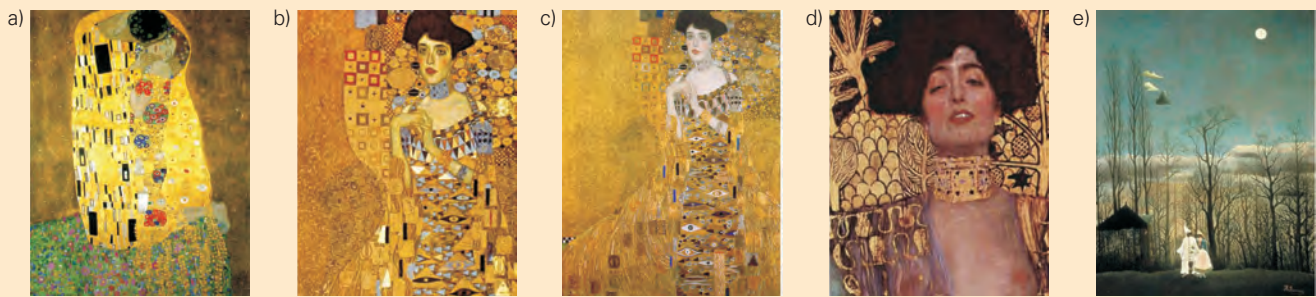
- a) A Ponte.
- b) O Rio.
- c) O Desespero.
- d) O Grito.
- e) A Passarela.

Resolução

Munch possui uma visão pessimista da figura humana, demonstrando seu horror com a humanidade através da sua obra *O Grito*.

Resposta: D

2 (MODELO ENEM) – Qual das obras abaixo **não** pertence a Gustave Klimt?



Resolução O quadro que aparece na alternativa e pertence a Henri Rousseau, que faz parte do estilo fauvista. **Resposta: E**

Exercícios Propostos

1 Cite duas características da pintura expressionista.

RESOLUÇÃO:

O uso da **deformação visual**, chegando mesmo à caricatura, sendo a pintura feita em conformidade com a sensibilidade do artista.

2 Qual foi o maior expoente do movimento da Secession?

RESOLUÇÃO: Gustave Klimt.

3 Por que os fauvistas foram comparados pelos críticos da época com “selvagens”?

RESOLUÇÃO:

Porque as obras foram comparadas com as pinturas selvagens, infantis, populares e antigas.

4 O nome Fauvismo vem

- a) do francês *fauve*, que significa fera.
- b) do italiano *fauve*, que significa favo.
- c) do inglês *fauve*, que significa fauna.
- d) do francês *fauve*, que significa fauna.
- e) do espanhol *fauve*, que significa fera.

RESOLUÇÃO:

Um crítico de arte disse que seus expoentes eram “feras” (gíria).

Resposta: A

5 Não está correto sobre o Fauvismo a seguinte frase:

- a) Henri Matisse foi o maior expoente do Fauvismo.
- b) *O Sonho* é a mais importante obra de Rousseau.
- c) Cézanne, no final de sua obra, também foi um pintor do Fauvismo e da Secession.
- d) Destacam-se no Fauvismo os pintores Georges Rouault e Francis Bacon.
- e) A pintura fauvista resgatou as artes populares, infantis e antigas.

RESOLUÇÃO:

São movimentos posteriores a Cézanne e, com relação ao Fauvismo, eram seus opositores.

Resposta: C

6 O afastamento de grupos de artistas austríacos e alemães das exposições e instituições acadêmicas, com a finalidade de criar movimentos modernos, recebeu o nome de

- a) Fauvismo.
- b) Expressionismo.
- c) Cubismo.
- d) Secession.
- e) Impressionismo.

RESOLUÇÃO:

Secession significa separação, ou seja, um grupo que se separou do academicismo para serem modernistas.

Resposta: D

7 (MODELO ENEM) – Quem foi o autor dessas obras?



- a) Henri Matisse.
- b) Henri Rousseau.
- c) Gustave Klimt.
- d) James Ensor.
- e) Paul Cézanne.

RESOLUÇÃO: Henri Rousseau é um dos expoentes do movimento fauvista, nome dado por um crítico de arte que chamou estes artistas de “feras” (*fauves*, em francês).

Resposta: B

1. Introdução

Definitivamente, no século XX todas as coisas mudaram mais rapidamente do que em qualquer época da história da humanidade. Essas mudanças também são sentidas e refletidas na arte. A quantidade de mudanças durante esse século, incluindo novos experimentos na pintura, escultura e arquitetura, é enorme. O mundo se transforma, estando em constante movimento.

2. A origem do Cubismo

Em um momento decisivo para a Arte, o Cubismo surgiu logo no início deste século como uma resposta ao Fauvismo, tendo em Cézanne seu inspirador. No final de seu período, o artista achava que a pintura deveria tratar as formas da natureza como se fossem cones, esferas e cilindros. Esta regra foi seguida no estilo da pintura criada por Picasso e Braque, que se caracterizou pelo abandono da representação de apenas um ângulo do tema, sendo este trocado pela combinação de numerosos ângulos sobrepostos, que comumente têm a forma cuboide ou geométrica. A obra de arte é considerada um fato plástico, livre da limitação direta das formas naturais, propondo transformar sua visão com a ajuda de formas geométricas.

O nome Cubismo também veio de Louix Vauxcelles, o mesmo que deu a denominação “fauves”, sendo logo aceito por todos, principalmente pelos seus dois expoentes: Pablo Picasso (1881-1974) e Georges Braque (1882-1963).



Pablo Picasso (1881-1974), *As Senhoritas de Avinhão*.

O Cubismo se subdivide em três fases: cezaneano, analítico e sintético.

O **cubismo cezaneano** é dominado pela vontade de estruturar a obra mediante a decomposição geométrica, com uma poderosa sensação de volume, peso e espaço,

com o fundo de cor abstrata, tendo sempre a presença do cinza em seus tons.

Outra fase é o **cubismo analítico**, que tem como base a decomposição minuciosa dos objetos, quebrando-os em múltiplas faces, com uma pobreza de cores (tons cinza e marrom). Nessa fase, destacamos a obra de Picasso, *As Senhoritas de Avinhão*. Segundo consta, quando Braque viu a obra ficou atônito e insatisfeito com seus próprios experimentos, pintando *Casas do Estaque*, no qual a luz vem de vários pontos.



Pablo Picasso (1881-1974), *Guernica*.

Por fim, a última fase é o **cubismo sintético**, no qual há uma lenta diminuição da decomposição da forma, estabelecendo um leve dualismo entre a figura e o fundo. Essa fase também é conhecida como colagem, porque se introduziram letras, palavras, números, pedaços de madeira e até objetos no quadro. Tudo isso é explicado como uma forma de o artista ultrapassar os limites da visualidade. Um dos grandes expoentes dessa fase foi Juan Gris (1887-1927), que combinava composição e espaço **pictórico**, e Fernand Lenger (1881-1955).

Com certeza, a mais famosa obra cubista é *Guernica*, de Picasso, pintada em 1937, em um painel de 3,50 x 7,82 metros, após o bombardeio feito pelas tropas nazistas à pequena cidade **homônima**, durante a Guerra Civil Espanhola.

O Cubismo fez grandes inovações nas artes ao introduzir materiais à pintura, dando um maior destaque à textura.

3. Outras manifestações

Abstração

O termo “abstração” é geralmente utilizado como significado do processo e/ou resultado da análise da realidade. Seria algo assim: se temos seis latas e extraímos o

Pictórico: referente à, ou próprio da pintura.

Homônimo: que ou aquele que tem o mesmo nome; diz-se de, ou palavra que se pronuncia da mesma forma que outra, mas cujo sentido é diferente, ou que se pronuncia e escreve do mesmo modo, mas cujo significado é diverso.



Georges Braque (1882-1963). Menino com Violão.



Pablo Picasso (1881-1974). O Velho Guitarista, quadro da fase azul do autor.

número seis, ficaremos com “um número abstrato”, já que esse número não se refere a coisas específicas; por outro lado, só o termo “latas” também irá ser uma abstração, desde que não se tomem as suas diferenças.

Outra característica forte do Abstracionismo é a não existência imediata entre suas formas e cores, sendo por isso que um quadro abstracionista não condiz com a realidade.

Tal como o Cubismo, o Abstracionismo também tem suas subdivisões, como o *Abstracionismo Informal*, com o domínio dos sentimentos e emoções, no qual as formas e cores denotam figuras da natureza; e o *Abstracionismo Geométrico*, no qual as formas e cores devem estar montadas sob uma concepção geométrica.

Dentro do Abstracionismo, destacamos Piet Mondrian (1872-1974) e o iniciador da pintura abstrata, Wassily Kandinsky (1866-1944), com sua tela *A Batalha*.



Piet Mondrian (1872-1974), Composição.

Arte Fantástica ou Nostalgia

Com uma evolução não tão forte como o Futurismo, a Abstração e o chamado “Zaum”, os pintores do Fantástico tinham em comum a crença de que a imaginação e o interior eram mais importantes do que o mundo externo, sendo esta imaginação privada, com imagens próprias do íntimo do artista. Nessa nova concepção artística, inclui-se o legado do Romantismo. Os principais pintores dessa linha artística são Giorgio de Chirico (1888-1978) e o **nostálgico** Marc Chagall (1887-1985), um judeu russo com fortes influências do Cubismo.



Wassily Kandinsky, A Batalha.



Marc Chagall O Violinista Verde.

Muitos autores consideram o Fantástico como precursor do Dadaísmo e, principalmente, do Surrealismo.

4. Arquitetura

Desde o século XVIII que a arquitetura estava ligada à pintura e à escultura e dominada por uma constante ida e vinda de “estilos de revivência e ressurgimento”; pouco a pouco, a arquitetura tomou rumos próprios, principalmente com os novos materiais advindos da indústria, como ferro, vidro, cimento, concreto e alumínio.

5. Escultura

A escultura do início do século XX ainda estava relacionada à pintura e vice-versa.

Cubismo

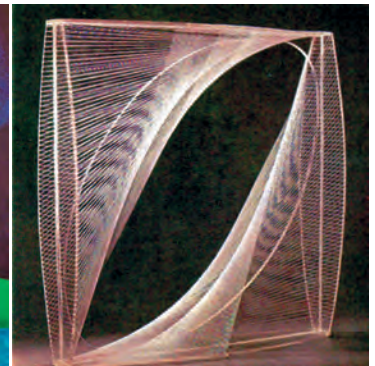
A escultura cubista não teve grandes obras, desenvolvendo-se mais na pintura, pois seu sentido tri ou bidimensional já dava uma aparência escultural ao quadro.

Abstracionismo

Saído diretamente da escultura cubista, a abstracionista também usava recursos da colagem cubista, utilizando-se de metal, vidro e madeira. Essas obras abstratas foram base para uma derivação do Cubismo, denominado Construtivismo. O movimento teve a participação de famosos escultores, tais como Antoine Pevsner (1886-1962) e Naum Gabo (1890-1977). Tais artistas chamavam suas obras de “construções”, em vez de chamá-las de esculturas.



Juan Gris (1887-1927), O Fumante.



Construção Linear.

Nostálgico: que sofre de nostalgia; melancolia produzida no exilado pelas saudades da pátria; saudade.



1. Movimento artístico do século XX

2. O ingresso de Braque no Cubismo

Leitura 1

O Cubismo é, acima de tudo, a “arte da concepção” e nasceu da meditação de Cézanne e de Nabis como Sérusier que declarou: “Um pintor precisa ser inteligente”. Gleizes e Metzinger repetem: “Sem negar a sensação e a emoção, o cubista elevou a pintura ao nível do intelecto – *La peinture exigeait donc les connaissances solides*. Isto resolve o problema de Baudelaire de transportar a voluptuosidades para o conhecimento. T. S. Eliot, falando em nome dos modernos, disse: “O único método é ser muito inteligente”. Sabemos o que Eliot deve aos simbolistas e aos artistas dos fins do século XIX que libertaram o motivo da anedota, da ilustração do peso do objeto com sua aparência comum. Gleizes e Metzinger ressaltam a importância desta herança da abstração, para a qual Gauguin e os Nabis tanto contribuíram, ao dizer que “o mundo visível se transforma no mundo real somente através da operação do pensamento”. Acrescentam: “Não é suficiente que um pintor veja uma coisa; é preciso que a pense”.

Os pintores fauvistas foram também capazes de abstrair a linha e a cor e é difícil dizer se as *Demoiselles d'Avignon* de Picasso (1907) é fauvista ou cubista; todavia, é verdade que os cubistas fizeram o que os fauvistas não conseguiram: desenvolverem uma teoria, teoria esta que está no mais profundo acordo com as teorias da nossa ciência. O Fauvismo e o Cubismo são buscas

semelhantes de um estilo, mas, no cubismo, a análise do mundo foi levada mais à frente e o movimento se propôs a representar o objeto na sua “existência total”. André Lhote, na sua *Theory of Figure Painting*, sublinha o principal requisito da arte cubista intelectualizada: “Quanto mais entrar a inteligência na criação de uma obra de arte, mais se poderá dizer que essa pintura atingiu o máximo de existência”. Rice Pereira, um dos pintores neoplásticos, declarou: “Todo espaço tem as suas próprias dimensões e estrutura geométrica e pertence a diferentes níveis de experiência”. Isto soa como uma frase de Alberti ou de outro teórico renascentista; pois, na renascença, a ciência era um aspecto da arte e o pintor, como o pintor cubista ou pós-cubista, tinha conhecimento da matemática de sua época. Em parte, o Renascimento foi criativo porque, como o Iluminismo, estava ansioso para assimilar a ciência à arte.

Dentre os bloqueios da arte, no século XIX apontamos a inabilidade ou falta de vontade do artista em utilizar a ciência inteligentemente, a fim de tornar a arte um fato genuinamente contemporâneo. Ou, pior ainda, a ciência que mais prontamente encontrava eco era a biologia darwiniana que parecia sancionar o forte impulso e o sentimento romântico em vez da inteligência.

(SYIPHER, Wylie. *Do Rococó ao Cubismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980. pp. 192-193.)

Leitura 2

Georges Braque (1882-1963). Iniciador, com Picasso, do Cubismo, prolongou as pesquisas de Cézanne (*O porto do estaque*, 1906). Trabalha em colaboração com Picasso na elaboração de volumes imbricados e de um jogo formal linear e monocromático tendendo à abstração (Cubismo Analítico). Suas buscas levam-no às famosas séries de colagens.

“(…) O que muito me atraiu – e que foi a direção mestra do Cubismo – foi a materialização desse espaço novo que eu sentia. Então eu comecei a fazer principalmente naturezas-mortas, pois na natureza há um espaço tátil, eu diria quase manual. De resto, escrevi: ‘Quando uma natureza-morta não está mais ao alcance da mão, ela deixa de ser uma natureza-morta’. (...) Para mim, isso respondia ao desejo que sempre tive de tocar a coisa e não apenas vê-la. É esse espaço que me atraía muito, pois era isso a primeira pintura cubista, a procura do espaço. A cor só tinha um pequeno papel. Da cor só nos preocupava a luminosidade. A luz e o espaço são duas coisas que não se tocam, não é mesmo? E nós a trazíamos juntas... Chamavam-nos de abstratos!’”.

(ALTET, Xavier B. I. *História da Arte*. São Paulo: Editora Papirus, 1990. pp. 133-134.)



Les Joueurs de football,
Albert Gleizes, 1912-13



Aldeia, Jean Metzinger, 1912



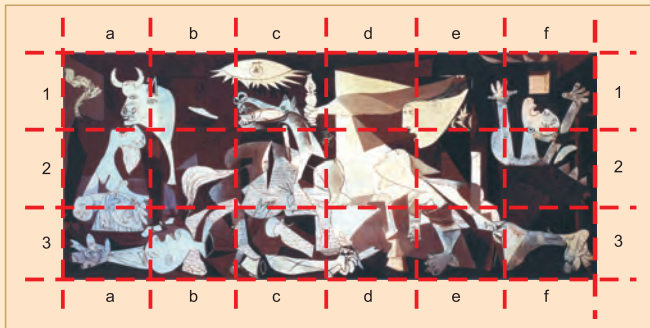
Violin and pitcher,
Georges Braque, 1910

1 (ENEM) – A leitura do poema *Descrição da guerra em Guernica* traz à lembrança o famoso quadro de Picasso.

“Entra pela janela
o anjo camponês;
com a terceira luz na mão;
minucioso, habituado
aos interiores de cereal,
aos utensílios que dormem na fuligem;
os seus olhos rurais
não compreendem bem os símbolos
desta colheita: hélices,
motores furiosos;
e estende mais o braço; planta
no ar, como uma árvore
a chama do candeeiro.
(...)”

(Carlos de Oliveira In: ANDRADE, Eugénio. *Antologia Pessoal da Poesia Portuguesa*. Porto: Campo das Letras, 1999.)

Uma análise cuidadosa do quadro permite que se identifiquem as cenas referidas nos trechos do poema.



Pablo Picasso, *Guernica*, 1937. Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid.

Podem ser relacionadas ao texto lido as partes:

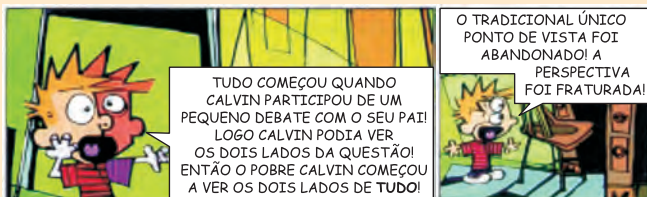
- a) a1, a2, a3
- b) f1, e1, d1
- c) e1, d1, c1
- d) c1, c2, c3
- e) e1, e2, e3

Resolução

As imagens referidas no poema de Carlos de Oliveira, especialmente “anjo camponês”, “a terceira luz na mão” e “a chama do candeeiro”, são perfeitamente identificáveis no quadrante superior direito da reprodução da tela de Picasso, entre as diversas formas simbólicas, metafóricas e não descritivas, através das quais o pintor dá substantividade ao horror da guerra e à desumanidade do homem contra os seus iguais, dos quais *Guernica* tornou-se símbolo universal.

Resposta: C

2 (ENEM) – O autor da tira utilizou os princípios de composição de um conhecido movimento artístico para representar a necessidade de um mesmo observador aprender a considerar, simultaneamente, diferentes pontos de vista.



(Adaptado de WATTERSON, Bill,

Os dez anos de Calvin e Haroldo, V. 2, São Paulo: Best News, 1996.)

Das obras reproduzidas, todas de autoria do pintor espanhol Pablo Picasso, aquela em cuja composição foi adotado um procedimento semelhante é:

- a)
- b)



- c)
- d)



- e)



Resolução

O enunciado, ao mencionar que “o tradicional único ponto de vista foi abandonado!” e “a perspectiva foi fraturada”, remete-nos a algumas das propostas do Cubismo, corrente estética da qual Picasso foi um dos iniciadores. Alude, especificamente, ao que se denominou “simultaneísmo”: a fusão de planos temporais e espaciais distintos, a mistura de planos, como se o observador tivesse o dom da ubiquidade e pudesse observar o objeto de vários ângulos simultaneamente. O quadro reproduzido na alternativa e exemplifica esses procedimentos: basta

observar a multiplicidade de perspectivas que faz com que os olhos e a boca de Marie-Thérèse pareçam “fragmentos” de um rosto, rearticulado de uma maneira arbitrária, não convencional.

Resposta: E

Exercícios Propostos

1 Qual a relação entre o Cubismo e o *Fauvismo*?

RESOLUÇÃO:

O Cubismo surgiu como reação ao movimento *fauvista*, assim recriando e dando novas formas à natureza.

2 Quais são as características do Cubismo?

RESOLUÇÃO:

A utilização de formas geométricas, ângulos retos e a sobreposição dos ângulos, dando ao quadro uma composição plástica sem perspectiva.

3 Qual o maior pintor do Cubismo? Disserte sobre sua vida artística.

RESOLUÇÃO:

O espanhol Pablo Picasso, que começou como pós-impressionista, chegando a ser considerado um “*fauve*”, e que abandonou seu período azul para iniciar seu período cubista com o quadro *As Senhoritas de Avinhão*.

4 Não é subdivisão do Cubismo:

- a) Cubismo cezaneano.
- b) Cubismo analítico.
- c) Cubismo sintético.
- d) Cubismo geométrico.
- e) Colagem.

RESOLUÇÃO:

Geométrico é a divisão do Abstracionismo e não do Cubismo.

Resposta: D

5 São pintores do Fantástico ou Nostalgia:

- a) Klee e Rousseau.
- b) Klee e Picasso.
- c) Chagall e Chirico.
- d) Dalí e Picasso.
- e) Klee e Duchamp.

Resposta: C

6 Na escultura, o Cubismo e, principalmente, o Abstracionismo produziram uma sublinha representada pelo

- a) Construtivismo.
- b) Cubo-Futurismo.
- c) Abstracionismo Geométrico.
- d) Dadaísmo.
- e) *Ready-made*.

RESOLUÇÃO:

O Construtivismo utiliza as colagens de metal, vidros e madeira, presentes na escultura cubista e abstracionista.

Resposta: A

7 (UFG – MODELO ENEM) – Observe e compare as duas imagens:



(VELÁZQUEZ, Diego. *As Meninas*, 1656. Museu do Prado, Madri.)



(PICASSO, Pablo. *As Meninas*, 1957. Museu Picasso, Barcelona.)

Os quadros tratam do mesmo tema, embora pertençam a dois momentos distintos da história da arte. O confronto entre as imagens revela um traço fundamental da pintura moderna, que se caracteriza pela

- a) tentativa de compor o espaço pictórico com base nas figuras naturais.
- b) ruptura com o princípio de imitação característico das artes visuais no Ocidente.
- c) continuidade da preocupação com a nitidez das figuras representadas.
- d) secularização dos temas e dos objetos figurados com base na assimilação de técnicas do Oriente.
- e) busca em fundar a representação na evidência dos objetos.

RESOLUÇÃO:

A arte moderna não se limita à reprodução objetiva da realidade, passando a apresentar a subjetividade do artista.

Resposta: B

- Absurdo • Pronto para usar
- Inconsciente • Conjunto irreal

1. Dadaísmo



Durante a Primeira Guerra Mundial, vários artistas se refugiaram em Zurique, na Suíça, que havia-se tornado um centro de refugiados. Os intelectuais reuniam-se para várias discussões, em um lugar chamado "Cabaret Voltaire".

O precursor do *Dadaísmo* foi Marcel Duchamp (1887-1968), que já havia exposto em 1913, no *Armory Show*, de Nova York, com seu quadro denominado *Nu Descendo as Escadas*.

Marcel Duchamp (1887-1968), A Noiva.

2. A arte ao acaso

A origem do termo associa-se ao artista plástico húngaro Tristan Tzara que, abrindo o dicionário, colocou ao acaso o seu dedo sobre a palavra "dada", que na linguagem infantil francesa significa o diminutivo de "cavalo". A palavra não tinha nenhuma importância, podendo ser qualquer outra, pois para ele e seus amigos a arte perdera todo o sentido; o acaso teria mais sentido nessa sociedade decadente. Junto com o poeta húngaro estava o pintor Hans Arp (1887-1966), que fazia as suas obras "ao acaso" e depois ajustava-as para que se pudesse obter a configuração "natural".

Ao mesmo tempo, em Nova York, Duchamp, Man Ray e Francis Picabia faziam suas mostras "dadás" na cidade norte-americana.

Só com o final da guerra, em Lausanne, Suíça, é que os dois grupos se juntaram, lançando um manifesto e uma revista. Dispondo-se a destruir toda forma de arte institucionalizada, os artistas "dadás" recolhiam qualquer objeto para ser exposto; uma vez, Duchamp expôs um urinol como uma peça de escultura, dando-lhe o nome de *Fonte*.

O pintor e poeta Kurt Schwitters também fez colagens às quais chamou de "Merz" e, posteriormente, escolheu tal palavra como sua marca registrada. *Merz* estendeu-se da pintura por colagens à música e poesia, até à arquitetura com salas inteiras cobertas por objetos ao acaso.

O *Dadá* conseguiu provocar escândalo e, de maneira positiva, mudou a concepção de arte, forçando o observador a mudar sua postura, criticando a ordem estabelecida. Em 1922, o poeta e escritor dadá, André Breton

(1896- 1966), passou a liderar um novo movimento que acabou por contar com a adesão de muitos artistas dadás: o *Surrealismo*.

3. Surrealismo

A palavra *surrealismo* foi utilizada pela primeira vez como subtítulo a um drama de Guillaume Apollinaire, intitulado *Les Mameles de Tiresias*, de 1917. O artista, em uma busca constante de reavivar e revelar os dados do inconsciente, tentou fundir o consciente conhecido e desconhecido com o inconsciente.

Em 1924, Breton redigiu um manifesto surrealista com a intenção de estimular a imaginação e o entusiasmo dos artistas da época.

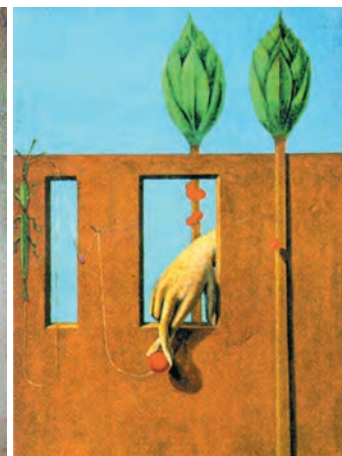
Algumas das obras surrealistas representam um excesso de realidade, porém esta característica associa-se a elementos inexistentes, recriados ou transformados da natureza, montando um conjunto irreal.

4. As correntes do Surrealismo

O Surrealismo está subdividido em três correntes distintas: *arte visionária*, que buscava a libertação da natureza, dando à realidade uma visão irracional, encontrando-se nesta corrente o pintor Paollo Uccello; *arte primitiva*, que se constitui numa corrente de menor importância; e, por fim, a *arte psicopatológica*, que tem uma ligação forte com o inconsciente **freudiano**, aceitando o humor como a máscara do desespero humano.



Salvador Dalí (1904-1989). Jovem na Janela.



Max Ernst (1891-1976). A Primeira Palavra Límpida.

Freudiano: pertencente ou relativo a Sigmund Freud, neuropsiquiatra austríaco (1856-1939), ou que é próprio dele; que é partidário do freudismo.

Entre os artistas do Surrealismo destacam-se o alemão Max Ernst (1891-1976) e Joan Miró (1893-1983), que deram início ao chamado estilo da “abstração **biomórfica**”; o belga René Magritte; e o mais destacado de todos, Salvador Dalí, com obras como *A Persistência da Memória*, criando o conceito de “paranoia crítica” como recusa à lógica.

Alguns autores citam o desenvolvimento de duas tendências dentro do surrealismo em vez de três correntes; essas tendências seriam a “figurativa”, com Dalí e Chagall; e a “abstrata”, com Miró e Ernst.

5. Escultura

Tanto o Surrealismo quanto o Dadaísmo não desenvolveram grandes obras nesta manifestação artística; os dadaístas não podiam ser considerados escultores, já que qualquer objeto que fosse achado por eles se transformaria em escultura e seria exposto como uma obra de arte.

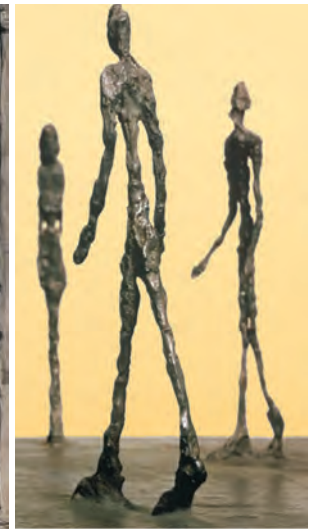
No Surrealismo, o uso de madeira e metal foi difundido, mas com poucos artistas de grande expressão. O mais famoso foi Alberto Giacometti, que apesar do nome, nasceu num território pertencente à Suíça.



Alberto Giacometti.
Cachorro, 1951-1957.
Bronze.



Alberto Giacometti.
Retrato de Jean Genet.



Alberto Giacometti.
Grupo de três homens, 1943-49.

Biomórfico: transformação de um órgão pela ação de um ser vivo.



1. Dadaísmo

2. Surrealismo – Arte fantástica

Leitura 1

Tristan Tzara (1896-1963), escritor de origem romena, é um dos criadores, ao lado de Duchamp, Picabia, Arp e Ernst, do movimento dadaísta. Em 1918, Tzara redige um manifesto para o movimento; este insiste na criação espontânea e reage pela via do absurdo contra a burguesia e a arte estabelecida.

“A obra de arte não deve ser a beleza em si mesma, pois ela está morta; nem alegre nem triste, nem clara nem obscura, regozijar ou maltratar as individualidades servindo-lhes os doces das auréolas santas ou os suores de uma corrida encurvada através das atmosferas. Uma obra de arte nunca é bela, por decreto, objetivamente, para todos. A crítica é, pois, inútil; ela só existe subjetivamente, para cada um, e sem o menor caráter de generalidade. Acredita-se ter encontrado a base psíquica comum a toda a humanidade? (...)”

Assim nasceu DADÁ de uma necessidade de independência, de desconfiança face à comunidade. Aqueles que pertencem a nós conservam sua liberdade. Não reconhecemos nenhuma teoria. Estamos fartos das academias cubistas e

futuristas: laboratórios de ideias formais. Faz-se arte para ganhar dinheiro e acariciar os gentis burgueses? (...)”

Todo produto do nojo, suscetível de se tornar uma negação da família, é *dadá*; protestar com os punhos de todo o seu ser em ação destrutiva: **dadá**; conhecimento de todos os meios rejeitados até agora pelo sexo pudico do compromisso cômodo e da polidez: *dadá*; abolição da lógica, dança dos impotentes da criação: **dadá**; de toda hierarquia e equação social estabelecida para os valores por nossos criados: DADÁ; cada objeto, todos os objetos, os sentimentos e as obscuridades, as aparições e o choque preciso das linhas paralelas, são meios de combate: DADÁ; abolição da memória: **DADÁ**; abolição da arqueologia: DADÁ; abolição dos profetas: **DADÁ**; abolição do futuro: DADÁ; crença absoluta indiscutível em cada deus, produto imediato da espontaneidade (...). Liberdade: **DADÁ DADÁ DADÁ**; barros das cores crispadas, entrelaçamento dos contrários e de todas as contradições dos grotescos, das inconseqüência: A VIDA”.

(ALTET, Xavier B. I. *História da Arte*. São Paulo: Editora Papirus, 1990. pp. 136-137.)

Leitura 2

O Surrealismo se caracteriza por uma visão de ligações estranhas entre objetos familiares. Destacando-os de seu contexto natural, o Surrealismo os recombina e justapõe em novos conjuntos, que criam um clima irreal ou irracional. Partindo da possibilidade de nossa memória interligar experiências do passado com visões e associações, cria-se nesses conjuntos associativos um ambiente de fantasia e de sonhos. Ainda que impossíveis na natureza, e desligados de qualquer realidade física objetiva ou de qualquer lógica, tais conjuntos podem vir impregnados de uma carga emotiva, referindo-se a significados secretos que condensem desejos e necessidades nossas.

Em termos de estilo, será preciso ver em formas expressivas se apresentam as imagens surrealistas. Estas tanto podem ser idealistas, ou até mesmo naturalistas. Em Bosch (1450-1516), por exemplo, temos um artista de atitude estilística idealista (nas figuras humanas ou na estrutura espacial da imagem, é fácil observar a aproximação de feições particulares ao genérico, típico, ideal).

Aliás, as situações fantásticas que Bosch representa nos quadros – aqui no Jardim das Delícias – na época talvez não fossem nem de longe tão enigmáticas para o espectador quanto às vezes se nos apresentam hoje. Bosch as recolheu de um vasto acervo de fábulas, lendas, adágios, provérbios, metáforas, sátiras e gracejos, usando, portanto, substituições simbólicas correntes, fantasias vivas que pertenciam ao patrimônio cultural coletivo.

Uma linguagem simbólica

Contrastando com isso, a simbologia nas imagens dos surrealistas modernos tornou-se de ordem exclusivamente privativa. Salvador Dalí, por exemplo, pinta *A Girafa em Chamas*, figuras humanas se abrindo em gavetas e correndo pelo deserto; as associações permanecem herméticas. Em geral, os significados são sujeitos a serem interpretados de modo inteiramente arbitrário pelo espectador, a não ser que, por meio da linguagem, o artista consiga elevar o conteúdo expressivo na alta poesia, ampliando a visão e ao mesmo tempo objetivando-a e, desse modo, reintroduzindo-a na área da experiência coletiva (Yves Tanguy e René Magritte talvez). Em termos de estilo, as obras do Surrealismo moderno variam entre o Expressionismo, por exemplo, Sutherland e o Naturalismo, por exemplo, Magritte.

Num dos painéis do altar de Isenheim, pintado pelo artista alemão Grunewald, encontra-se um quadro quase surrealista:

As Tentações de Santo Antônio. São visões alucinatórias de animais imaginários, monstros assaltando e torturando o santo, numa paisagem fatasmagórica toda de ruínas e galhos secos e espinhos, contra um fundo de rochedos nus, iluminados por uma luz rosa. Nessa imagem, de estilo expressionista vê-se que os limites entre a arte surrealista e a arte fantástica nem sempre estão claramente demarcados, pois o painel de Grunewald também beira a arte de fantasia. É ainda o caso, por exemplo, de Chagall, Klee, Miró e, às vezes, Picasso, onde o fantástico tem passagens para o surrealista.

Arte Fantástica

A distinção a ser feita entre arte surrealista e fantástica se refere à relação componentes-contextos. Enquanto a arte surrealista parte de componentes individuais realistas e os recombina em contextos deliberadamente incoerentes, na arte fantástica componentes e contextos guardam a coerência. Apenas é uma coerência do imaginário. São reminiscências, associações, alusões, fantasias, mas sempre coerentes entre si. Nesses contextos fantásticos, os componentes podem ser abstratos, como em Klee ou Miró, ou também figurativos, como nas reminiscências de Chagall, verdadeiros mundos flutuantes, ou nas pinturas chamadas “metafísicas” de De Chirico (1880-1978), arquiteturas cúbicas que projetam imensas sombras em estranhas perspectivas alongadas. Ou ainda podem ser detalhes realistas, cuja precisão nos parece singular ou alucinatória – com a clareza que têm nos sonhos – que se tornam evocativos justamente pela profusa claridade em que são vistos, como por exemplo nos quadros do artista norte-americano Edward Hopper (1882-1967), esquinas de ruas desertas, ou o Sol iluminando as paredes de quartos vazios, cuja visão “fantástica” traduz imagens pungentes de solidão urbana.

A expressão de conteúdos, irracionais, existe nas mais diversas épocas, às vezes, juntamente com o racional. No Renascimento, por exemplo, nos quadros de Paolo Uccello, a conjugação de numerosos detalhes precisos, nas faces e perfis de tantos cubos, pirâmides, esferas, cilindros, cria, com toda racionalidade, uma visão fantástica. Ou no quadro de Botticelli, *A Chegada da Primavera*, onde a ornamentação de flores no vestido da Primavera e a silhueta recortada das folhagens do fundo são destacadas com tamanha nitidez, como se aos detalhes coubesse uma existência independente, em mundos ocultos.

(OSTROWER, Fayga. *Universos da Arte*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991. pp. 328-33. Adaptado.)

Exercícios Resolvidos

1 (MACKENZIE – MODELO ENEM) – “Foi durante a Primeira Guerra Mundial que floresceu e se divulgou com maior intensidade a música negra nos EUA: o jazz e o blues. (...) Houve uma verdadeira busca de ritmos e sons diferentes, emocionantes, como os africanos e latino-americanos.”

(Eric J. Hobsbawm)

A busca de novos estilos e tendências artísticas, nos EUA e na Europa, após o fim da Primeira Guerra, refletia

a) a euforia pela conquista da vitória pelos participantes da Tríplice Aliança, após a

- entrada dos EUA no conflito, em 1917. Isso contagiou o mundo ocidental de otimismo.
- b) a busca de um novo sentido para a vida, uma forma inovadora de compreender o mundo do pós-guerra, de uma Europa destruída materialmente, dependente economicamente dos EUA e arrasada pelo elevado índice de mortos.
- c) o apoio financeiro e material norte-americano, fundamental para a vitória da Entente e seus aliados, que, sob a forma de agradecimento, passaram a não mais rejeitar a arte produzida nos EUA.
- d) graças ao seu poder criador e à eterna busca

do homem pela novidade, ele foi capaz de superar os prejuízos resultantes da guerra e, por meio de um novo ritmo, recuperar o antigo prestígio econômico europeu.

- e) uma atitude condescendente por parte da Europa, berço cultural da humanidade, em reconhecimento ao grande número de baixas sofridas pelo exército norte-americano durante a guerra.

Resolução

Esta é uma interpretação recorrente dos movimentos estéticos e intelectuais que se seguiram ao trauma da Primeira Guerra Mundial.

Resposta: B

2 (MACKENZIE – MODELO ENEM) – "Em 1916, em meio à guerra, Marcel Duchamp (1887-1968) produzia a obra *Roda de bicicleta*. Nem a roda servia para andar, nem o banco servia para sentar. Algo aparentemente irracional, ilógico, diriam muitos (...). Mais do que uma outra forma de produzir arte, Duchamp estava propondo uma outra forma de ver a arte, de olhar para o mundo. (...) Depois de sua *Roda de bicicleta*, o mundo das artes não seria mais o mesmo. Depois da Primeira Guerra Mundial, o mundo não seria mais o mesmo."

(Flávio de Campos e Renan G. Miranda, *Primeira Guerra Mundial – 1914-1918*).

De acordo com o texto acima, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

- fortaleceu a crença dos homens da época na capacidade de construção de uma sociedade melhor, por meio da racionalidade tecnológica.
- consolidou a hegemonia cultural europeia perante o mundo ocidental, desprezando as demais manifestações artísticas.
- possibilitou o surgimento de novas vanguardas artísticas, preocupadas em defender os modelos acadêmicos clássicos europeus.

- assinalou a crise da cultura europeia, baseada no racionalismo e no fascínio iluminista pela tecnologia e pelo progresso.
- manifestou a decadência cultural em que se encontrava o mundo ocidental na segunda metade do século XIX.

Resolução

O Dadaísmo está inserido no contexto da Primeira Guerra Mundial, enfatizando o ilógico e denunciando o absurdo da guerra com o objetivo de escandalizar a sociedade.

Resposta: D

Exercícios Propostos

1 Quando surgiu o Dadaísmo?

RESOLUÇÃO:

O Dadaísmo surgiu no final da Primeira Guerra Mundial.

2 Que foi o "Dadá"?

RESOLUÇÃO:

Foi um movimento artístico fundado na Suíça por Tristan Tzara, tendo como precursor Marcel Duchamp (nos EUA); era violentamente contrário à tradição artística e tinha por objetivo escandalizar a opinião pública, enfatizando o ridículo.

3 Quais as manifestações artísticas mais desenvolvidas no Dadaísmo?

RESOLUÇÃO:

A pintura, a dança e a música foram as mais desenvolvidas, ressaltando-se também a literatura.

4 Quando surgiu o Surrealismo?

RESOLUÇÃO:

O Surrealismo surgiu em meados da década de 20, no Período Entreguerras.

5 Que foi o Surrealismo?

RESOLUÇÃO:

Estilo fundado por André Breton, com fortes influências da Psicanálise, utilizando elementos como a imaginação, os sonhos, os risos, a fantasia e a alucinação.

6 Quais as influências artísticas do Surrealismo?

RESOLUÇÃO:

O Surrealismo sofreu influência direta do Dadá, principalmente sobre a disposição casual dos objetos ou da composição, tomando da pintura metafísica o seu conteúdo de imaginação.

7 (FAAP – MODELO ENEM) – A pintura do século XX evoluiu do figurativismo estilizado até a abstração pura. Entre as principais correntes merece relevo o Expressionismo, resultado das inovações de Van Gogh, consistindo na tendência de deformar as figuras com o objetivo de mostrar os sentimentos do artista ou o seu modo de ver o mundo e mais,

I – o Cubismo, de Bracque e Picasso, tenta desvendar a estrutura dos objetos, destruindo totalmente a aparência dos mesmos e fazendo da pintura um ato completamente intelectual.

II – o Futurismo, de Boccioni, Carrá e Duchamp, aceitando a despoetização do mundo, acaba por se transformar num mundo caricatural e burlesco de exaltação à máquina e à velocidade da era industrial burguesa, servindo de suporte ideológico ao fascismo de Mussolini.

III – o Dadaísmo (de *dada* – cavalo em francês, na linguagem infantil), fundado pelo poeta romeno Tristan Tzara, condena a ordem que produziu a Primeira Guerra e critica a civilização, a religião e a moral. As declarações dos dadaístas são confusas propositadamente, objetivando, pela brincadeira, ridicularizar a sociedade, a arte e a cultura tradicional.

Está(ão) correta(s):

- Todas as afirmações.
- Apenas as afirmações I e II.
- Apenas as afirmações II e III.
- Apenas as afirmações I e III.
- Nenhuma das afirmações.

RESOLUÇÃO: A questão apresenta um resumo dos movimentos artísticos do início do século XX.

Resposta: A

- Cerâmica • Eruditos
- Tardio • Academicismo

1. Arte Indígena

Muitos consideram que não se pode falar genericamente numa arte indígena, mas em uma multiplicidade de expressões, segundo a diversidade de nações distribuídas em todo o território nacional. Não teremos tempo de demonstrar essa variedade artística, partiremos para uma simplificação, segundo a visão do antropólogo Morgan, já mencionado nas outras aulas de História.

O índio brasileiro tem o costume de pintar o seu corpo para enfeitá-lo, para espantar insetos ou para participar de rituais diversos. Utiliza ainda trançados de fibras, colares ou penas, cuja variedade de cores obtidas entre as aves brasileiras possibilita um grande embelezamento.

Contudo, a mais antiga e preservada forma de arte indígena conhecida é a produção de objetos de cerâmica, dentre os quais os tipos mais famosos são a arte Marajoara e a Santarém. O grau de complexidade de formas, traçados e colorações classifica essa forma de produção como a mais evoluída de todas.

2. Arte no período holandês

Quando Maurício de Nassau (humanista e interessado em artes) foi nomeado para administrar a Nova Holanda – parte do Nordeste brasileiro que estava sob o domínio holandês –, procurou formar uma corte de eruditos e artistas, trazendo consigo uma série de cientistas, teólogos, arquitetos, médicos e pintores.

De 1637 a 1644 esteve no Brasil **Franz Post**, que pintou várias paisagens de portos, engenhos e ruínas. No mesmo período, esteve por aqui **Arbert Eckhout**, que retratou indígenas, além da riqueza da flora e da fauna. Ambos foram fundamentais para dar aos europeus uma ideia de como era o Novo Mundo.

Quando D. Pedro II visitou a Dinamarca em 1876, tomou conhecimento das obras de Eckhout. Ficou tão impressionado com a beleza dos quadros e a importância que representam para o Brasil que encomendou cópias em tamanhos menores, ainda hoje preservadas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

3. Barroco

O Barroco brasileiro pode ser encontrado já na época do açúcar, porém se tornou notável durante o período da mineração. Espalhado em várias regiões do Brasil, como Pernambuco, Paraíba, Bahia e São Paulo, foi em Minas Gerais que o estilo ganhou uma perfeição admirável.

Considerado um estilo já superado na Europa, desenvolveu-se com grande criatividade no Brasil, a ponto de ser chamado de barroco tardio.

A excelência da sua produção pode ser observada em *Antônio Francisco Lisboa*, mais conhecido como **Aleijadinho** por causa da sua deformidade física. Entre suas obras mais famosas podemos citar o *Santuário de Bom Jesus de Matosinhos*, *Os Passos da Paixão* e *Os Doze Profetas*.

4. Missão Francesa no Brasil

As turbulentas relações com a França forçaram a vinda da família real para o Brasil. Com a derrota de Napoleão (1815), D. João VI estreita relações com aquele país e recebe, no ano seguinte, um grupo de artistas franceses no Brasil, a Missão Artística Francesa, que organizou a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios, mais tarde transformada em Academia Imperial e Escola de Belas Artes.

O estilo dos artistas da Missão era neoclássico e entre eles encontramos os pintores **Jean Batist Debret** e **Nicolas-Antonine Taunay**. Debret produziu um enorme número de obras e, quando voltou à Europa, publicou a obra *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1831), composto de riquíssimo material iconográfico de 150 pranchas com textos explicativos, documentando vários aspectos da natureza, do homem e da sociedade no início do século XIX.

Outros artistas estrangeiros

Independentes da Missão Artística Francesa, vieram ao Brasil outros artistas importantes na produção de imagens. **Thomas Ender** era austríaco e chegou aqui com a comitiva da Princesa Leopoldina, viajou pelo interior, retratando paisagens e cenas da vida no nosso povo; e **Johann-Moritz Rugendas**, alemão que esteve no Brasil entre 1821 e 1825, documentou a paisagem e os nossos costumes.

5. Academicismo no Brasil

No Segundo Reinado, D. Pedro II foi um grande incentivador das artes. Surgiram os primeiros nomes ligados à Academia Imperial de Artes: Pedro Américo de Figueiredo e Melo, Vitor Meireles de Lima e José Ferraz de Almeida Júnior.

Pedro Américo tem sua pintura ligada a temas bíblicos e históricos. Realizou várias obras: *Dom Pedro II na Abertura da Assembleia Geral*, a *Batalha do Avaí* e a mais famosa delas, o quadro *Independência ou Morte*, de 1888, atualmente localizada no Museu Paulista.

O premiadíssimo **Vitor Meireles** tem entre suas obras *A Primeira Missa no Brasil* (1861), *Moema*, *Juramento da Princesa Isabel*, *Flagelação de Cristo*, e os retratos da *Imperatriz Tereza Cristina* e o de *D. Pedro II*.

Almeida Júnior é considerado o mais brasileiro dos pintores nacionais do século XIX. Sua pinturas são: *Caipira picando fumo*, *A partida da monção*, *O descanso do modelo*, *Leitura*, *A pintura*, *A fuga para o Egito* e o *Auto-retrato pintando*.

Superando o Academicismo

Superando os pintores academicistas, surgiram alguns pintores com forte influência do Impressionismo, Pontilhismo e do Futurismo.

Belmiro Barbosa de Almeida era pintor, desenhista e caricaturista. Suas obras mais famosas são *Arrufos* e *Dame a La Rose*.

Antônio Parreiras pintou quadros históricos a partir de encomendas oficiais, como *A conquista da Amazônia*, além de paisagens e nus femininos como *Dolorida* e *Flor Brasileira*.

6. Um impressionista no Brasil

O estilo fica evidente no nosso País a partir das pinturas de **Eliseu D'Ángelo Visconti**, como o *Trigal* e a *Maternidade*.

Exercícios Resolvidos

1 (ENEM) – As imagens reproduzem quadros de D. João VI e de seu filho D. Pedro I nos respectivos papéis de monarcas. A arte do retrato foi amplamente utilizada pela nobreza ocidental, com objetivos de representação política e de promoção social. No caso dos reis, essa era uma forma de se fazer presente em várias partes do reino e, sobretudo, de se mostrar em majestade.



Imagem I

Jean-Baptiste Debret. *Retrato de D. João VI*, 1817, óleo s/tela, 060 x 042cm. Acervo do Museu de Belas Artes/IPHAN/MINC. Rio de Janeiro



Imagem II

Henrique José de Silva. *Retrato do Imperador em trajes majestáticos*. Gravura sobre metal feita por Urbain Massard, 0,64m x 0,44m. Acervo do Museu Imperial

(Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 17 dez. 2006.)

A comparação das imagens permite concluir que

- as obras apresentam substantivas diferenças no que diz respeito à representação do poder.
- o quadro de D. João VI é mais suntuoso, porque retrata um monarca europeu típico do século XIX.
- os quadros dos monarcas têm baixo impacto promocional, uma vez que não estão usando a coroa, nem ocupam o trono.
- a arte dos retratos, no Brasil do século XIX, era monopólio de pintores franceses, como Debret.
- o fato de pai e filho aparecerem pintados de forma semelhante sublinha o caráter de continuidade dinástica, aspecto político essencial ao exercício do poder régio.

Resolução

Alternativa escolhida por eliminação, pois a representação dos personagens é semelhante à dos retratos de outros soberanos da época, criando uma identidade na simbologia do poder que vai muito além de uma mera relação dinástica.

Resposta: E



(Jean-Baptiste Debret. *Entrudo*, 1834.)

2 (ENEM) – Na obra *Entrudo*, de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), apresentada acima,

- registram-se cenas da vida íntima dos senhores de engenho e suas relações com os escravos.
- identifica-se a presença de traços marcantes do movimento artístico denominado Cubismo.
- identificam-se, nas fisionomias, sentimentos de angústia e inquietações que revelam as relações conflituosas entre senhores e escravos.
- observa-se a composição harmoniosa e destacam-se as imagens que representam figuras humanas.
- constata-se que o artista utilizava a técnica do óleo sobre tela com pinceladas breves e manchas, sem delinear as figuras ou as fisionomias.

Resolução

Considerando que o “entrudo” era um folguedo popular que precedia o carnaval, e levando em conta que Debret retratou a vida e os tipos do Brasil Joanino e do Primeiro Reinado com grande poder de observação, a única alternativa cabível é a *d*.

Resposta: D

1 Qual a importância das obras de Franz Post para a História do Brasil?

RESOLUÇÃO:

Essas obras representam a primeira visão do Velho Mundo sobre o Novo Mundo nas artes e, por isso, chamaram muita atenção, despertando o interesse dos museus e leilões internacionais.

2 Apesar de existir em outros lugares da colônia, em outro ciclo econômico, que relação podemos encontrar entre o Barroco brasileiro e a mineração?

RESOLUÇÃO:

A riqueza produzida pela mineração pôde financiar os artistas e suas obras. Na fase da mineração, a Europa já havia superado esse movimento, porém aqui ele se mostrou vigoroso e belo, a ponto de muitos o considerarem de excelente qualidade e tardio.

3 Que foi a Missão Artística Francesa no Brasil?

RESOLUÇÃO:

Foi quando o Brasil recebeu um grupo de artistas, pintores, escultores, arquitetos e artífices franceses (1816) encarregado da fundação da Academia de Belas Artes (1826), na qual os alunos poderiam aprender as artes e os ofícios artísticos.

Os artistas da Missão Artística Francesa pintavam, desenhavam, esculpam e construíam à moda europeia, obedecendo ao estilo neoclássico (novo clássico).

4 Qual a importância da obra de Debret *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*?

RESOLUÇÃO:

A obra de J. B. Debret é considerada uma riquíssima contribuição para a história iconográfica do Brasil (possui mais de 153 pranchas), sendo apontada por historiadores como uma representação bem fiel, apesar de não ser perfeita, do cotidiano e da sociedade brasileira, em especial, da vida no Rio de Janeiro, em meados do século XIX.

5 (PUC – MODELO ENEM) – “(...) esta Minas dos árcades e da Inconfidência, que constitui a culminância e o fecho dos três séculos da existência brasileira anteriores à transladação do Estado português, esta mesma Minas ainda possui mais um título a proclamar, entre os que mais alto a colocam na história de nossa sociedade: o de haver desenvolvido uma cultura, cujo avanço e cujo requinte podem ser avaliados com exatidão, pela capacidade de assimilar inteiramente os padrões europeus para, em profunda reelaboração, formular seus próprios valores e conceitos no que apresentam de mais básico, isto é, na própria estrutura mental que os gera e sustém (...) [obrigando-nos] a reconhecer a especificidade mineira deste barroco”.

(Machado, L. G. *Barroco Mineiro*. São Paulo: Perspectiva, 4.ª ed. 1991. p.170.)

A partir do fragmento anterior, leia e avalie as seguintes afirmações:

I – O autor identifica três contribuições das Minas à formação do Brasil, ainda no período colonial: o Trovadorismo, o Nativismo dos inconfidentes e o Barroco.

II – Os fenômenos culturais e políticos vividos pela sociedade mineira, ao longo do século XVIII, expressam com certa fidelidade, segundo o autor, as atitudes mantidas pela colônia em relação às influências metropolitanas, ou seja, assimilação e transformação.

III – O autor demonstra, no texto, como a capacidade da arte mineira de reproduzir os padrões estéticos europeus somente pode ser reconhecida após a instalação da corte portuguesa no Brasil, no início do século XIX.

IV – Se há algo que singulariza o estilo barroco mineiro do século XVIII, esse elemento é a originalidade de sua manifestação, que está relacionada diretamente ao fato de revelar, através de suas formas, a estrutura mental local.

Indique quais das afirmações anteriores são corretas.

a) I, II e III, apenas. b) II e III, apenas.

c) I, II e IV, apenas. d) II e IV, apenas.

e) I, III e IV, apenas.

RESOLUÇÃO:

A afirmativa I está incorreta porque o autor não menciona estes três grupos literários.

A afirmativa III está incorreta porque o autor exalta a capacidade mineira de assimilar e reelaborar a cultura europeia desde o Barroco até o Academicismo iniciado no período joanino.

Resposta: D

- Urbanização • Industrialização
- Temas brasileiros

1. O século XX e o Modernismo

O Modernismo chega ao Brasil a partir de duas exposições importantes, a de Lasar Segall em 1913 e a de Anita Malfati, em 1917. Esta provocou forte reação do escritor e jornalista Monteiro Lobato, que atacou duramente as obras da artista com críticas fundamentadas ainda no Classicismo.

O lituano **Lasar Segall** era desenhista, gravador e escultor. Foi um mestre do Expressionismo e um dos introdutores do Modernismo no Brasil. Estão entre suas obras: *Mãe Preta*, *Bananal*, *Navio de Emigrantes*, *Guerra*, *Campo de Concentração*, *As Erradias*, *Favelas e Florestas*.

A brasileira **Anita Malfati** expôs em sua mostra *A Estudante Russa*, *O Homem Amarelo*, *A Mulher de Cabelos Verdes* e *Caboclinha*.

Após as duas exposições, aparecem artistas defendendo posturas mais inovadoras. Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo, ou simplesmente **Di Cavalcanti**, participou da Semana de Arte Moderna com alguns de seus trabalhos, entre os quais estavam *Ao Pé da Cruz*, *Boêmios* e *Intimidade*. Sua extensa obra ficou marcada pela presença da mulata, representante da pura brasilidade, e demonstra forte influência de vários pintores como Gauguin, Matisse, Braque e Picasso.

O recifense **Vicente do Rego Monteiro** é outro participante da Semana de Arte Moderna, e sofreu

influências variadas, do Abstracionismo ao *art déco*, do Cubismo à arte indígena. Seu universo temático apresenta desde cenas religiosas, composições abstratas, motivos indígenas, naturezas-mortas até flagrantes do cotidiano. Destacamos dentre as suas criações: *Pietà*, *A Santa Ceia*, *A Crucifixão*, *Adoração dos Reis Magos*.

Apesar de não ter participado da Semana de Arte, integra-se aos modernistas a pintora **Tarsila do Amaral**, quem produz obras significativas como *Abaporú* e *Operários*.

Na escultura, merece destaque **Vitor Brecheret** com sua obra *Monumento às Bandeiras* e o escandaloso *Cristo de trancinhas*.

2. Após a Semana de Arte Moderna

Mantendo a tendência modernista e contrária ao Academicismo, um novo grupo de artistas destacou-se na arte brasileira.

Cândido Portinari retratou temas sociais, como os retirantes, os cangaceiros, os trabalhadores, a industrialização, a favela; temas históricos, religiosos e natureza-morta. Seu painel *A Guerra e Paz* encontra-se na sede da ONU em Nova York.

Cícero Dias iniciou seu trabalho com aquarelas e óleo; partindo para a figuração e abstração num segundo instante; e chegou a um terceiro momento, na mulher como tema constante.



Anita Malfati. O homem amarelo.



Tarsila do Amaral. Abaporú.



Vitor Brecheret. Monumento às bandeiras.



Cândido Portinari. Guerra e paz.

Ismael Néry apresentou influências expressionistas, cubistas e surrealistas. Seus temas remetem-se sempre à figura humana: retratos, autorretratos e nus. Não se interessou pelos temas nacionais, indígenas e afrobrasileiros, que considerava regionalistas e limitados.

Bruno Giorgi notabilizou-se como escultor. Suas obras mais conhecidas são *Meteoro* e *Os Guerreiros*.

Alfredo Volpi desenvolveu uma tendência entre a arte abstrata e a figurativa. *As Bandeirinhas* está entre suas mais populares obras.

Aldemir Martins é um dos artistas plásticos mais conhecidos do Brasil. Os temas regionais aparecem nas suas obras, bem como cangaceiros, frutas e animais.



Alfredo Volpi. Maestro com bandeirinhas.

Exercícios Resolvidos

1 (FUVEST – MODELO ENEM) – No “Manifesto Antropófago”, lançado em São Paulo, em 1928, lê-se: “Queremos a Revolução Caraíba (...). A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem (...). Sem nós, a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem”.

Essas passagens expressam a

- defesa de concepções artísticas do Impressionismo.
- crítica aos princípios da Revolução Francesa.
- valorização da cultura nacional.
- adesão à ideologia socialista.
- afinidade com a cultura norte-americana.

Resolução

O movimento antropofágico (e não “antropófago”) foi uma das correntes que, a partir de 1922, constituíram o Modernismo brasileiro. Caracterizadas pelo estardalhaço e pelo desejo de causar impacto, tinham como traço comum

a valorização da cultura brasileira e de suas raízes antropológicas. Esse viés nacionalista explica a crítica feita no texto à Declaração dos Direitos do Homem da Revolução Francesa – o que pode ter induzido alguns candidatos a optar pela alternativa *b*.

Resposta: C

2 (UNIFESP – MODELO ENEM) – “Alfredo Bosi, um dos maiores críticos da Literatura Brasileira, indaga: *Obras como Pauliceia Desvairada e Memórias Sentimentais de João Miramar, já formalmente modernas, não poderiam ter sido escritas sem a abertura dos seus autores ao que se estava fazendo na França e, via França, na Itália futurista, na Alemanha expressionista, na Rússia revolucionária e cubo-futurista?* Em seguida, o autor responde: *Parece que não*”.

A ponderação do autor, com relação ao movimento modernista brasileiro dos anos vinte do século passado,

- mostra a influência das vanguardas europeias no seu desenvolvimento.
- defende que sua literatura não estava aberta às influências europeias.
- lamenta o fato de ele não ter sofrido influência das vanguardas francesas.
- sugere que, ao se deixar influenciar pela Europa, ele foi pouco criativo.
- elogia indiretamente a ausência nele de influências inglesas e ibéricas.

Resolução

O texto transcrito reflete uma obviedade, já que o panorama cultural brasileiro sempre sofreu influência externa, notadamente francesa, inclusive em momentos de ruptura, como ocorreu com o Modernismo. Este, portanto, refletiu movimentos intelectuais europeus, que iam de encontro ao Academicismo burguês vigente durante a *Belle Époque* (1871-1914).

Resposta: A

Exercícios Propostos

1 Qual episódio pode ser considerado um marco no início do Modernismo no Brasil?

RESOLUÇÃO:

As exposições de Lasar Segall, em 1913, e de Anita Malfatti, em 1917.

2 (FGV) – A única alternativa que apresenta personalidades e/ou obras do movimento modernista é:

- Anita Malfatti; Mário de Andrade; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
- Monteiro Lobato; Oswald de Andrade; *Abaporu*.
- Di Cavalcanti; Heitor Villa-Lobos; *Macunaíma*.
- Menotti del Picchia; Euclides da Cunha; *A Moreninha*.
- Tarsila do Amaral; José de Alencar; *Navio Negroiro*.

RESOLUÇÃO:

O pintor Di Cavalcanti, o maestro Villa-Lobos e a obra *Macunaíma* (1928) de Mário de Andrade fazem parte do movimento modernista brasileiro.

Resposta: C

3 (PUC-RS) – Durante a noite de 13 de fevereiro de 1922, o público assistiu à inauguração da Semana de Arte Moderna. Podemos afirmar que o objetivo principal dos organizadores foi

- assustar e chocar a burguesia, revolucionando os padrões estéticos dominantes no período nas variadas formas de expressão artística.
- criar uma arte totalmente nacional sem nenhuma influência das vanguardas europeias e sem qualquer referência ao Futurismo, ao Fauvismo e a outras correntes estéticas do momento.
- reunir num único evento diferentes manifestações artísticas eruditas e populares, como a música de Carlos Gomes e Villa-Lobos, poesias de Mário de Andrade e Olavo Bilac e quadros de Anita Malfatti e Pedro Américo.
- apresentar o trabalho de artistas novos, de origem humilde, mulatos que não possuísem formação técnica nem acesso às galerias de arte, mas com inquestionável talento artístico.
- criar um espetáculo no Rio de Janeiro, pois a capital era a sede da Escola de Belas Artes, reduto das maiores fortunas e berço de artistas, para depois difundir o movimento por todo o país.

RESOLUÇÃO:

Os modernistas procuraram romper com as tradições acadêmicas, atualizar as artes e literatura brasileiras em relação aos movimentos de vanguarda europeus e buscar uma linguagem autenticamente nacional.

Resposta: A

4 (UFV) – Sobre o contexto artístico pós-Primeira Guerra Mundial, no Brasil, é correto afirmar que

- a) a pintora Anita Malfatti, com o cubismo de seus quadros, e Villa-Lobos, com sua ópera "O Guarani", de estilo barroco-rococó, provocaram espanto e admiração na Semana de Arte Moderna.
- b) a Semana de Arte Moderna renegava totalmente os modelos e os padrões europeus de expressão, apesar de a Europa permanecer como referência mundial em termos de estilo e gosto.
- c) o que marcou as artes deste período foi sua coerência tipicamente romântica, um estilo característico da época, presente nas artes plásticas e na música.
- d) Oswald de Andrade propunha algo curioso como o "movimento de antropofagia" para deglutição e incorporação das influências estrangeiras como forma de reconhecimento externo do valor de nossa arte.
- e) alguns modernistas tomaram lendas e mitos de várias regiões do Brasil para a construção de um indigenismo depurado das idealizações românticas, como fez Mário de Andrade em seu *Macunaima*, "um herói sem nenhum caráter".

RESOLUÇÃO:

A obra apresenta de forma cômica os mitos, os provérbios e o folclore brasileiro, não seguindo uma ordem cronológica e espacial; critica implicitamente a miscigenação e a religiosidade popular (catolicismo, paganismo, candomblé).

Resposta: E



(ORDONEZ, Marlene & QUEVEDO, Júlio. *História*. São Paulo: IBEP. p. 396.)

5 (UFSM) – A obra *Antropofagia*, de Tarsila do Amaral, sintetiza uma das características dos modernistas, em 1922, ou seja,

- a) renovação artística de inspiração europeia, voltada aos padrões externos, negando em definitivo a temática nacional.
- b) ufanismo brasileiro, expresso nas cores, formas e conteúdos, de inspiração nacionalista e de culto ao herói.

- c) renovação artística quanto à forma e ao conteúdo, repensando a cultura brasileira e a realidade nacional.
- d) revisão da temática brasileira, reavaliando os conteúdos artístico-culturais, impregnados da ideologia socialista e da estética surrealista.
- e) reprodução da estética europeia, incorporando cenas do cotidiano, porém sem liberdade de linguagem pictórica e literária.

RESOLUÇÃO:

O movimento antropofágico foi uma manifestação artística do modernismo brasileiro. Tendo por base o Manifesto Antropófago escrito por Oswald de Andrade, o movimento propunha o canibalismo (sentido figurado; deglutição), ou seja, a utilização da estética artística do modernismo europeu (forma), retratando temas da cultura nacional (conteúdo).

Resposta: C



6 (FUVEST – MODELO ENEM) – Sobre este quadro, *A Negra*, pintado por Tarsila do Amaral em 1923, é possível afirmar que

- a) se constituiu numa manifestação isolada, não podendo ser associada a outras mudanças da cultura brasileira do período.
- b) representou a subordinação, sem criatividade, dos padrões da pintura brasileira às imposições das correntes internacionais.
- c) estava relacionado a uma visão mais ampla de nacionalização das formas de expressão cultural, inclusive da pintura.
- d) foi vaiado, na sua primeira exposição, porque a artista pintou uma mulher negra nua, em desacordo com os padrões morais da época.
- e) demonstrou o isolamento do Brasil em relação à produção artística da América Latina, que não passara por inovações.

RESOLUÇÃO:

Tarsila do Amaral, importante representante do Modernismo brasileiro, expressa em *A Negra* a tendência do movimento no sentido de criar uma arte autenticamente nacional, ainda que vinculada em sua origem a uma tendência surgida na Europa (a tela em questão foi pintada por Tarsila, em Paris, em 1924).

Resposta: C